INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Causas de morte 2015

Edição 2017

Estatísticas oficiais

Causas de Morte 2015

Edição 2017

CAUSAS DE MORTE 2015
EDITOR
Instituto Nacional de Estatística, I.P.
Av. António José de Almeida
1000-043 Lisboa, Portugal
Telefone: +351 218 426 100
Fax: +351 218 454 084

www.ine.pt

PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETIVO
Alda de Caetano Carvalho

DESIGN, COMPOSIÇÃO
Instituto Nacional de Estatística, I.P.

PERIODICIDADE
Anual

ISSN 2183-5489
ISBN 978-989-25-0400-1

Páginas 113 e 116
Quadros atuakizados em 29-11-2017

Apoio | a clientes
808 201 808
(rede fixa nacional)
+ 351 218 440 695 (outras redes)

© INE, I.P., Lisboa · Portugal, 2017
A reprodução de quaisquer páginas desta obra é autorizada, excepto para fins comerciais, desde que

Apresentação

Com esta publicação, o Instituto Nacional de Estatística (INE) apresenta alguns resultados estatísticos relativos às causas das mortes ocorridas em Portugal em 2015, com desagregação até ao nível III da Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos (NUTS).

A análise e o apuramento dos dados de óbitos por causas de morte foram desenvolvidos pelo INE com base no aproveitamento de dados administrativos para fins estatísticos, designadamente do Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) e do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO). A codificação das causas de morte em CID-10 corresponde à efetuada pela Direção-Geral da Saúde no SICO, em linha com as diretrizes da Organização Mundial da Saúde.

Os resultados estatísticos apresentados nesta publicação têm origem na informação registada no SIRIC e no SICO até março de 2017, sendo provisórios.

A informação estatística disponível sobre mortalidade por causas de morte em Portugal é bastante mais abrangente do que a apresentada nesta publicação, destacando-se a que pode ser consultada no Portal de Estatísticas Oficiais.

Maio 2017

Foreword

Statistics Portugal releases statistical data regarding the mortality by causes of death in Portugal in 2015, disaggregated according to the level 3 of Nomenclature of territorial units for statistics (NUTS).

The analysis and calculation of deaths statistics were developed by Statistics Portugal based on administrative data used for statistical purposes, in particular the Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) and the Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO). The ICD-10 codification of causes of death was carried out by the Directorate-General of Health in accordance with the guidelines of the World Health Organization.

Statistical data presented in this publication derive from the information registered in SIRIC and SICO until March 2017, being yet provisional.

Statistical information available on mortality by causes of death in Portugal is much more extensive than the one presented in this publication, namely that available at Statistics Portugal website.

May 2017

Índice

Apresentação **3**
Sumário executivo **5**

1. Total de causas 14
2. Algumas doenças infeciosas e parasitárias 17
3. Tuberculose 20
4. VIH/SIDA Infeção por vírus da imunodeficiência humana 23
5. Tumores 26
6. Tumores malignos 29
7. Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão 32
8. Tumor maligno do cólon, reto e ânus 35
9. Tumor maligno da mama 38
10. Tumor maligno do estômago 41
11. Tumor maligno do pâncreas 43
12. Tumor maligno da próstata 46
13. Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas 48
14. Tumor maligno do colo do útero 51
15. Tumor maligno do ovário 53
16. Doença de Hodgkin 55
17. Leucemia 58
18. Tumor maligno da bexiga 61
19. Melanoma maligno da pele 63
20. Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários 66
21. Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas 69
22. Diabetes mellitus 72
23. Perturbações mentais e do comportamento 75
24. Demência 78
25. Abuso de álcool 81
26. Dependência de drogas, toxicomania 84
27. Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos 85
28. Doença de Parkinson 88
29. Doença de Alzheimer 91
30. Doenças do aparelho circulatório 94
31. Doença isquémica do coração 97
32. Enfarte agudo do miocárdio 100
33. Doenças cerebrovasculares 103
34. Doenças do aparelho respiratório 106
35. Influenza [Gripe] 109
36. Pneumonia 111
37. Doença pulmonar obstrutiva crónica 114
38. Asma e estado de mal asmático 117
39. Doenças do aparelho digestivo 120
40. Úlcera péptica 123
41. Doença crónica do fígado e cirrose 126
42. Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo 129
43. Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo 132
44. Doenças do aparelho geniturinário 135
45. Complicações da gravidez, parto e puerpério 138
46. Algumas afeções originadas no período perinatal 139
47. Malformações congénitas,deformidades e anomalias cromossómicas 142
48. Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas 145
49. Causas externas de lesão e envenenamento 148
50. Acidentes e sequelas 151
51. Acidentes de transporte e sequelas 154
52. Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda 157
53. Envenenamento acidental 160
54. Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas 162
55. Agressões e sequelas 165

Métodos de cálculo dos indicadores de saúde **168**
Conceitos, designações e fórmulas de cálculo **169**
Anexo 1 – Lista de causas de morte 171
Anexo 2 – Lista de quadros de resultados 173

Sumário executivo

Esta publicação apresenta alguns resultados estatísticos provisórios relativos à mortalidade por causas de morte em Portugal durante o ano de 2015. Os resultados estatísticos apresentados têm origem na informação registada no Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) e no Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO) até março de 2017, sendo ainda provisórios.

Os dados abrangem todos os óbitos ocorridos no País, ou seja, de residentes e não residentes. São apresentados de acordo com a localização da residência dos falecidos, pelo que os valores associados ao nível Portugal respeitam a óbitos de residentes no país, enquanto os valores relativos ao nível Total abrangem os óbitos de residentes em Portugal e de residentes no estrangeiro.

Na desagregação regional dos dados utiliza-se a versão das Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos, versão de 2013 (NUTS 2013).

Os resultados estatísticos encontram-se organizados em fichas individuais para 55 grupos de causas de morte, tendo-se tomado como referência a lista da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Para cada causa ou grupo de causas de morte são apresentadas contagens do número de óbitos por sexo, grupos etários e regiões de residência dos falecidos, bem como os seguintes indicadores derivados:

- Proporção de óbitos pela causa de morte (% em relação ao total da causa);

- Relação de masculinidade dos óbitos;

- Idade média ao óbito;

- Taxa bruta de mortalidade por sexo e grupos etários decenais;

- Taxa de mortalidade padronizada (todas as idades);

- Taxa de mortalidade padronizada (menos de 65 anos);

- Taxa de mortalidade padronizada (65 e mais anos);

- Óbitos esperados;

- Razão padronizada de mortalidade;

- Número total de anos potenciais de vida perdidos;

- Taxa de anos potenciais de vida perdidos;

- Número médio de anos potenciais de vida perdidos;

- Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos; e

- Dois indicadores de qualidade: Qui-quadrado e p-value.

Os dados estatísticos são enquadrados por uma análise descritiva para cada causa ou grupo de causas de morte.

A publicação inclui ainda os quadros de dados com informação desagregada por Total, NUTS I, II e III (NUTS 2013), sexo e grupos etários decenais (ou por grandes grupos de grupos etários, tais como menos de 65 anos ou 65 e mais anos) e um capítulo com a metodologia de cálculo dos indicadores derivados e ainda a lista das causas de morte em análise, com a respetiva codificação em CID-10.

De acordo com os resultados relativos à mortalidade por causas de morte, em 2015, verificaram-se:

- 108 922 óbitos no país, dos quais 383 óbitos foram de residentes no estrangeiro;

- por sexo, observaram-se 54 432 óbitos de homens e 54 490 de mulheres.

As doenças do aparelho circulatório:

- Constituíram a principal causa básica de morte, com 32 443 óbitos e representando 29,8% da mortalidade no país;

- Por sexo, a mortalidade masculina representou 26,5% das mortes por este grupo de causas, sendo a relação de masculinidade de 80,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos;

- A idade média ao óbito por esta causa foi de 81,0 anos, mais elevada para as mulheres (83,6 anos) do que para os homens (77,8 anos);

- A taxa bruta de mortalidade foi de 313,2 por 100 mil habitantes, também mais elevada para as mulheres (330,6) do que para os homens (293,9);

- A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 148,4 óbitos por 100 mil habitantes, significativamente mais elevada para idades de 65 e mais anos (1 122,3);

- O número de anos potenciais de vida perdidos foi de 47 850 anos, a taxa de anos potenciais de vida perdidos de 542,1 por 100 mil habitantes e o número médio de anos de vida perdidos de 10,9.

Nas mortes por doenças relativas ao aparelho circulatório destacam-se as mortes por doenças cerebrovasculares também designados por acidentes vasculares cerebrais (AVC), com 11 778 mortes no país, e as relacionadas com a doença isquémica do coração, com 7 328 mortes, em 2015.

Os tumores malignos:

- Foram a segunda causa básica de morte em 2015, com registo de 26 647 óbitos, o que correspondeu a 24,5% da mortalidade, no país (29,2% para os homens);

- A relação de masculinidade foi de 147,7 óbitos masculinos por cada 100 femininos;

- A idade média ao óbito devido a estas causas situou-se nos 72,8 anos, mais elevada para as mulheres (74,0 anos) do que para os homens (72,0);

- A taxa bruta de mortalidade foi de 257,2 óbitos por 100 mil habitantes, com valores mais elevados para os homens (323,4) do que para as mulheres (197,5);

- A taxa de mortalidade padronizada para idade de 65 e mais anos foi de 840,1 óbitos por 100 mil habitantes, com um valor significativamente superior para os homens (1 216,6) em relação às mulheres (574.9);

- A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 152,6 óbitos por 100 mil habitantes, mais elevada para os homens (213,5) do que para as mulheres (105,9);

- O número de anos potenciais de vida perdidos foi de 111 820 anos, a taxa de anos potenciais de vida perdidos, de 1 266,8 por 100 mil habitantes e o número médio de anos de vida perdidos, de 11,3.

Em 2015, das mortes provocadas por tumores malignos, destacaram-se as ocorridas por tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão, com 4 023 óbitos (3 041 homens e 982 mulheres); tumor maligno do cólon, reto e ânus, 3 847 óbitos (2 299 homens e 1 548 mulheres); tumor maligno do estômago, 2 340 óbitos (1 403 homens e 937 mulheres); tumor maligno da próstata, 1 723 óbitos; tumor maligno da mama, 1 709 óbitos, dos quais 1 690 óbitos foram da mama feminina; tumor maligno do pâncreas, 1 423 óbitos (753 homens e 670 mulheres) e tumor maligno da bexiga com 1 011 óbitos (743 homens e 268 mulheres).

As doenças do aparelho respiratório:

- Constituíram também uma das principais causas de morte em 2015, registando 13 470 óbitos (6 739 homens e 6 731 mulheres), equivalendo a 12,4% da mortalidade no país;

- A relação de masculinidade destes óbitos foi de 100,1 óbitos masculinos por cada 100 femininos;

- A idade média ao óbito foi de 83,0 anos, mais elevada nas mulheres (84,8 anos) do que nos homens (81,3 anos);

- A taxa bruta de mortalidade no país foi de 130,0 óbitos por 100 mil habitantes, de 137,2 para os homens e de 123,6 para as mulheres;

- A taxa de mortalidade padronizada para idade de 65 e mais anos foi de 473,6 óbitos por 100 mil habitantes, valor significativamente superior ao observado para o mesmo indicador de todas as idades (58,1);

- O número de anos de vida perdidos foi de 11 461 anos, a taxa de anos potenciais de vida perdidos, de 129,8 anos por 100 mil habitantes e o número médio de anos de vida perdidos, de 10,4.

Neste conjunto de óbitos estão incluídos os óbitos provocados por pneumonia (6 126) e ainda os óbitos por doença pulmonar obstrutiva crónica (2 827).

As doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas:

- Foram também umas das principais causas de morte no país, tendo provocado 5 766 óbitos (2 454 homens e 3 312 mulheres), o que corresponde a 5,3% da mortalidade no país em 2015.

- A relação de masculinidade ao óbito foi de 74,1 óbitos masculinos por cada 100 femininos;

- A idade média ao óbito foi de 80,2 anos, mais elevada nas mulheres (82,1 anos) do que nos homens (77,6 anos);

- A taxa bruta de mortalidade no país foi de 55,7 óbitos por 100 mil habitantes (60,8 para as mulheres e 49,9 para os homens);

- A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 26,8 óbitos por 100 mil habitantes, inferior à registada para idades de 65 e mais anos (205,2);

- O número de anos potenciais de vida perdidos foi de 8 437 anos, a taxa de anos potenciais de vida perdidos, de 95,6 por 100 mil habitantes e o número médio de anos de vida perdidos, de 10,3.

Neste grupo de doenças observaram-se 4 406 óbitos por diabetes mellitus, com uma relação de masculinidade foi de 76,3 óbitos masculinos por cada 100 femininos e uma idade média ao óbito de 80,6 anos.

As perturbações mentais e do comportamento [1] :

- Estiveram na origem de 3 267 óbitos em 2015 (1 270 homens e 1 997 mulheres), equivalendo a 3,0% da mortalidade no país (2,3% para os homens e 3,7% para as mulheres);

- A relação de masculinidade destes óbitos foi de 63,6 óbitos masculinos por cada 100 óbitos femininos;

- A idade média ao óbito foi de 84,5 anos, mais elevada nas mulheres com 85,8 anos do que nos homens (82,4 anos);

- A taxa bruta de mortalidade no país foi de 31,5 óbitos por 100 mil habitantes, com valores mais elevados para as mulheres (36,7);

- A taxa de mortalidade padronizada para idade de 65 e mais anos foi de 114,7 óbitos por 100 000 habitantes, valor significativamente superior ao observado para o mesmo indicador relativo a todas as idades (13,5).

- O número de anos potenciais de vida perdidos foi de 1 900 anos, a taxa de anos potenciais de vida perdidos, de 21,5 anos por 100 mil habitantes e o número médio de anos de vida perdidos, de 12,0.

No conjunto das mortes provocadas por Perturbações mentais e do comportamento, 94,2% correspondem a **mortes por demência** (3 076 óbitos, dos quais 1 146 óbitos masculinos e 1 930 óbitos femininos):

- A relação de masculinidade dos óbitos por demência foi de 59,4 óbitos masculinos por cada 100 óbitos femininos;

- A idade média ao óbito foi de 85,5 anos, (nas mulheres situou-se em 86,2 anos e nos homens em 84,5 anos).

- A taxa bruta de mortalidade no país foi de 29,7 óbitos por 100 mil habitantes, mais elevada nas mulheres (35,4) do que nos homens (23,3).

- A taxa de mortalidade padronizada para 65 e mais anos foi de 110,2 óbitos por 100 mil habitantes, valor significativamente superior ao observado para o mesmo indicador para todas as idades (12,3).

- O número de anos potenciais de vida perdidos por demência foi de 330 anos, a taxa de anos potenciais de vida perdidos, de 3,7 anos por 100 mil habitantes e o número médio de anos de vida perdidos, de 5,5.

Em 2015, os sintomas, sinais, exames anormais e causas mal definidas representaram 6,3% dos óbitos ocorridos em Portugal (6 914).

[1] Em 2013, a Direção-Geral da Saúde procedeu à revisão de alguns pressupostos de codificação da causa de morte básica relativamente a algumas situações de demência e perturbações mentais, classificadas em "Perturbações mentais e do comportamento" (códigos F00-F99 da CID-10), de que resultou uma quebra de série para este conjunto de causas de morte, pelo que as comparações temporais devem ter conta este aspeto.

Executive summary

This publication presents some provisional statistical data regarding the mortality by causes of death in Portugal in 2015. Statistical data presented derive from the information registered in Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) and in Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO) until March 2017, being therefore provisional.

Data are comprehensive for all deaths that occurred in the country, i.e., both of residents and non-residents. Statistical outcomes are presented according to the place of residence of the deceased, and therefore the values associated with the term Portugal refer to deaths of residents in the country, while the values related to the term Total refer to deaths of residents in Portugal and abroad.

The regional breakdown of data is in accordance to the Nomenclature of territorial units for statistics, 2013 version (NUTS 2013).

Statistical results are organized in individual summaries, one for each of the 55 groups of causes of death with reference to the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) list.

Each individual summary includes counts of deaths by sex, age group and region of residence, as well as the following indicators:

- Share of deaths by cause of death (% of total deaths by cause);
- Sex ratio (males per 100 Females);
- Average age at death;
- Crude death rate by sex and decennial age groups;
- Standardised mortality rate (all ages);
- Standardised mortality rate (less than 65 years of age);
- Standardised mortality rate (65 years and over);
- Expected deaths;
- Standardised mortality ratio;
- Total number of potential years of life lost;
- Rate of potential years of life lost;
- Average number of potential years of life lost;
- Standardised rate of potential years of life lost; and
- Two quality indicators: chi-square and p-value.

Statistical data are framed by a descriptive analysis for each cause or group of causes of death.

The publication also presents data detailed by Total, NUTS 1, NUTS 2 and NUTS 3 (NUTS 2013), sex and decennial age groups (or by large groups of age, such as below 65 years of age and 65 years and older) and a chapter on the methodolgy to calculate the indicators and also the list of causes of death in analysis, with the respective codes in ICD-10.

According to the results of mortality by causes of death in 2015, there were:

- 108,922 deaths in the country (including 383 deaths of people living abroad), of which

- 54,432 deaths of men and 54,490 women.

Diseases of the circulatory system:

- Were the main cause of death in 2015, with 32,443 deaths, accounting for 29.8% of mortality in the country;

- By sex, male mortality accounted for 26.5% of deaths caused by diseases of the circulatory system, with a sex ratio of 80.2 male deaths per 100 female deaths;

- The average age at death was 81.0 years, higher for women (83.6) than for men (77.8);

- The crude death rate accounted for 313.2 deaths per 100 thousand inhabitants, also higher for women (330.6) than for men (293.9);

- The standardised mortality rate across all ages was 148.4 deaths per 100 thousand inhabitants, significantly higher for 65 years of age and over (1,122.3);

- The number of potential years of life lost due to the diseases of the circulatory system was 47,850, while the rate of potential years of life lost was 542.1 per 100 thousand inhabitants and the average number of potential years of life lost, 10.9.

In the year under review, deaths due to diseases of the circulatory system, were mainly associated to cerebrovascular diseases, accounting for 11,778 deaths in the country, and to those related to ischaemic heart disease, with 7,328 deaths.

Malignant neoplasms:

- Were the second main cause of death in the country in 2015, causing 26,647 deaths, which accounted for 24.5% of mortality (29.2% in the case of male mortality);

- The corresponding sex ratio was 147.7 male deaths per 100 female deaths;

- The average age at death was 72.8 years, higher for women (74.0 years) than for men (72.0);

- The crude death rate due to malignant neoplasms was 257.2 deaths per 100 thousand inhabitants, higher for men (323.4) than for women (197.5);

- The standardised mortality rate for ages 65 years and over was 840.1 deaths per 100 thousand inhabitants, significantly higher for men (1,216.6) than for women (574.9);

- The standardised mortality rate across all ages was 152.6 deaths per 100 thousand inhabitants, higher for men (213.5) than for women (105.9);

- The number of potential years of life lost accounted for 111,820 years, while the potential years of life lost rate was 1,266.8 per 100 thousand inhabitants and the average number of potential years of life lost was 11.3.

In 2015 of malignant neoplasms deaths as a whole, the main causes were associated to malignant neoplasms of trachea, bronchus and lung with 4,023 deaths (of which, 3,041 men and 982 women), colon, rectum and anus with 3,847 deaths (of which, 2,299 men and 1,548 women), malignant neoplasms of stomach with 2,340 deaths (of which, 1,403 men and 937 women), malignant neoplasms of prostate (1,723), malignant neoplasms of breast (1,709, of which 1,690 female breast cancer deaths), malignant neoplasms of pancreas with 1,423 deaths (of which, 753 men and 670 women) and malignant neoplasms of bladder with 1,011 deaths (of which, 743 men and 268 women).

Diseases of the respiratory system:

- Were also one of the main causes of death in 2015, accounting for 13,470 deaths (of which, 6,739 men and 6,731 women), and 12.4% of mortality in the country.

- The corresponding sex ratio was 100.1 male deaths per 100 female deaths;

- The average age at death was 83.0 years, higher for women (84.8) than for men (81.3).

- The crude death rate in the country caused by diseases of the respiratory system was 130.0 deaths per 100 thousand inhabitants, higher for men (137.2) than for women (123.6).

- The standardised mortality rate for ages 65 years and older was 473.6 deaths per 100 thousand inhabitants, significantly higher than the value of the indicator across all ages (58.1).

- The number of potential years life lost was 11,461 years, the potential years of life lost rate was 129.8 per 100 thousand inhabitants and the average number of potential years of life lost was 10.4.

Of deaths due to diseases of the respiratory system as a whole, 6,126 were due to pneumonia and 2,827 to chronic obstructive pulmonary disease.

Endocrine, nutritional and metabolic diseases:

- Were also important causes of death in 2015, with 5,766 deaths (of which, 2,454 men and 3,312 women), accounting for 5.3% of mortality in the country;

- The corresponding sex ratio was 74.1 male deaths per 100 female deaths;

- The average age at death was 80.2 years, higher for women (82.1 years) than for men (77.6 years);

- The crude death rate in the country due to endocrine, nutritional and metabolic diseases was 55.7 deaths per 100 thousand inhabitants, higher for women (60.8) than for men (49.9);

- The standardised mortality rate across all ages was 26.8 deaths per 100 thousand inhabitants, lower than for ages with 65 years and over (205.2);

The number of potential years of life lost was 8,437 years, the rate of potential years of life lost was 95.6 years per 100 thousand inhabitants and the average number of potential years of life lost was 10.3.

Of deaths due to endocrine, nutritional and metabolic diseases as a whole in 2015, there were 4,406 deaths due to diabetes mellitus, with a sex ratio of 76.3 males per 100 females and an average age at death of 80.6 years.

Mental and behavioural disorders [1] :

- Caused 3,267 deaths in the country in 2015 (of which, 1,270 men and 1,997 women), accounting for 3.0% of mortality in the country (2.3% for men and 3.7% for women);

- The corresponding sex ratio was 63.6 male deaths per 100 female deaths;

- The average age at death was 84.5 years, higher for women (85.8 years) than for men (82.4 years);

- The crude death rate in the country due to mental and behavioural disorders was 31.5 deaths per 100 thousand inhabitants, higher for women (36.7);

- The standardised mortality rate for ages 65 years and older was 114.7 deaths per 100 thousand inhabitants, significantly higher than the value of the indicator across all ages (13.5).

- The number of potential years of life lost was 1,900 years, the rate of potential years of life lost was 21.5 years per 100 thousand inhabitants and the average number of potential years of life lost was 12.0.

Of deaths due to mental and behavioural disorders as a whole in 2015, 94.2% were deaths for dementia (accounting for 3,076 deaths, of which 1,146 men and 1,930 women):

- The sex ratio was 59.4 male deaths per 100 female deaths;

- The average age at death was 85.5 years, higher for women (86.2 years) than for men (84.5 years);

- The crude death rate in the country due to dementia was 29.7 deaths per 100 thousand inhabitants, higher for women (35.4) than for men (23.3);

- The standardised mortality rate for ages 65 years and older was 110.2 deaths per 100 thousand inhabitants, significantly higher than the value of the indicator across all ages (12.3);

- The number of potential years of life lost due to dementia was 330 years, the rate of potential years of life lost was 3.7 years per 100 000 inhabitants and the average number of potential years of life lost was 5.5.

In 2015, 6.3% of the causes of deaths reported in Portugal (6,914) were caused by ill-defined causes, symptoms and signs.

[1] In 2013, the Directorate-General of Health changed the guidelines for the codification of the underlying causes of death related to some conditions of dementia and mental disorders, classified in “Mental and behavioural disorders (F00-F99)”, resulting in a break in the series for these causes of death to be carefully considered in temporal comparisons.

SINAIS CONVENCIONAIS

- = dado nulo ou não aplicável

UNIDADES DE MEDIDA

N.º = número

% = percentagem

SIGLAS E ABREVIATURAS

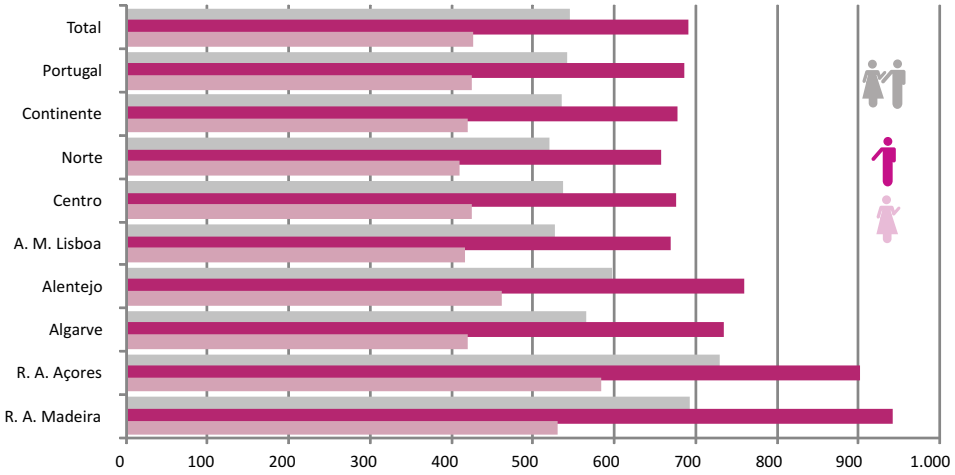
A.M.Lisboa	=	Área Metropolitana de Lisboa
CID-10	=	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – 10.ª revisão
	=	Homens
	=	Mulheres
NUTS II	=	Nível 2 da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
NUTS III	=	Nível 3 da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
R.A.Açores	=	Região Autónoma dos Açores
R.A.Madeira	=	Região Autónoma da Madeira
	=	Total dos dois sexos
VIH	=	Vírus da imunodeficiência humana

Fichas de Causas de morte

1. Total de causas

CID-10: A00-Y89

Taxas de mortalidade padronizadas pelo total de causas (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 108 922 mortes (108 539 óbitos de residentes e 383 óbitos de não residentes). Por sexo, observaram-se 54 432 óbitos de homens e 54 490 de mulheres.

O maior número de óbitos corresponde às Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (25,1% e 14,0%, respetivamente). Nas regiões do Alto Tâmega (1,2%), da Beira Baixa e do Alentejo Litoral (1,3% em ambos os casos) observaram-se as menores percentagens de óbitos.

A relação de masculinidade ao óbito para o Total foi de 99,9 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados deste indicador registaram-se no Alentejo Litoral (124,8) e na região do Algarve (115,0). Por outro lado, os valores mais reduzidos verificaram-se no Alto Minho (90,4) e na Região Autónoma da Madeira (91,3).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 78,0 anos (75,1 para os homens e 81,0 para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas foram observadas nas regiões da Beira Baixa (81,0), nas Beiras e Serra da Estrela (80,9) e no Alto Alentejo (80,3 anos). A idade média ao óbito mais baixa foi de 75,1 anos, registada na Região Autónoma dos Açores seguindo-se a ainda a Região Autónoma da Madeira, com 75,8 anos.

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade em 2015 foi de 1 051,4 óbitos por 100 000 habitantes (1 107,8 para os homens e 1 000,4 para as mulheres). A taxa mais elevada foi observada na região do Alto Alentejo (1 713,1) e a mais baixa na região do Cávado (753,9). Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 544,6 óbitos por 100 000 habitantes (690,5 para os homens e 427,1 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador observam-se para a Região Autónoma dos Açores, 729,3 para o total dos residentes nesta região e 584,0 para as mulheres e para os homens, na Região Autónoma da Madeira (942,0).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 166,8 óbitos por 100 000 habitantes, ao passo que para as idades de 65 e mais anos foi de 3 601,7. As taxas mais elevadas para idades inferiores a 65 anos observaram-se para a Região Autónoma dos Açores (231,3 para o total dos residentes nesta região e para as mulheres (138,0), sendo que para os homens se verificou no Baixo Alentejo (334,0). Os valores mais baixos foram registados na região do Cávado (130,9 para o total dos residentes nesta região, na Região de Leiria para os homens (186,2) e na região do Ave para as mulheres (70,1).

A taxa de mortalidade padronizada mais elevada para idades de 65 e mais anos verificou-se na Região Autónoma dos Açores com 4 758,3 e para as mulheres (4 192,4) e na Região Autónoma da Madeira para os homens (6 111,5). Por outro lado, a taxa mais baixa foi de 3 267,0 e verificou-se na região do Alto Tâmega, onde ainda se registaram os valores mais baixos para os homens (4 032,3) e para as mulheres (2 687,7).

As razões de mortalidade padronizadas mais elevadas em 2015 verificaram-se na Região Autónoma dos Açores (133,5) e na Região Autónoma da Madeira (127,2). Para os homens, o valor mais elevado deste indicador corresponde à Região Autónoma da Madeira (137,3), e para as mulheres corresponde à Região Autónoma dos Açores (136,3). As razões de mortalidade mais reduzidas foram observadas no Cávado, 91,8 para o total de residentes nesta região e 91,5 para os homens e no Alto Tâmega para as mulheres, 90,6.

Em 2015, ao nível do país (Total), o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 309 402 anos (210 925 para os homens e 98 477 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram observados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (84 434) e do Porto (50 353) e os mais baixos na região da Beira Baixa (2 564 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos no mesmo ano e ao nível do país (Total) foi de 3 505,2 anos por 100 000 habitantes (4 904,7 para os homens e 2 175,6 para as mulheres). A taxa mais alta registou-se na região do Baixo Alentejo (4 873,7) e a mais baixa na região do Cávado (2 535,3).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, foi de 3 268,4 anos por 100 000 habitantes (4 574,1 para os homens e 2 057,8 para as mulheres). A taxa mais elevada foi observada na região do Baixo Alentejo (4 663,0) e a mais baixa registou-se no Cávado (2 380,7).

No ano em análise, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 13,3 anos (13,3 para os homens e 13,2 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na Região Autónoma dos Açores (15,2) e na região do Tâmega e Sousa (14,4), enquanto o valor mais baixo se verificou na região das Beiras e Serra da Estrela (11,8 anos).

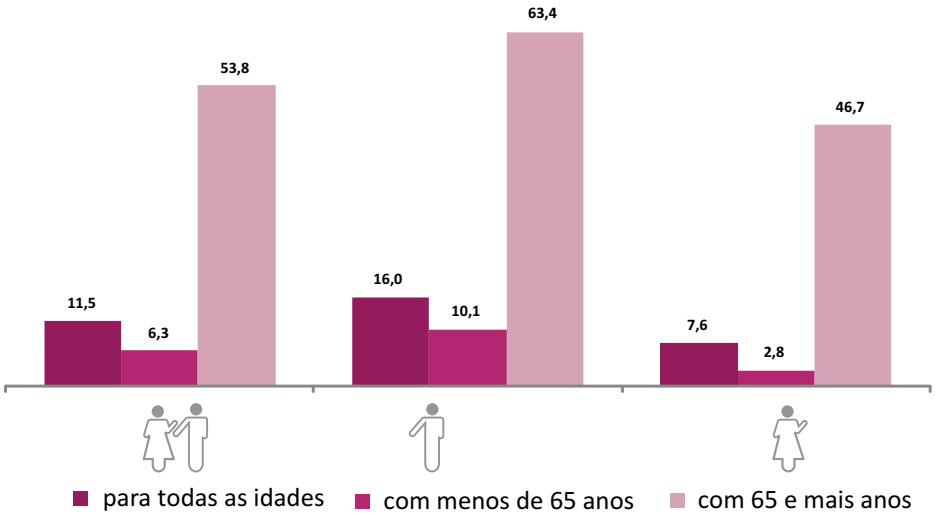
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Total de causas (CID-10: A00-Y89)			
Total de óbitos (N.º)	108.922	54.432	54.490
Idade média à morte (N.º de anos)	78,0	75,1	81,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	100,0	100,0	100,0
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	16.547	11.420	5.127
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	92.361	43.000	49.361
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	23.276	15.838	7.438
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	76.640	33.031	43.609
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	544,6	690,5	427,1
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	166,8	240,5	99,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	3.601,7	4.331,9	3.076,0
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	1.051,4	1.107,8	1.000,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	309.402	210.925	98.477
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	3.505,2	4.904,7	2.175,6
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	13,3	13,3	13,2
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	3.268,4	4.574,1	2.057,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

2. Algumas doenças infeciosas e parasitárias

CID-10: A00-B99

Taxas de mortalidade padronizadas por algumas doenças infeciosas e parasitárias (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo– 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total), 1 993 mortes (1 988 óbitos de residentes e 5 óbitos de não residentes) devido a Algumas doenças infeciosas e parasitárias (A00-B99). Por sexo, verificaram-se 1 098 óbitos de homens e 895 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte abrangente a todos os grupos etários, com maior expressão a partir dos 35 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 1,8% da mortalidade no país, correspondendo a 2,0% do total de óbitos de homens e a 1,6% no caso das mulheres. Nas regiões da Área Metropolitana de Lisboa e do Alto Tâmega, 2,4% e 2,2% do total de mortes, respetivamente, resultaram destas causas, correspondendo aos valores mais elevados verificados no país. Na região do Ave observou-se o valor mais baixo (0,9%).

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (32,2%) e do Porto (15,2%).

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, foi de 122,7 óbitos masculinos por cada 100 femininos, em 2015. O valor mais elevado deste indicador registou-se na região do Algarve (259,3). Por outro lado, a relação mais baixa verificou-se para a região do Alto Alentejo (70,0).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 72,2 anos (67,1 para os homens e 78,5 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada registou-se em Terras de Trás-os-Montes (82,8). As idades médias ao óbito mais baixas foram observadas na Região Autónoma dos Açores, 61,0 anos e em Viseu Dão Lafões, 67,3 anos.

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Algumas doenças infeciosas e parasitárias, em 2015, foi de 19,2 óbitos por 100 000 habitantes (22,3 para os homens e 16,4 para as mulheres). A taxa mais elevada foi observada na região do Alto Tâmega (31,2), ao passo que a mais baixa se registou na região do Ave (6,9).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 11,5 óbitos por 100 000 habitantes (16,0 para os homens e 7,6 para as mulheres). Numa análise regional, verifica-se que os valores mais elevados se observam na Área Metropolitana de Lisboa, 14,9 para o total dos residentes nesta região, na Região Autónoma da Madeira para os homens (25,6) e no Alentejo Litoral para as mulheres (11,3).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 53,8 óbitos por 100 000 habitantes (63,4 para os homens e 46,7 para as mulheres). Os valores mais elevados registaram-se na região Autónoma da Madeira (78,8). Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 6,3 óbitos por 100 000 habitantes (10,1 para os homens e 2,8 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas, em 2015, verificaram-se na região Autónoma da Madeira (129,3), e na Área Metropolitana de Lisboa (123,2), enquanto as razões mais baixas foram observadas nas regiões do Ave (42,3) e do Cávado (49,2).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 13 051 anos (9 898 para os homens e 3 154 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi atingido na Área Metropolitana de Lisboa (4 937), ao passo que o valor mais reduzido foi observado na região de Terras de Trás-os-Montes (18 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 147,9 anos por 100 000 habitantes (230,1 para os homens e 69,7 para as mulheres). Nas regiões do Alentejo Litoral observou-se a taxa mais elevada (293,7). A taxa mais reduzida foi calculada para a região de Terras de Trás-os-Montes (20,2).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 136,1 anos por 100 000 habitantes (211,6 para os homens e 66,2 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram observados na Região Autónoma dos Açores (266,5) e no Alentejo Litoral (265,5), e o mais baixo, na região de Terras de Trás-os-Montes (11,5).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 18,1 anos (18,1 para os homens e 18,3 para as mulheres). Este indicador apresentou os valores mais elevados na Região Autónoma dos Açores (28,1), do Alentejo Litoral (25,3) e do Alentejo Central (22,5), enquanto o valor mais baixo foi observado na região de Terras de Trás-os-Montes (5,8 anos).

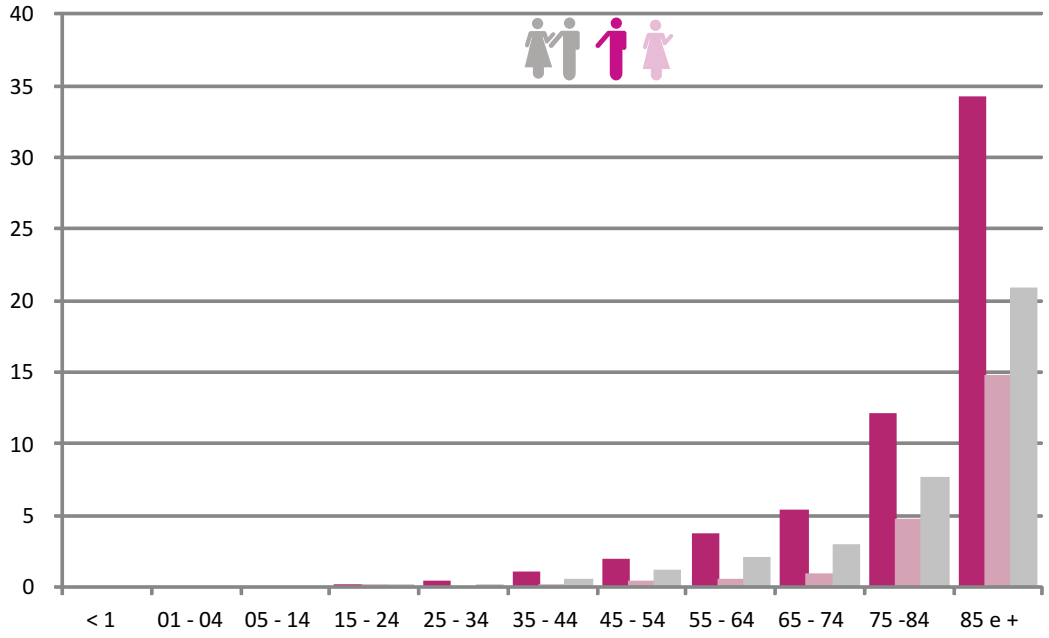
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Algumas doenças infeciosas e parasitárias (CID-10: A00-B99)			
Total de óbitos (N.º)	1.993	1.098	895
Idade média à morte (N.º de anos)	72,2	67,1	78,5
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	1,8	2,0	1,6
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	610	472	138
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	1.383	626	757
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	720	548	172
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	1.151	473	678
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	11,5	16,0	7,6
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	6,3	10,1	2,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	53,8	63,4	46,7
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	19,2	22,3	16,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	13.051	9.898	3.154
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	147,9	230,1	69,7
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	18,1	18,1	18,3
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	136,1	211,6	66,2

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

3. Tuberculose

CID-10: A15-A19, B90

Taxas brutas de mortalidade por tuberculose (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total), 209 mortes (todas de residentes no país) devido a Tuberculose (A15-A19). Esta causa de morte atingiu principalmente os homens, aos quais correspondeu cerca de 68,4% do total de mortes (143 óbitos de homens e 66 de mulheres). Trata-se de um grupo de causas de morte com maior expressão a partir dos 75 anos de idade.

Os óbitos provocados por esta doença representaram 0,2% da mortalidade no país, correspondendo a 0,3% do total de óbitos de homens e a 0,1% no caso das mulheres.

Nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto registaram-se o maior número de óbitos por esta causa, 33,0% e 21,1%, respetivamente, ultrapassando metade do total de óbitos, por esta causa, verificados no país.

A relação de masculinidade ao óbito, para o Total, foi de 216,7 óbitos masculinos por cada 100 femininos, em 2015. Nas regiões do Algarve (700), do Cávado e do Douro registaram-se os valores mais elevados, 500,0 em cada uma.

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 72,8 anos (70,3 para os homens e 78,1 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador foi registado na região de Terras de Trás-os-Montes (89,0). A idade média ao óbito mais baixa (60,4) foi observada na região de Viseu Dão Lafões.

No país (Total) a taxa bruta de mortalidade devido a Tuberculose, em 2015, foi de 2,0 óbitos por 100 000 habitantes (2,9 para os homens e 1,2 para as mulheres). Apenas nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto se registaram mais de 25 óbitos por esta causa, correspondendo a taxas brutas de mortalidade de 2,5, em cada.

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 1,2 óbitos por 100 000 habitantes (2,0 para os homens e 0,6 para as mulheres). Numa análise regional, verifica-se que as taxas mais elevadas foram registadas nas regiões do Médio Tejo (1,8) e do Alentejo Central (1,8).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 5,9 óbitos por 100 000 habitantes (9,5 para os homens e 3,4 para as mulheres). Para as idades inferiores a 65 anos a taxa foi de 0,6 óbitos por 100 000 habitantes (1,0 para os homens e 0,2 para as mulheres).

Para o Total, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas, em 2015, verificaram-se na Área Metropolitana do Porto (138,4) e no Douro (130,2).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por Tuberculose foi de 1 178 anos (948 para os homens e 230 para as mulheres). O valor mais alto deste indicador foi registado na região da Área Metropolitana do Porto (335), seguindo-se a da Área Metropolitana de Lisboa (300 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, no país, em 2015, foi de 13,3 anos por 100 000 habitantes (22,0 para os homens e 5,1 para as mulheres). A taxa mais elevada foi calculada para a região do Alentejo Central (46,8).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 11,8 anos por 100 000 habitantes (19,6 para os homens e 4,6 para as mulheres). A taxa mais elevada registou-se na região do Alentejo Central (54,5).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 15,3 anos (15,0 para os homens e 16,4 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram observados nas regiões de Viseu Dão Lafões e do Alentejo Central, ambas com 30,0 anos.

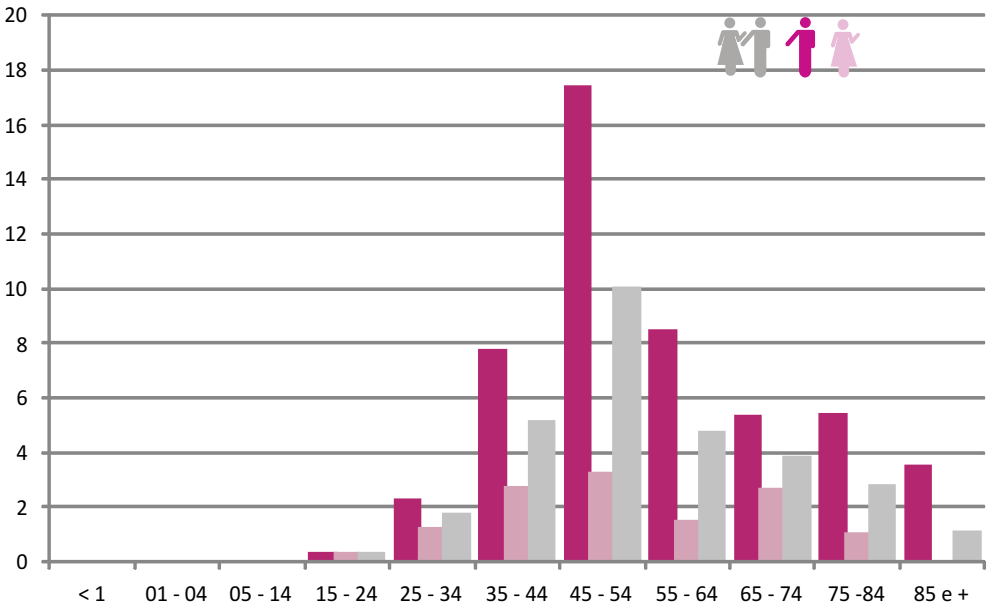
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tuberculose (CID-10: A15-A19, B90)			
Total de óbitos (N.º)	209	143	66
Idade média à morte (N.º de anos)	72,8	70,3	78,1
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,2	0,3	0,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	61	50	11
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	148	93	55
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	77	63	14
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	116	67	49
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	1,2	2,0	0,6
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,6	1,0	0,2
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	5,9	9,5	3,4
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	2,0	2,9	1,2
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	1.178	948	230
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	13,3	22,0	5,1
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	15,3	15,0	16,4
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	11,8	19,6	4,6

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

4. VIH/SIDA Infeção por vírus da imunodeficiência humana

CID-10: B20-B24

Taxas brutas de mortalidade por VIH/SIDA (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total), 392 mortes (390 óbitos de residentes no país e 2 óbitos de não residentes) devido a Doenças pelo vírus da imunodeficiência humana [VIH/SIDA] (B20-B24). Esta causa de morte atingiu principalmente os homens, aos quais correspondeu cerca de 76,8% do total de mortes (301 óbitos de homens e 91 de mulheres). Trata-se de um grupo de causas de mortes abrangentes a todos os grupos etários a partir dos 15 anos e que atinge os valores mais expressivos nos óbitos ocorridos com mais de 35 anos de idade.

Os óbitos provocados por esta causa de morte representaram 0,4% da mortalidade no país, e correspondeu a 0,6% do total de óbitos masculinos e a 0,2% no caso das mulheres.

Na Área Metropolitana de Lisboa, 0,7% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país.

As Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto registaram o número de óbitos mais elevado, concentrando 61,0% das mortes por estas causas (46,7% e 14,3%, respetivamente).

A relação de masculinidade ao óbito, para o Total, foi de 330,8 óbitos masculinos por cada 100 femininos, em 2015. Os valores mais elevados deste indicador observaram-se na região da Lezíria do Tejo (800,0), seguindo-se a do Médio Tejo, a Região de Coimbra e a Região de Leiria (500,0 em cada uma).

A idade média ao óbito em 2015, para o Total, foi de 52,2 anos (52,4 para os homens e 51,5 para as mulheres). Os valores mais elevados verificaram-se nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (77,5) e do Baixo Alentejo (62,5), enquanto na região do Tâmega e Sousa foi observada a idade média ao óbito mais baixa (37,5 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Doenças pelo vírus da imunodeficiência humana [VIH/SIDA], em 2015, foi de 3,8 óbitos por 100 000 habitantes (6,1 para os homens e 1,7 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador registaram-se na Área Metropolitana de Lisboa (6,5) e no Alentejo Litoral (6,3). Nos homens, as taxas mais elevadas verificaram-se na Área Metropolitana de Lisboa (10,0) e no Oeste (9,3) enquanto nas mulheres se verificaram na região do Alentejo Litoral (4,1) seguida da Área Metropolitana de Lisboa e do Alto Alentejo (3,4 em cada uma delas).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 3,3 óbitos por 100 000 habitantes (5,4 nos homens e 1,5 nas mulheres). Os valores mais elevados registaram-se na região do Alentejo Litoral (6,6 para o total dos residentes nesta região e 4,9 para as mulheres) e na Área Metropolitana de Lisboa para os homens (9,1).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 3,3 óbitos por 100 000 habitantes (5,4 para os homens e 1,4 para as mulheres), enquanto para as idades de 65 e mais anos foi também de 3,3 (mais elevadas nos homens 5,2 do que para as mulheres 2,0).

As razões de mortalidade padronizadas mais elevadas em 2015 verificaram-se na Área Metropolitana de Lisboa (177,4) e no Alentejo Litoral (166,0). Por sexo, este indicador apresentou os valores mais elevados para os homens na Área Metropolitana de Lisboa (168,7) e para as mulheres na região do Alentejo Litoral (255,8).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 7 275 anos (5 535 para os homens e 1 740 para as mulheres). Os valores mais elevados observaram-se na Área Metropolitana de Lisboa com 3 338 anos (2 330 nos homens e 1 008 nas mulheres), e na Área Metropolitana do Porto, com 1 070 anos (890 nos homens e 180 nas mulheres).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, ao nível do país, em 2015, foi de 82,4 anos por 100 000 habitantes (128,7 para os homens e 38,4 para as mulheres). As taxas mais elevadas verificaram-se na região do Alentejo Litoral (219,5) e na Área Metropolitana de Lisboa (138,9). Por sexo, este indicador apresentou valores mais elevados na região do Alentejo Litoral com 252,9 para os homens e 184,7 para as mulheres.

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 72,8 anos por 100 000 habitantes (114,6 para os homens e 34,4 para as mulheres). Os valores mais elevados observaram-se na região do Alentejo Litoral (197,4) e na Área Metropolitana de Lisboa (124,5).

No ano em análise, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 20,9 anos (20,5 para os homens e 22,3 para as mulheres). Os valores mais elevados registaram-se nas regiões do Tâmega e Sousa (32,5) e do Alentejo Litoral (28,3). Os valores mais baixos para este indicador foram calculados para a região do Baixo Alentejo (7,5 anos).

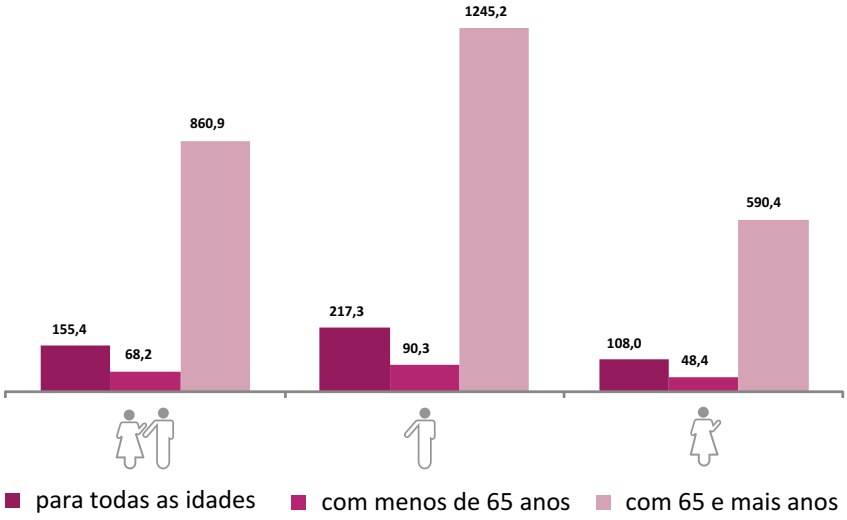
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: VIH/SIDA - Infeção por vírus da imunodeficiência humana (CID-10: B20-B24)			
Total de óbitos (N.º)	392	301	91
Idade média à morte (N.º de anos)	52,2	52,4	51,5
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,4	0,6	0,2
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	325	255	70
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	67	46	21
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	348	270	78
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	25	20	5
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	3,3	5,4	1,5
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	3,3	5,4	1,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	3,3	5,2	2,0
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	3,8	6,1	1,7
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	7.275	5.535	1.740
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	82,4	128,7	38,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	20,9	20,5	22,3
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	72,8	114,6	34,4

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

5. Tumores

CID-10: C00-D48

Taxas de mortalidade padronizadas por tumores (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total), 27 231 mortes (27 174 óbitos de residentes e 57 de não residentes) devido a Tumores (C00-D48). Por sexo, verificaram-se 16 210 óbitos de homens e 11 021 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte abrangente a todos os grupos etários, a partir de um ano, com valores crescentes à medida que a idade é mais elevada.

As mortes provocadas por estas causas representaram 25,0% da mortalidade no país, equivalendo a 29,8% do total óbitos de homens e a 20,2% no caso das mulheres. Na Área Metropolitana de Lisboa a mortalidade por estas causas correspondeu a 27,9% do total de óbitos e na Área Metropolitana do Porto a 27,5%. No Alto Alentejo registou-se o valor mais baixo (18,7%).

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observou-se na Área Metropolitana de Lisboa (28,0%) seguindo-se a Área Metropolitana do Porto (15,4%).

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, em 2015, foi de 147,1 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país este indicador foi superior a 100. Os valores mais elevados foram registados na região do Alentejo Litoral (207,5) e no Baixo Alentejo (168,9), enquanto os mais baixos se observaram na Região Autónoma da Madeira (115,9) e na Região de Coimbra (133,7).

A idade média ao óbito, para o Total, em 2015, foi de 73 anos (72,2 para os homens e 74,1 para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas foram registadas nas regiões da Beira Baixa (76,4) e ainda no Alto Tâmega e no Alentejo Litoral (75,9 em cada). Na Região Autónoma dos Açores a idade média ao óbito apresentou o valor mais reduzido, de 69,9 anos seguida da Região Autónoma da Madeira com 71,0 anos. Em todas as regiões do país, com exceção para o Alentejo Litoral, a idade média ao óbito observada para os homens foi sempre inferior à das mulheres.

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Tumores, em 2015, foi de 262,8 óbitos por 100 000 habitantes (329,9 nos homens e 202,3 nas mulheres). As taxas brutas mais elevadas foram observadas nas regiões de Terras de Trás-os--Montes (361,6), e da Beira Baixa (355,7). Ao invés, as taxas brutas mais baixas registaram-se nas regiões do Tâmega e Sousa (184,4) e do Cávado (201,4).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 155,4 óbitos por 100 000 habitantes (217,3 nos homens e 108,0 nas mulheres). Na Região Autónoma dos Açores e no Baixo Alentejo foram registados os valores mais elevados (196,8 e 169,5, respetivamente).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 68,2 óbitos por 100 000 habitantes (90,3 para os homens e 48,4 para as mulheres). As taxas para as idades de 65 e mais anos atingem valores mais elevados: 860,9 óbitos por 100 000 habitantes (1 245,2 para os homens e 590,4 para as mulheres). Os valores mais elevados para este grupo etário foram calculados para a Região Autónoma dos Açores (1 013,6) e para o Alentejo Litoral (935,7).

Para este conjunto de causas, em 2015, a razão de mortalidade padronizada mais elevada verificou-se na Região Autónoma dos Açores e no Alentejo Litoral (125,8 e 108,8, respetivamente). Por outro lado, a razão mais baixa ocorreu na região do Tâmega e Sousa, com 87,8 para o total de residentes, e ainda, na Região de Leiria para os homens (86,7) e no Alto Tâmega para as mulheres (86,9).

Para o Total, no ano em análise, o número total de anos potenciais de vida perdidos foi de 112 975 anos (69 027 para os homens e 43 948 para as mulheres). O valor mais alto para este indicador foi registado na Área Metropolitana de Lisboa (31 917) e o mais baixo na Beira Baixa (798 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 1 279,9 anos por 100 000 habitantes (1 605,1 para os homens e 970,9 para as mulheres). As taxas mais elevadas verificaram--se nas regiões das Terras de Trás-os-Montes (1 760,9) e na Região Autónoma dos Açores (1 505,4). Por outro lado, as taxas mais baixas foram de 978,9 na Região de Leiria e de 1 044,2 na região do Tâmega e Sousa.

Em 2015, para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 1 087,1 anos por 100 000 habitantes (1 383,9 para os homens e 819,4 para as mulheres). A taxa mais elevada foi observada em Terras de Trás-os-Montes (1 459,1) e a mais baixa na Região de Leiria (803,8).

Para o Total, no ano em análise, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 11,3 anos (10,8 para os homens e 12,1 para as mulheres). O número mais elevado foi registado na Região Autónoma dos Açores (12,5) seguindo-se ainda a Região Autónoma da Madeira e o Cávado (com 12,3 em cada uma) e o mais reduzido na região do Alto Alentejo (9,8 anos).

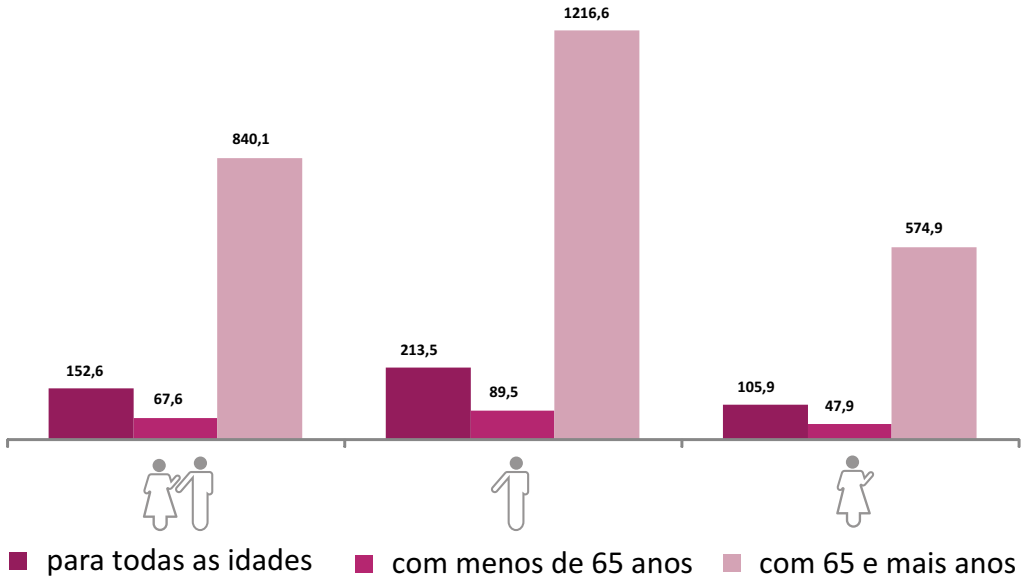
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumores (CID-10: C00-D48)			
Total de óbitos (N.º)	27.231	16.210	11.021
Idade média à morte (N.º de anos)	73,0	72,2	74,1
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	25,0	29,8	20,2
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	7.009	4.421	2.588
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	20.222	11.789	8.433
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	10.027	6.402	3.625
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	13.754	7.595	6.159
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	155,4	217,3	108,0
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	68,2	90,3	48,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	860,9	1.245,2	590,4
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	262,8	329,9	202,3
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	112.975	69.027	43.948
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1.279,9	1.605,1	970,9
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	11,3	10,8	12,1
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1.087,1	1.383,9	819,4

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

6. Tumores malignos

CID-10: C00-C97

Taxas de mortalidade padronizadas por tumores malignos (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 26 647 mortes (26 593 óbitos de residentes e 54 óbitos de não residentes) devido a Tumores malignos (C00-C97). Por sexo, verificaram-se 15 888 óbitos de homens e 10 759 de mulheres. Observam-se óbitos em todos os grupos, sendo que o número de mortes cresce à medida que se avança na idade.

Os óbitos provocados por estas causas representaram 24,5% da mortalidade no país, correspondendo a 29,2% do total de óbitos de homens e a 19,7% no caso das mulheres. Cerca de 50% dos óbitos observados estão concentrados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (27,3%) e do Porto (27,0%) e tiveram estas causas de morte como origem. Destaca-se ainda a região do Cávado que representou 26,5% da mortalidade, por estas causas. Na região do Alto Alentejo foi registado o valor mais baixo, 18,2%.

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (28,0% e 15,5%, respetivamente). As regiões do Alto Tâmega e da Beira Baixa registam a menor percentagem (1,1% em cada).

A relação de masculinidade ao óbito, em 2015, para o Total, foi de 147,7 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Esta relação foi mais elevada na região do Alentejo Litoral (207,6). Na Região Autónoma da Madeira a relação foi de 115,2, correspondendo ao valor mais baixo observado em todo o país, para este indicador.

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito foi de 72,8 anos (72,0 para os homens e 74,0 para as mulheres). Numa perspetiva regional, a idade média ao óbito mais elevada foi registada na região da Beira Baixa (76,3 anos) e a mais baixa verificou-se na Região Autónoma dos Açores (69,6 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade, em 2015, devido a Tumores malignos foi de 257,2 óbitos por 100 000 habitantes (323,4 para os homens e 197,5 para as mulheres). Os valores mais elevados registaram-se nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (349,0), da Beira Baixa (345,0) e do Alentejo Litoral (338,4).

Em 2015, para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 152,6 óbitos por 100 000 habitantes (213,5 para os homens e 105,9 para as mulheres). Na Região Autónoma dos Açores (193,4), no Baixo Alentejo e no Alentejo Litoral (164,0 em cada) registaram-se os valores mais elevados deste indicador. A taxa mais baixa foi observada na Região de Leiria (130,9).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades dos 65 e mais anos foi de 840,1 óbitos por 100 000 habitantes, mais elevada para os homens (1 216,6) do que para as mulheres (574,9). Para as idades inferiores a 65 anos, a taxa foi de 67,6 óbitos por 100 000 habitantes (também mais elevada para os homens, 89,5, do que para as mulheres, 47,9).

Em 2015, para este conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas observaram-se na Região Autónoma dos Açores e no Alentejo Litoral (125,7 e 109,2, respetivamente), enquanto a razão mais baixa se observou na região do Tâmega e Sousa (87,2).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 111 820 anos (68 387 para os homens e 43 433 para as mulheres). Numa perspetiva regional, os valores mais elevados para este indicador foram observados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (31 489 e 20 074, respetivamente), ao passo que o mais reduzido se verificou na região da Beira Baixa (798 anos).

Para o Total, em 2015, a taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 1 266,8 por 100 000 (1 590,2 para os homens e de 959,5 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador registaram-se em Terras de Trás-os-Montes, com 1 758,0 anos para o total da população e 2 533,5 para os homens. Para as mulheres, a taxa mais elevada observou-se na Região Autónoma dos Açores (1159,3). O valor mais reduzido para este indicador foi calculado para a Região de Leiria (963,5 anos).

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 1 075,7 anos por 100 000 habitantes (1 370,4 para os homens e 810,1 para as mulheres). Em Terras de Trás-os--Montes registou-se o valor mais elevado (1 457,6) e na Região de Leiria o mais baixo (791,4 anos).

Para o Total, no ano em análise, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 11,3 anos (10,8 para os homens e 12,1 para as mulheres). Numa perspetiva regional, este indicador apresentou o valor mais elevado na Região Autónoma dos Açores para o total de residentes (12,5 anos). Para as mulheres, o valor mais elevado verificou-se na região do Cávado (15,1) e para os homens no Baixo Alentejo (13,3). O valor mais baixo foi atingido na região do Alto Alentejo (9,8 anos) para o total de residentes.

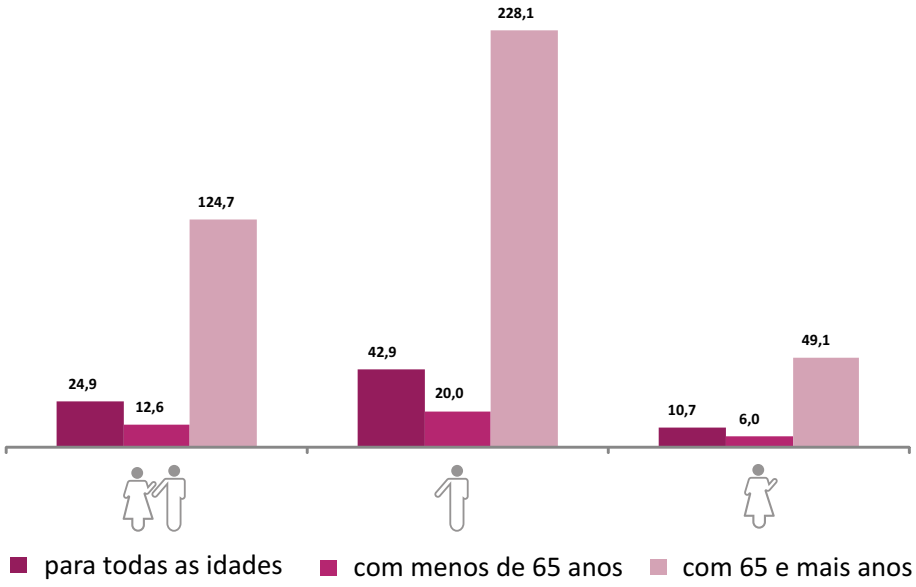
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumores malignos (CID-10: C00-C97)			
Total de óbitos (N.º)	26.647	15.888	10.759
Idade média à morte (N.º de anos)	72,8	72,0	74,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	24,5	29,2	19,7
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	6.947	4.385	2.562
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	19.700	11.503	8.197
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	9.931	6.350	3.581
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	13.337	7.371	5.966
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	152,6	213,5	105,9
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	67,6	89,5	47,9
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	840,1	1.216,6	574,9
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	257,2	323,4	197,5
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	111.820	68.387	43.433
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1.266,8	1.590,2	959,5
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	11,3	10,8	12,1
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1.075,7	1.370,4	810,1

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

7. Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão

CID-10: C33-C34

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram no país (Total) 4 023 mortes (4 015 óbitos de residentes e 8 óbitos de não residentes) devido a Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (C33-C34). Por sexo, obtiveram-se 3 041 óbitos de homens e 982 de mulheres. No ano em análise, não se registaram óbitos para idades inferiores a 25 anos, sendo que o número de óbitos é mais expressivo a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 3,7% da mortalidade no país, correspondendo a 5,6% do total de óbitos de homens e a 1,8% no caso das mulheres. Na Região Autónoma dos Açores a mortalidade por estas causas representou 5,2% do total de mortes observado nesta região, seguindo-se a Área Metropolitana do Porto (5,1%), correspondendo aos valores mais elevados verificados no país. Na região de Terras de Trás-os-Montes observou-se o valor mais baixo (2,1%), seguindo-se as regiões da Beira Baixa e do Alto Alentejo (2,3% em cada uma).

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (29,9%) e do Porto (19,4%) e por outro lado, as menores percentagens desses óbitos foram registadas no Alto Tâmega (0,7%) e na Beira Baixa (0,8%).

A relação de masculinidade ao óbito, em 2015, para o Total, foi de 309,7 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se nas regiões do Alto Alentejo (1 000,0) e do Alentejo Litoral (683,3).

A idade média ao óbito, para o Total, no ano em análise, foi de 70 anos (69,7 para os homens e 70,9 para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas registaram-se na região da Beira Baixa (74,5) e do Alto Alentejo (74,1) e a mais baixa na região de Terras de Trás-os-Montes (67,4 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão, em 2015, foi de 38,8 óbitos por 100 000 habitantes (61,9 para os homens e 18,0 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram atingidas nas regiões do Alentejo Litoral (49,2) e do Alto Minho (48,9), por outro lado, a taxa mais baixa foi verificada na Região de Leiria (25,6).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades em 2015, foi de 24,9 óbitos por 100 000 habitantes (42,9 para os homens e 10,7 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados na Região Autónoma dos Açores tanto para o total dos residentes (43,4), como para os homens (80,7). Para as mulheres o valor mais elevado verificou-se na região do Médio Tejo (15,3).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 12,6 óbitos por 100 000 habitantes (20,0 para os homens e 6,0 para mulheres). Para as idades de 65 e mais anos, a taxa foi de 124,7 óbitos por 100 000 habitantes (228,1 para os homens e 49,1 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador para este grupo etário foram registados na Região Autónoma dos Açores (203,9 para o total dos residentes nesta região e 412,5 para os homens) e na Região de Aveiro para as mulheres (61,5). Os valores mais baixos foram observados na Região de Leiria (65,0) e em Terras de Trás-os-Montes (72,1).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas foram observadas na Região Autónoma dos Açores: 171,6 para o total de residentes nesta região, 187,5 para os homens e 123,6 para as mulheres. Os valores mais reduzidos para este indicador situaram-se na Região de Leiria (63,8) e na região de Terras de Trás-os-Montes (65,8).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 18 948 anos (14 020 para homens e 4 928 para as mulheres). Os maiores valores para este indicador foram observados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (5 493) e do Porto (3 723) e o menor no Alto Tâmega (83 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças, para o Total, em 2015, foi de 214,7 anos por 100 000 habitantes (326,0 para os homens e 108,9 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador verificaram-se na Região Autónoma dos Açores (317,2) e no Alto Minho (290,9). Por outro lado, a taxa mais baixa foi registada no Alto Tâmega (118,2).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 173,6 anos por 100 000 habitantes (270,3 para os homens e 87,1 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas na Região Autónoma dos Açores (299,7) e no Algarve (238,7). Por sua vez, os valores mais baixos foram obtidos nas regiões do Alto Tâmega (71,1) e do Alto Alentejo (97,2).

Para o Total, no ano em análise, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 9,5 anos (9,1 para os homens e 11,0 para as mulheres). O número mais elevado foi calculado para o Baixo Alentejo (12,5) e o menor na região do Alto Tâmega (6,3) e do Alto Alentejo (7,8 anos).

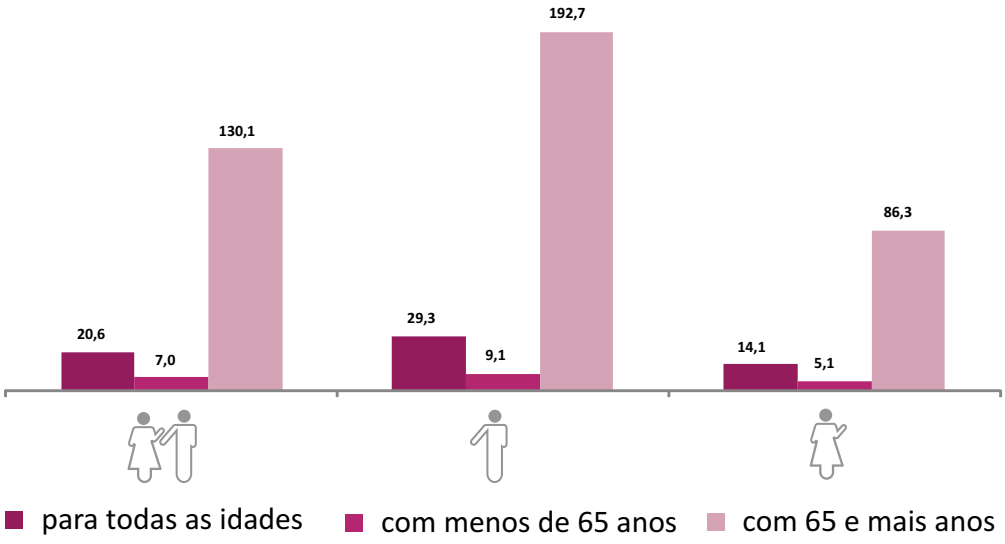
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (CID-10: C33-C34)			
Total de óbitos (N.º)	4.023	3.041	982
Idade média à morte (N.º de anos)	70,0	69,7	70,9
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	3,7	5,6	1,8
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	1.321	995	326
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	2.702	2.046	656
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.985	1.538	447
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	1.431	1.014	417
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	24,9	42,9	10,7
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	12,6	20,0	6,0
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	124,7	228,1	49,1
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	38,8	61,9	18,0
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	18.948	14.020	4.928
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	214,7	326,0	108,9
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	9,5	9,1	11,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	173,6	270,3	87,1

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

8. Tumor maligno do cólon, reto e ânus

CID-10: C18-C21

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno do cólon, reto e ânus (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo– 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 3 847 mortes (3 844 óbitos de residentes e 3 óbitos de não residentes) devido a Tumores malignos do cólon, reto e ânus (C18-C21). Por sexo, registaram-se 2 299 óbitos de homens e 1 548 de mulheres. No ano em análise, não se registaram óbitos para as idades situadas entre os 0 e os 14 anos. Verifica-se ainda que o número de mortes é mais elevado a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 3,5% da mortalidade no país, observando-se um maior peso na mortalidade para os homens (4,2% relativamente ao total de óbitos para os homens). Para as mulheres este conjunto de causas representou 2,8% do total de mortes.

Verifica-se que 27,9% dos óbitos se observaram nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e 13,3% na do Porto. Por outro lado, as menores percentagens de óbitos por estas causas registaram-se nas regiões da Beira Baixa (1,1%) e do Alto Alentejo (1,2%).

A relação de masculinidade ao óbito, para o Total, em 2015, foi de 148,5 óbitos masculinos por cada 100 femininos. No ano em análise, este indicador foi sempre igual ou superior a 100, indiciando uma sobremortalidade masculina para estas doenças. Os valores mais elevados observaram-se nas regiões do Cávado (308,7) e do Alentejo Litoral (258,8). Ao invés, a relação de masculinidade mais baixa observou-se na região do Ave (100,0) e do Alto Minho (125,0).

Para o Total, no ano em análise, a idade média ao óbito foi de 75,2 anos (74,5 para os homens e 76,3 anos para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas foram observadas nas regiões da Beira Baixa (79,9) e de Terras de Trás-os-Montes (78,7). A mais baixa, de 71,8 anos, foi registada na Região Autónoma dos Açores.

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Tumores malignos do cólon, reto e ânus, em 2015, foi de 37,1 óbitos por 100 000 habitantes (46,8 para os homens e 28,4 para as mulheres). Observando-se a distribuição espacial dos óbitos motivados por estas causas, verifica-se que os valores mais elevados foram registados em Terras de Trás-os-Montes (64,6) e no Alentejo Litoral (63,9). Na região do Alentejo Litoral registou-se a taxa mais elevada nos homens (93,3) e em Terras de Trás-os-Montes a taxa mais elevada nas mulheres (41,3).

No ano em análise, para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 20,6 óbitos por 100 000 habitantes (29,3 para os homens e 14,1 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas na região do Alentejo Litoral (31,3) para o total da população residente, assim como, para os homens (48,0) e no Alto Minho para as mulheres residentes nesta região (17,9).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos, foi de 7,0 óbitos por 100 000 habitantes, ao passo que para as idades a partir dos 65 anos foi de 130,1. Para este grupo etário os valores mais elevados foram observados na região de Terras de Trás-os-Montes, com 169,5 óbitos por 100 000 habitantes. Os valores mais baixos foram obtidos na região do Alto Alentejo (90,1) e na Região Autónoma da Madeira (101,6).

As razões de mortalidade padronizada mais elevadas em 2015 registaram-se na região do Alentejo Litoral (139,9) e em Terras de Trás-os-Montes (123,8). Os valores mais baixos observaram-se na região do Cávado (78,1) e na Região Autónoma da Madeira (80,9).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 11 180 anos (6 673 para os homens e 4 508 para as mulheres). As Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto obtiveram o maior número de anos potenciais de vida perdidos (3 050 e 1 950, respetivamente).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 126,7 por 100 000 habitantes (155,2 para os homens e 99,6 para as mulheres). Os valores mais elevados observaram-se nas regiões do Alentejo Litoral (267,9) e do Médio Tejo (192,4). O valor mais baixo foi registado na Beira Baixa (42,5).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 103,9 anos por 100 000 habitantes (129,3 para os homens e 81,4 para as mulheres). Os valores mais baixos registaram-se na Beira Baixa (24,6) e em Terras de Trás-os-Montes (61,1), ao passo que a taxa mais elevada foi observada na região do Alentejo Litoral (199,3).

O número médio de anos potenciais de vida perdidos por estas causas de morte, para o Total, em 2015, foi de 9,8 anos (9,2 para os homens e 11,0 anos para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador verificou-se na Região Autónoma dos Açores (13,0) e o mais reduzido na Beira Baixa (3,9).

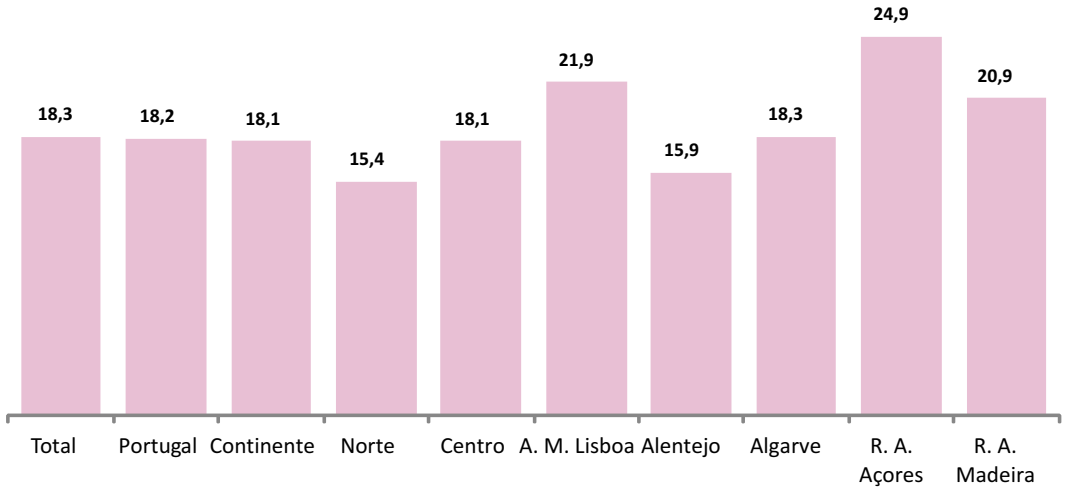
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumor maligno do cólon, reto e ânus (CID-10: C18-C21)			
Total de óbitos (N.º)	3.847	2.299	1.548
Idade média à morte (N.º de anos)	75,2	74,5	76,3
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	3,5	4,2	2,8
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	731	453	278
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	3.116	1.846	1.270
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.138	727	411
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.228	1.248	980
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	20,6	29,3	14,1
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	7,0	9,1	5,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	130,1	192,7	86,3
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	37,1	46,8	28,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	11.180	6.673	4.508
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	126,7	155,2	99,6
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	9,8	9,2	11,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	103,9	129,3	81,4

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

9. Tumor maligno da mama

CID 10: C50

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno da mama feminina (por 100 000 mulheres), por NUTS II – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 1 709 mortes (1 702 óbitos de residentes e 7 óbitos de não residentes) devido a Tumores malignos da mama (C50). Do total de óbitos 1 690 foram de mulheres, tendo-se observado um (1) óbito para as idades até aos 24 anos.

As mortes provocadas por esta causa representaram 1,6% da mortalidade no país, observando-se um maior peso na mortalidade das mulheres (3,1%).

Para as mulheres, verifica-se que 31,8% dos óbitos por esta causa observaram-se nas Área Metropolitanas de Lisboa e 12,8% e do Porto. Por outro lado, as menores percentagens de óbitos registaram-se nas regiões da Beira Baixa e do Alentejo Litoral, cada uma com 0,7%.

A idade média ao óbito nas mulheres, para o Total, em 2015, foi de 71,0 anos. A idade média ao óbito mais elevada, para as mulheres, registou-se no Alentejo Litoral (79,8), seguindo-se as regiões do Médio Tejo (76,9) e do Alentejo Central (75,5). A idade média mais baixa foi observada na Área Metropolitana do Porto (66,4 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade feminina devido a Tumores malignos da mama foi de 31,0 óbitos por 100 000 mulheres. Os valores mais elevados verificaram-se nas regiões das Beiras e Serra da Estrela (46,0), do Médio Tejo (38,2) e das Terras de Trás-os-Montes (37,9). As taxas mais baixas observaram-se para as regiões do Ave (15,1) e do Tâmega e Sousa (21,0).

No país (Total), em 2015, a taxa de mortalidade padronizada foi de 18,3 óbitos por 100 000 mulheres. As taxas mais elevadas foram registadas na Região Autónoma dos Açores (24,9 óbitos por 100 000 mulheres), seguindo-se as Beiras e Serra da Estrela (22,5) e no Oeste (22,0). Os valores mais baixos registaram-se nas regiões do Alentejo Litoral (9,0) e do Ave (10,3).

A taxa de mortalidade padronizada devido a Tumores malignos da mama para as mulheres com idades a partir dos 65 anos foi de 80,3 óbitos por 100 000 mulheres, mais elevada do que a observada para as idades inferiores a 65 anos (10,7).

As taxas de mortalidade padronizadas para as idades de 65 e mais anos mais elevadas para as mulheres, registaram-se nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira (129,2 e 102,0, respetivamente), bem como na região do Alto Alentejo (101,1). As taxas mais baixas verificaram-se nas regiões da Beira Baixa (51,7), do Ave (54,6) e do Baixo Alentejo (56,5).

Para esta causa de morte, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas, em 2015, nas mulheres observaram-se na Região Autónoma dos Açores (142,7) e no Oeste (122,5). Os valores mais baixos para este indicador nas mulheres, verificaram-se na região do Ave (56,2) e da Beira Baixa (65,6).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos para as mulheres foi de 9 990 anos. Os valores mais elevados para este indicador nas mulheres foram observados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (3 333) e do Porto (1 730). Por outro lado, os valores mais baixos foram registados no Alentejo Litoral (8), bem como no Alto Alentejo (55) e no Baixo Alentejo (60).

Em 2015, para o Total, a taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 220,7 anos por 100 000 mulheres. Os valores mais elevados para este indicador foram observados nas regiões do Oeste (306,9), das Beiras e Serra da Estrela (299,2), da Lezíria do Tejo (288,2) e na Área Metropolitana de Lisboa (267,9). O valor mais baixo registou-se na região do Alentejo Litoral (19,8).

Em 2015, para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos para as mulheres foi de 183,1 por 100 000 mulheres. Os valores mais elevados situaram-se nas regiões do Oeste (257,8), da Lezíria do Tejo (243,1) e na Área Metropolitana de Lisboa (234,6). A taxa mais reduzida foi registada na região do Alentejo Litoral (10,8).

O número médio de anos potenciais de vida perdidos nas mulheres, para o Total e no ano em análise, foi de 13,5 anos. Os valores mais elevados foram registados nas regiões do Oeste (17,0), da Beira Baixa (16,3) e da Lezíria do Tejo (15,4). Nas regiões do Alentejo Litoral (2,5) e do Alto Alentejo (9,2 anos) observaram-se os valores mais reduzidos do número médio de anos potenciais de vida perdidos.

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015

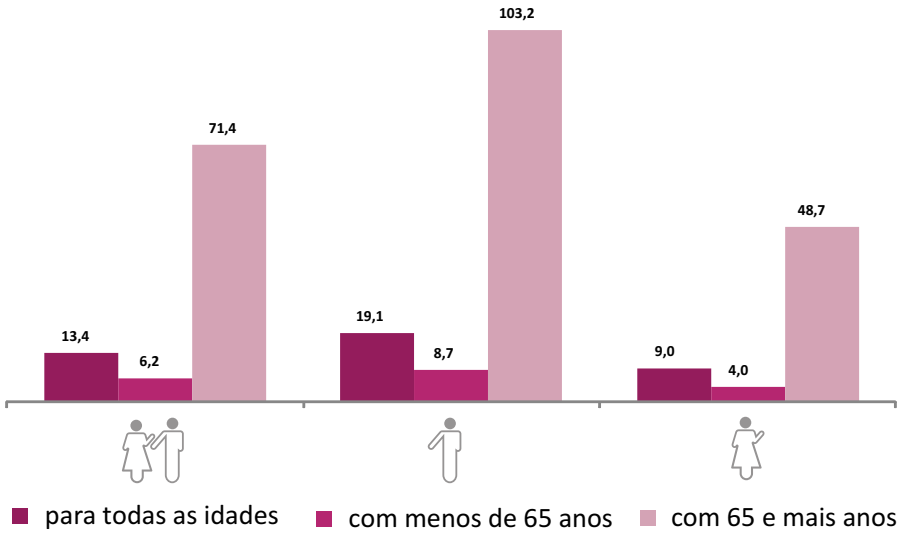
Causa de morte: Tumor maligno da mama (CID-10: C50)			
Total de óbitos (N.º)	1.709	19	1.690
Idade média à morte (N.º de anos)	70,9	69,5	71,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	1,6	0,03	3,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	577	7	570
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	1.132	12	1.120
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	751	9	742
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	790	10	780
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	10,3	0,3	18,3
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	5,7	0,1	10,7
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	47,7	1,2	80,3
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	16,5	0,4	31,0
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10.123	133	9.990
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	114,7	3,1	220,7
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	13,5	14,7	13,5
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	97,0	2,7	183,1

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

10. Tumor maligno do estômago

CID-10: C16

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno do estômago (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 2 340 mortes (2 336 óbitos de residentes e 4 óbitos de não residentes) devido a Tumor maligno do estômago (C16). Por sexo, registaram-se 1 403 óbitos de homens e 937 de mulheres. Para as idades inferiores a 25 anos observou-se um único óbito sendo que o número de óbitos é mais expressivo a partir dos 45 anos de idade.

As mortes por esta causa representaram 2,1% da mortalidade no país, correspondendo a 2,6% do total de óbitos de homens a 1,7% no caso das mulheres. Para as regiões do Ave (3,6%) e do Cávado (3,3%) observou-se o maior número de óbitos por esta causa, face ao total de mortes registado para estas regiões. Por sexo, foi na região do Ave que se observaram maiores proporções de óbitos, em que para os homens a percentagem foi de 4,5%, enquanto para as mulheres foi de 2,6% (o mesmo valor se registou no Alto Tâmega para as mulheres residentes).

Verifica-se que as maiores percentagens de óbitos para esta causa de morte se observaram nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (23,6%) e do Porto (19,5%). Por outro lado, as regiões onde se registaram as menores percentagens foram na Beira Baixa e no Alto Alentejo (0,8% em cada uma).

A relação de masculinidade ao óbito, para o Total, em 2015, foi 149,7 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país, com exceção da Região de Aveiro e da Beira Baixa, este indicador apresentou sempre valores superiores a 100, o que indicia uma sobremortalidade para os homens nesta doença. Os valores mais elevados registaram-se na região do Alto Alentejo (280,0) e na Região de Coimbra (218,5), enquanto o valor mais baixo foi observado na região da Beira Baixa (80,0).

A idade média ao óbito, para o Total, no ano em análise, foi de 72,9 anos (71,4 para os homens e 75,0 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região da Beira Baixa (78,0), seguindo-se as regiões do Alto Tâmega (77,4) e do Baixo Alentejo (77,3). Por sua vez, a idade média ao óbito mais baixa verificou-se na Região Autónoma dos Açores (70,1) e seguindo-se a região do Tâmega e Sousa (70,4 anos). Por sexo verifica-se que a idade média mais elevada para os homens foi de 77,7 anos, atingida no Alto Tâmega, ao passo que a mais baixa foi registada na região do Tâmega e Sousa, com 67,4 anos. Para as mulheres, este indicador apresentou o valor mais elevado na região de Viseu Dão Lafões (82,0 anos) e o mais reduzido na região do Alto Alentejo (69,8).

No país (Total) a taxa bruta de mortalidade devido a Tumor maligno do estômago, em 2015, foi de 22,6 óbitos por 100 000 habitantes (28,6 para os homens e 17,2 para as mulheres). Na região do Alto Tâmega foram observados os valores mais elevados para o total dos residentes nesta região (37,9) e para as mulheres (34,0). Para os homens o valor mais elevado verificou-se no Alto Minho (47,2). Os valores mais baixos foram observados na Região Autónoma da Madeira (9,3) e no Algarve (14,7) para o total de residentes.

Para o Total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 13,4 óbitos por 100 000 habitantes (19,1 para os homens e 9,0 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram registados nas regiões do Ave (20,3) e do Alto Minho (18,9). As taxas de mortalidade padronizadas por esta causa foram sempre superiores nos homens. A taxa mais elevada para os homens foi observada nas regiões do Alto Minho e do Ave (29,8, em cada), enquanto para as mulheres foi nas regiões do Alto Tâmega e do Douro (13,0, em cada). Na Região Autónoma da Madeira registou-se a taxa mais reduzida (6,7) para o total de residentes nesta região.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 6,2 óbitos por 100 000 habitantes (8,7 para os homens e 4,0 para as mulheres), ao passo que para as idades de 65 e mais anos foi de 71,4 óbitos por 100 000 habitantes (103,2 para os homens e 48,7 para as mulheres). Neste grupo etário, o valor mais elevado para este indicador foi registado na região do Alto Minho (112,2), seguido da região do Ave (111,9). Por outro lado, na região do Alto Alentejo e na Região Autónoma da Madeira observaram-se os valores mais baixos (35,2 e 41,8, respetivamente).

Para esta causa de morte, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas, em 2015, observaram-se nas regiões do Ave para o total de residentes (149,9) e para os homens (155,2). Para as mulheres a razão mais elevada situou-se na região do Alto Tâmega (144,8). Os valores mais baixos para este indicador verificaram-se na Região Autónoma da Madeira (50,6) para o total da população residente e na Beira Baixa para os homens (52,2). Para as mulheres o valor mais reduzido observou-se no Alto Alentejo (38,2) seguido da Região Autónoma da Madeira (55,2).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 9 945 anos (6 468 para os homens e 3 478 para as mulheres). Para as Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto calcularam-se os valores mais elevados para este indicador (2 378 e 2 178 anos, respetivamente). As regiões da Beira Baixa (40 anos) e do Baixo Alentejo (53 anos) registaram o número de anos mais reduzidos.

A taxa de anos potenciais de vida perdidos por esta causa, para o Total, em 2015, foi de 112,7 anos por 100 000 habitantes (150,4 para os homens e 76,8 para as mulheres). Na região do Douro situou-se o valor mais elevado para este indicador, com 183,3 para o total dos residentes. Para os homens o valor mais alto registou-se no Tâmega e Sousa (242,0) e para as mulheres no Alto Tâmega (169,5).

A taxa mais reduzida foi observada na Região Autónoma da Madeira (46,8).

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, para o Total, no ano em análise, foi de 93,1 anos por 100 000 habitantes (127,4 para os homens e 62,3 para as mulheres). A taxa mais elevada observou-se na região do Douro (149,6) e a mais reduzida na região do Baixo Alentejo (38,7).

Para o Total, em 2015, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 11,1 anos (10,8 para os homens e 11,8 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram registados no Alto Alentejo (17,5) e no Alentejo Central (13,5), enquanto o mais baixo se situou no Baixo Alentejo (7,5 anos).

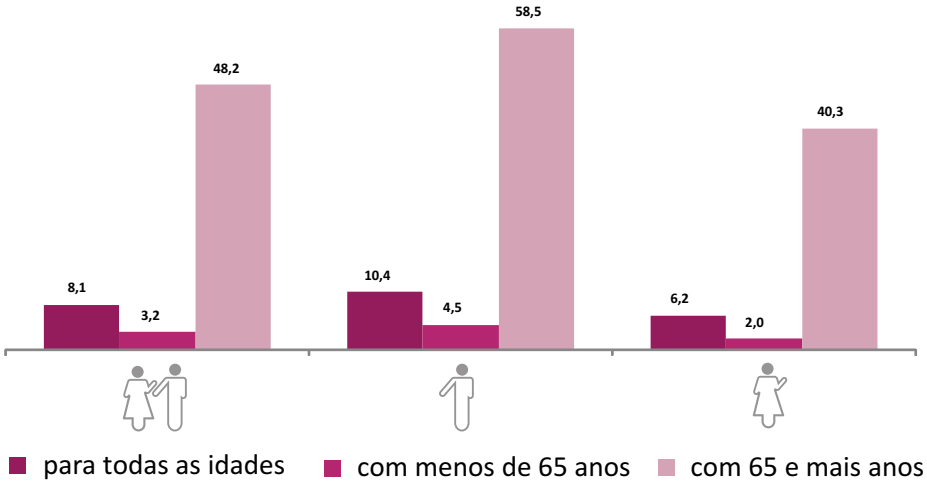
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumor maligno do estômago (CID-10: C16)			
Total de óbitos (N º)	2.340	1.403	937
Idade média à morte (N º de anos)	72,9	71,4	75,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	2,1	2,6	1,7
Óbitos (N º) com menos de 65 anos	647	427	220
Óbitos (N º) com 65 e mais anos	1.693	976	717
Óbitos (N º) com menos de 70 anos	892	597	295
Óbitos (N º) com 75 e mais anos	1.180	626	554
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	13,4	19,1	9,0
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	6,2	8,7	4,0
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	71,4	103,2	48,7
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	22,6	28,6	17,2
Anos potenciais de vida perdidos (N º)	9.945	6.468	3.478
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	112,7	150,4	76,8
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N º)	11,1	10,8	11,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	93,1	127,4	62,3

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

11. Tumor maligno do pâncreas

CID-10: C25

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno do pâncreas (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo - 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 1 423 mortes (1 415 óbitos de residentes e 8 óbitos de não residentes) devido a Tumor maligno do pâncreas (C25). Por sexo, observaram--se 753 óbitos de homens e 670 óbitos de mulheres. Não ocorreram óbitos para idades inferiores a 15 anos e verifica-se ainda que o número de mortes é mais elevado a partir dos 55 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 1,3% da mortalidade no país (1,4% nos homens e 1,2% nas mulheres).Os valores percentuais mais elevados verificaram-se na Área Metropolitana de Lisboa (1,6%) e na Região de Coimbra (1,5%).

O maior número de óbitos por esta causa observou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (31,3%) e do Porto (14,0%), ao passo que o menor número foi registado na região do Alto Tâmega (0,9%).

A relação de masculinidade ao óbito, para o Total, em 2015, foi de 112,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados para este indicador foram calculados para a região do Cávado (260,0) e para a região de Terras de Trás-os-Montes (250,0). A relação de masculinidade mais baixa foi verificada na região do Alto Minho (54,2) seguindo-se as regiões do Alto Alentejo e do Douro (75,0 em cada).

Para o Total, no ano em análise, a idade média ao óbito foi de 73,0 anos (70,5 para os homens e 75,7 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi registada na região da Beira Baixa (78,7) para o total da população residente e para as mulheres (83,7). Para os homens a mais elevada verificou-se na região do Alto Alentejo (78,6).

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Tumor maligno do pâncreas, em 2015, foi de 13,7 óbitos por 100 000 habitantes (15,3 para os homens e 12,3 para as mulheres). Os maiores valores para este indicador foram registados nas regiões da Beira Baixa (22,6) e do Alto Alentejo (18,9) seguindo-se as Terras de Trás-os-Montes (18,8).

Para o Total, no ano em análise, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 8,1 óbitos por 100 000 habitantes (10,4 para os homens e 6,2 para as mulheres). Os valores mais altos foram observados em Terras de Trás-os-Montes (11,3) e no Oeste (9,7). Para os homens, as taxas mais elevadas verificaram-se em Terras de Trás-os-Montes (17,7) e no Baixo Alentejo (13,9). Para as mulheres, o maior valor verificou-se na região do Alto Alentejo (9,6).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 3,2 óbitos por 100 000 habitantes, mais reduzida do que a observada para as idades com 65 e mais anos: 48,2 óbitos por 100 000 habitantes (58,5 para os homens e 40,3 para as mulheres). Para este grupo etário a taxa mais elevada registou-se no Alto Alentejo (80,6) e a mais baixa na região de Viseu Dão Lafões (24,4).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas foram calculadas para a Beira Baixa (119,0) e para a Região Autónoma dos Açores (118,7). Para os homens, o valor mais elevado para este indicador verificou-se em Terras de Trás-os-Montes (134,6), e para as mulheres no Alto Minho (129,2).

O número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença, para o Total, no ano em análise, foi de 4 808 anos (3 210 para os homens e 1 598 para as mulheres). Na Área Metropolitana de Lisboa observou-se o maior número de anos (1 510) e o mais baixo no Alto Tâmega e no Alto Alentejo, com 15 anos em cada.

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 54,5 anos por 100 000 habitantes (74,6 para os homens e 35,3 para as mulheres). A taxa mais elevada verificou-se na região de Terras de Trás-os-Montes (164,8) e a mais reduzida na região do Alto Alentejo (17,1). Os valores mais elevados registaram-se na região de Terras de Trás-os-Montes, sendo de 245,2 e de 85,9, para os homens e para as mulheres, respetivamente.

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, para o Total, no ano em análise, foi de 44,0 anos por 100 000 habitantes (62,6 para os homens e 27,2 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram observados em Terras de Trás-os-Montes com 123,7 para o total da população residente bem como para os homens (185,0) e para as mulheres (65,8) residentes nesta região.

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 9,3 anos (9,8 para os homens e 8,4 para as mulheres). Os valores mais elevados foram verificados na região da Beira Baixa (17,5 anos). Para os homens, o valor mais alto situou-se na região da Beira Baixa (17,5) e para as mulheres, o mais elevado foi observado na Região Autónoma dos Açores (14,2). Para a região do Alto Alentejo foi calculado o menor número médio de anos potenciais de vida perdidos (2,5 anos).

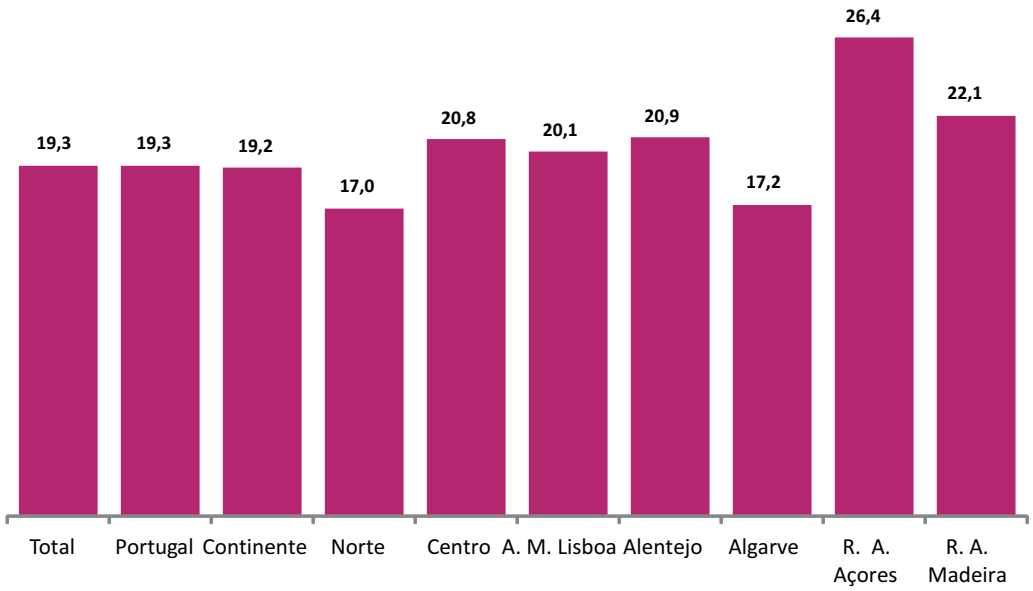
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumor maligno do pâncreas (CID-10: C25)			
Total de óbitos (N.º)	1.423	753	670
Idade média à morte (N.º de anos)	73,0	70,5	75,7
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	1,3	1,4	1,2
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	331	221	110
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	1.092	532	560
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	517	326	191
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	671	284	387
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	8,1	10,4	6,2
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	3,2	4,5	2,0
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	48,2	58,5	40,3
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	13,7	15,3	12,3
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	4.808	3.210	1.598
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	54,5	74,6	35,3
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	9,3	9,8	8,4
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	44,0	62,6	27,2

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

12. Tumor maligno da próstata

CID-10: C61

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno da próstata (por 100 000 homens), por NUTS II – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 1 723 mortes de homens residentes no país devido a Tumor maligno da próstata (C61). Para os grupos etários até aos 35 anos de idade não se registaram óbitos por esta causa e a maior frequência de mortes verifica-se a partir dos 55 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 3,2 % da mortalidade de homens no país. Nas regiões da Beira Baixa (9,9%) e do Médio Tejo (4,8%) as proporções do total de mortes dos homens por esta causa, corresponderam aos valores mais elevados verificados no país. Os valores mais baixos foram observados na região do Baixo Alentejo e na Região Autónoma da Madeira correspondendo a 1,9% e 2,4% das mortes totais, respetivamente.

Verifica-se que na Área Metropolitana de Lisboa ocorreu o maior número de óbitos por esta causa, equivalendo a 26,3% do total de óbitos de homens, seguindo-se a área Metropolitana do Porto, com 11,4%.

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito dos homens foi de 80,5 anos. O valor mais elevado para este indicador situou-se nos 82,9 anos e foi observado no Alto Minho, seguindo-se as Terras de Trás-os-Montes com 82,7 anos. As idades médias ao óbito mais baixas registaram-se na Área Metropolitana de Lisboa, no Ave e no Cávado (79,4 anos em cada).

A taxa bruta de mortalidade devido a Tumor maligno da próstata, em 2015, para o Total, foi de 35,1 óbitos por 100 000 homens. As taxas mais elevadas verificaram-se nas regiões da Beira Baixa (85,3) e do Médio Tejo (70,8). Os valores mais reduzidos observaram-se no Tâmega e Sousa (21,9) e no Cávado (23,2).

Para o Total, no ano em análise, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 19,3 óbitos por 100 000 homens. As taxas mais elevadas calcularam-se para o Médio Tejo (27,9) e para a Beira Baixa (27,7). O valor mais baixo registou-se na região de Viseu Dão Lafões (14,8).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 2,0 óbitos por 100 000 homens, tendo as taxas mais elevadas sido registadas na região do Alto Alentejo (5,2) seguindo-se a Região de Coimbra e Viseu Dão Lafões (3,9 em cada). Para as idades com 65 e mais anos, a taxa de mortalidade padronizada foi de 159,4 óbitos por 100 000 homens, e as taxas mais elevadas observaram-se na região do Médio Tejo (253,3) e na Beira Baixa (233,7).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizada mais elevadas foram observadas para região do Médio Tejo (154,0) e para a região da Beira Baixa (149,3). As razões mais baixas verificaram-se nas regiões de Viseu Dão Lafões (74,6), do Baixo Alentejo (78,1) e na Área Metropolitana do Porto (79,9).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos nos homens por esta doença foi de 1 265 anos. Os valores mais elevados foram observados nas Áreas Metropolitana de Lisboa (403) e do Porto (145 anos).

Para o Total, em 2015, a taxa dos anos potenciais de vida perdidos por foi de 29,4 anos por 100 000 homens. As taxas mais elevadas registaram-se nas regiões do Alto Tâmega (79,9) e do Alto Alentejo (69,1).

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 23,2 anos por 100 000 homens, sendo que as taxas mais elevadas calcularam-se para as regiões do Alto Tâmega (75,9) e do Alto Alentejo (49,3).

Para o Total, em 2015, o número médio de anos potenciais de vida perdidos nos homens, foi de 6,5 anos. Os valores mais elevados foram observados nas regiões do Alto Tâmega (27,5), do Cávado e de Viseu Dão Lafões (9,2 anos em cada).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015

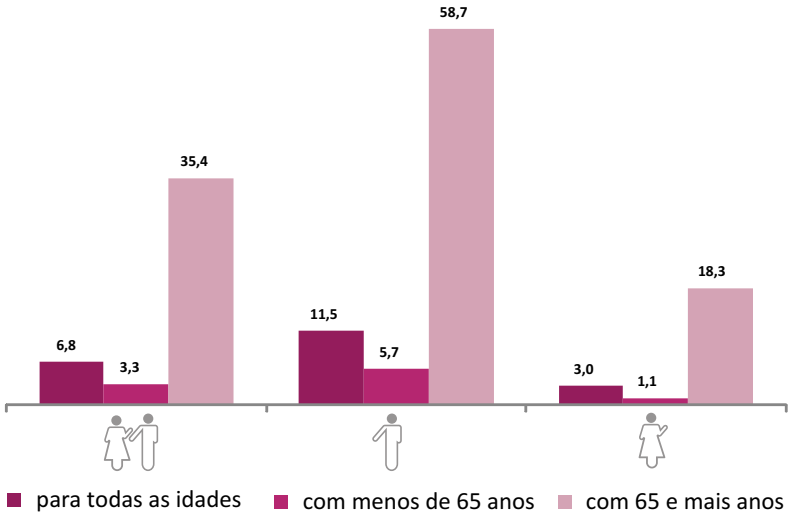
Causa de morte: Tumor maligno da próstata (CID-10: C61)			
Total de óbitos (N.º)	-	1.723	-
Idade média à morte (N.º de anos)	-	80,5	-
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	-	3,2	-
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	-	103	-
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	-	1.620	-
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	-	196	-
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	-	1.342	-
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	-	19,3	-
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	-	2,0	-
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	-	159,4	-
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	-	35,1	-
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	1.265	-
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	29,4	-
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	6,5	-
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	23,2	-

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

13. Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas

CID-10: C22

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 1 134 mortes (1 133 óbitos de residentes e 1 óbito de não residente) devido a Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (C22). Esta causa de morte atingiu principalmente os homens, aos quais corresponderam a 72,0% do total de mortes (817 óbitos de homens e 317 óbitos de mulheres). Para os grupos etários até aos 15 anos não foi registado nenhum óbito por esta causa, sendo a mortalidade mais elevada a partir dos 55 anos.

As mortes provocadas por estas causas representaram 1,0% da mortalidade no país, correspondendo a 1,5% do total de óbitos de homens e 0,6% no caso das mulheres. Na Beira Baixa, 1,5%, na Região de Leiria e na Região de Coimbra (1,4% em cada), do total de mortes resultou desta causa, correspondendo aos valores mais elevados verificados no país.

Na Área Metropolitana de Lisboa registaram-se 28,6% dos óbitos por esta causa, seguindo-se a Área Metropolitana do Porto com 15,3%. Observa-se ainda que na região do Alentejo Litoral ocorreu o valor percentual mais baixo (0,5%).

Em 2015, para o Total, a relação de masculinidade ao óbito foi de 257,7 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Numa perspetiva regional, verificou-se que o valor desta relação foi sempre igual ou superior a 100, em todas as regiões do país, em que os valores mais elevados foram observados no Algarve (750,0) e na região do Ave (471,4).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 71,3 anos (69,7 para os homens e 75,4 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram registados nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (77,1) e do Médio Tejo (76,8 anos); os mais baixos na Região Autónoma dos Açores (67,6), na Lezíria do Tejo e no Tâmega Sousa (68,6 em cada). No Médio Tejo e em Terras de Trás-os-Montes observaram-se as idades médias ao óbito mais elevadas para os homens, 76,3 e 75,6 anos, respetivamente. Para as mulheres os valores mais altos verificaram-se na região do Algarve (85,8), na região do Alto Alentejo (83,9) e no Alentejo Litoral (83,3 anos).

A taxa bruta de mortalidade devido a Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas, para o Total, no ano em análise, foi de 10,9 óbitos por 100 000 habitantes (16,6 nos homens e 5,8 nas mulheres). As taxas com os valores mais elevados foram observadas nas regiões da Beira Baixa (25,0) e ainda na Região de Coimbra com uma taxa de 16,3. Por sexo, verifica-se que para os homens os valores mais elevados se registaram nas regiões da Beira Baixa (37,6) e das Beiras e Serra da Estrela (25,6), ao passo que para as mulheres as taxas mais altas verificaram-se nas regiões da Beira Baixa (13,6) e do Alto Alentejo (12,0).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 6,8 óbitos por 100 000 habitantes (11,5 para os homens e 3,0 para as mulheres). As taxas mais elevadas observaram-se na região da Beira Baixa, quer para o total dos residentes nesta região (11,1) quer para os homens (19,5). Para as mulheres, as taxas mais elevadas verificaram-se na Região Autónoma da Madeira (5,9) e no Douro (5,5).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 3,3 óbitos por 100 000 habitantes (5,7 para os homens e 1,1 para as mulheres), enquanto para as idades de 65 e mais anos o valor da taxa foi de 35,4 óbitos por 100 000 habitantes (58,7 para os homens e 18,3 para as mulheres). Para este grupo etário, os valores mais elevados foram observados na Região de Leiria (59,9) e na Beira Baixa (55,4).

A razão de mortalidade padronizada mais elevada, em 2015, foi observada na região da Beira Baixa (169,3) e na Região de Leiria (133,8). Para os homens, o valor mais elevado foi de 170,3 e registou-se na região da Beira Baixa, enquanto para as mulheres foi de 173,1 e verificou-se na Região Autónoma dos Açores. Por outro lado, na região do Alentejo Litoral foi registado o valor mais baixo deste indicador, 48,3 para o total de residentes.

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 4 995 anos (4 160 para os homens e 835 para as mulheres). Para a Área Metropolitana de Lisboa calculou-se o valor mais elevado para este indicador (1 788), enquanto para a região de Terras de Trás-os-Montes se registou o mais baixo (23 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 56,6 anos por 100 000 habitantes (96,7 para os homens e 18,4 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador verificaram-se na Beira Baixa (104,4) e no Alto Tâmega (96,7), o mais reduzido foi observado na região do Tâmega e Sousa (24,4).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos em 2015 foi de 46,7 anos por 100 000 habitantes (82,0 para os homens e 14,8 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador observou-se na Beira Baixa (74,6) e o mais baixo (17,6) na região de Viseu Dão Lafões.

O número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 10,5 anos (10,9 para os homens e 9,1 para as mulheres). O número mais elevado foi de 22,5 e verificou-se em Terras de Trás-os-Montes e no Alentejo Litoral, enquanto o valor mais reduzido foi observado em Viseu Dão Lafões (4,4 anos).

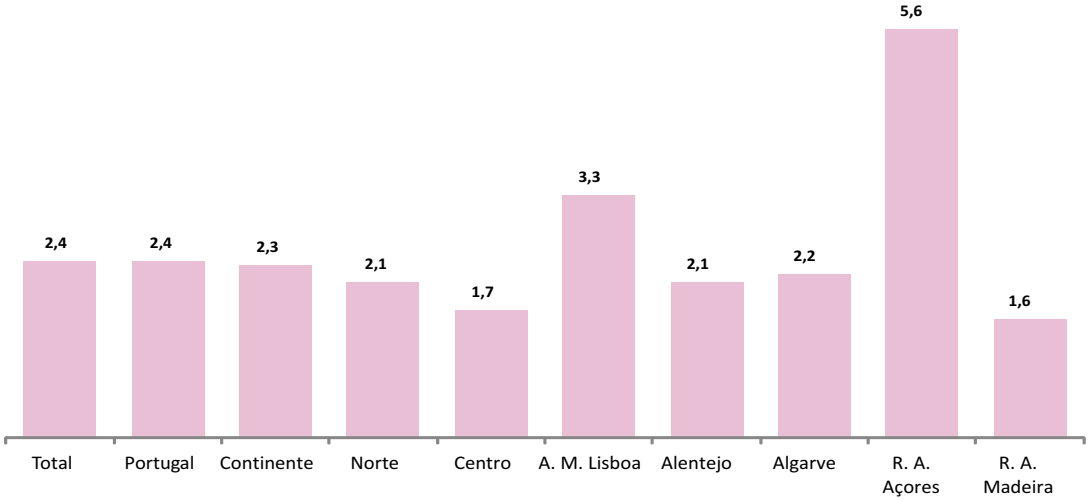
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepática (CID-10: C22)			
Total de óbitos (N.º)	1.134	817	317
Idade média à morte (N.º de anos)	71,3	69,7	75,4
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	1,0	1,5	0,6
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	340	282	58
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	794	535	259
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	474	382	92
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	475	289	186
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	6,8	11,5	3,0
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	3,3	5,7	1,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	35,4	58,7	18,3
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	10,9	16,6	5,8
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	4.995	4.160	835
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	56,6	96,7	18,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10,5	10,9	9,1
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	46,7	82,0	14,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

14. Tumor maligno do colo do útero

CID-10: C53

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno do colo do útero (por 100 000 mulheres), por NUTS II – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 201 mortes de mulheres (todas de óbitos de residentes no país) devido a Tumor maligno do colo do útero (C53). Para as mulheres com idades inferiores a 25 anos registou-se 1 óbito por esta causa, no ano em análise e a frequência de óbitos é mais expressiva a partir dos 35 anos de idade.

As mortes de mulheres provocadas por esta causa representaram 0,4% da mortalidade das mulheres no país. Na Região Autónoma dos Açores (0,7%) atingiu-se a proporção mais elevada face ao total de óbitos de mulheres observados, seguindo-se a Área Metropolitana do Porto, o Alto Alentejo, a Área Metropolitana de Lisboa e o Alto Minho, com 0,5% em cada uma destas regiões.

Verifica-se que o maior número de óbitos por esta causa observou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, equivalendo a 34,8% e 19,9%, respetivamente.

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito das mulheres por esta causa de morte foi de 66,5 anos. As idades médias ao óbito mais elevadas registaram-se nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (83,0) e do Douro (80,8 anos). As regiões do Ave e do Alentejo Litoral apresentam as idades médias mais baixas, 47,5 e 52,5 anos, respetivamente.

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade das mulheres devido a Tumor maligno do colo do útero, em 2015, foi de 3,7 óbitos por 100 000 mulheres. As taxas mais elevadas registaram-se na região do Alto Alentejo (8,6) e na Região Autónoma dos Açores (6,4). As regiões do Ave e do Médio Tejo apresentam os valores mais baixos, 0,5 e 0,8, respetivamente.

Em 2015, para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 2,4 óbitos por 100 000 mulheres. As taxas mais elevadas foram observadas na Região Autónoma dos Açores (5,6), no Alto Alentejo (5,3) e na Área Metropolitana de Lisboa (3,3). O valor mais baixo (0,4) registou-se simultaneamente nas regiões do Ave e da Beira Baixa.

A taxa de mortalidade padronizada para as mulheres com idades a partir dos 65 anos foi de 7,9 óbitos por 100 000 mulheres, valor que pode ser comparado ao de 1,7 para as idades inferiores a 65 anos. Numa perspetiva regional verifica-se que para as mulheres com 65 e mais anos as taxas mais elevadas foram observadas nas regiões do Alto Alentejo (21,8), da Área Metropolitana do Porto (13,3) e das Beiras e Serra da Estrela (11,8). Relativamente às taxas para as mulheres com menos de 65 anos, as mais elevadas observaram-se na Região Autónoma dos Açores (5,3), no Alto Alentejo (3,3) e na Área Metropolitana de Lisboa (2,6).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas foram observadas na Região Autónoma dos Açores (216,2), no Alto Alentejo (196,1) e no Alto Minho (133,1).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos nas mulheres por esta doença foi de 1 783 óbitos, tendo o maior número sido registado na Área Metropolitana de Lisboa (700). Também na Área Metropolitana do Porto este indicador apresentou um valor elevado (303) bem como na Região Autónoma dos Açores (145 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, em 2015, para o Total, foi de 39,4 anos por 100 000 mulheres. As taxas mais altas verificaram-se na Região Autónoma dos Açores (130,3), na Área Metropolitana de Lisboa (56,3) e no Alto Minho (52,3).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 33,7 anos por 100 000 mulheres, tendo sido observado os valores mais elevados na Região Autónoma dos Açores (122,9), nas Beiras e Serra da Estrela (49,8) e na Área Metropolitana de Lisboa (49,7).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos nas mulheres foi de 17,0 anos. Os valores mais elevados para este indicador registaram-se nas regiões do Oeste (37,5), do Alentejo Central (32,5) e da Lezíria do Tejo (27,5). A Região de Leiria apresentou o valor mais baixo do país, 5,8 anos.

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015

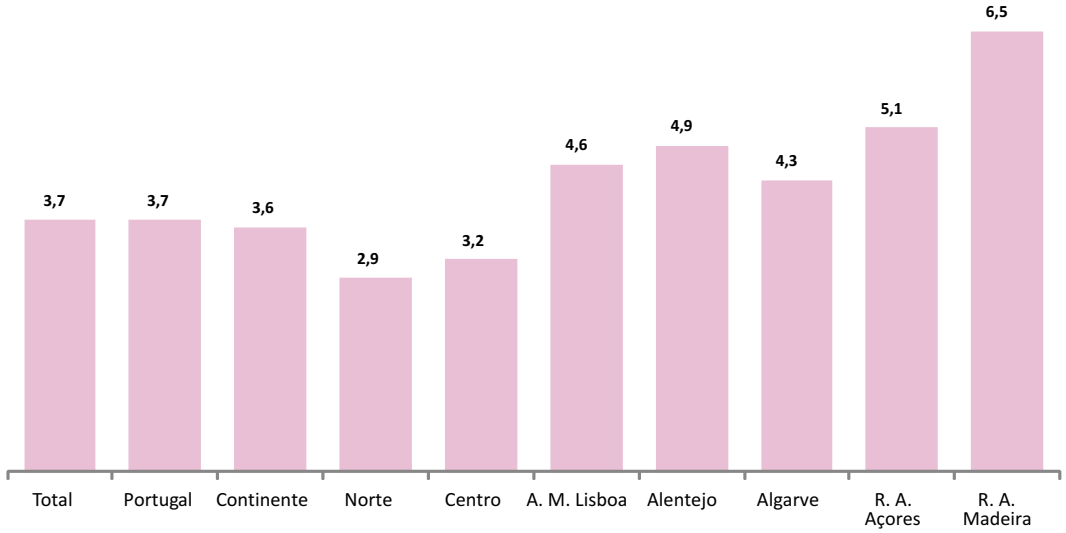
Causa de morte: Tumor maligno do colo do útero (CID-10: C53)			
Total de óbitos (N.º)	-	-	201
Idade média à morte (N.º de anos)	-	-	66,5
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	-	-	0,4
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	-	-	90
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	-	-	111
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	-	-	105
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	-	-	78
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	-	-	2,4
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	-	-	1,7
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	-	-	7,9
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	-	-	3,7
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	-	1.783
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	-	39,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	-	17,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	-	33,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

15. Tumor maligno do ovário

CID-10: C56

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno do ovário (por 100 000 mulheres), por NUTS II – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 346 mortes de mulheres (todas relativas a residentes no país) devido a Tumor maligno do ovário (C56). Para as mulheres com idades inferiores a 15 anos não se observou, no ano em análise, qualquer óbito por esta causa. A mortalidade por esta causa tem maior expressão a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,6% da mortalidade das mulheres no país. Numa perspetiva regional, verifica-se que as maiores proporções de óbitos por esta doença, face ao total de mortes observadas, registaram-se nas regiões do Alto Minho (1,1%), do Baixo Alentejo e na Região Autónoma da Madeira, cada com 1,0% enquanto nas restantes regiões do país os valores observados foram sempre inferiores a 1,0%.

O número mais elevado de óbitos por esta causa foi observado na Área Metropolitana de Lisboa (33,5%), seguindo-se a Área Metropolitana do Porto (11,8%).

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito nas mulheres por esta causa de morte foi de 71,2 anos. As idades médias ao óbito mais elevadas registaram-se nas regiões do Alentejo Litoral (79,8), do Alto Alentejo e em Viseu Dão Lafões (79,1 em cada), enquanto as mais baixas verificaram-se na Região Autónoma dos Açores (56,3) e no Tâmega e Sousa (63,3 anos em cada).

A taxa bruta de mortalidade nas mulheres devido a Tumor maligno do ovário, para o Total, no ano em análise, foi de 6,4 óbitos por 100 000 mulheres. As taxas mais elevadas registaram-se nas regiões do Baixo Alentejo (16,1), do Alto Minho (12,6) e do Alentejo Litoral (10,4). Por sua vez, as taxas mais baixas observaram-se nas regiões do Cávado (1,9) e do Tâmega e Sousa (2,7).

Para o país (Total), a taxa de mortalidade feminina padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 3,7 óbitos por 100 000 mulheres. Os valores mais elevados para este indicador foram observados no Baixo Alentejo (9,4), em Terras de Trás-os-Montes e no Alto Minho (6,7 em cada). Ao invés, os valores mais baixos situaram-se na região do Cávado (1,2), na Beira Baixa (1,7) e na Região de Leiria (2,0).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 2,0 óbitos por 100 000 mulheres, tendo os valores mais elevados sido observados na Região Autónomas do Açores e no Baixo Alentejo, 5,3 e 4,9 respetivamente.

Este indicador apresentou o valor de 18,2 óbitos por 100 000 mulheres com idades de 65 e mais anos, tendo as taxas mais elevadas sido observadas na região do Baixo Alentejo (45,5) e na Região Autónoma da Madeira (42,0). As taxas mais reduzidas foram registadas na Região Autónoma dos Açores (3,8) e no Alto Tâmega (8,5).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizada mais elevadas foram observadas no Baixo Alentejo (215,1) e na Região Autónoma da Madeira (185,0) ao passo que as mais baixas se registaram na região do Cávado (35,4), no Tâmega e Sousa (52,5) e na Beira Baixa (53,5).

O número de anos potenciais de vida perdidos nas mulheres por esta doença, para o Total, no ano em análise, foi de 1 678 anos, sendo que as Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto apresentaram os números mais elevados (528 e 190 anos, respetivamente).

Para o Total, em 2015, a taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 37,1 anos por 100 000 mulheres. Os valores mais elevados para este indicador foram observados na Região Autónoma dos Açores (103,3) e no Baixo Alentejo (98,1).

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 30,7 anos por 100 000 mulheres. Os valores mais elevados foram verificados na Região Autónoma dos Açores (97,0) e no Baixo Alentejo (75,2).

Para o Total, no ano em análise, o número médio de anos potenciais de vida perdidos nas mulheres foi de 11,1 anos, sendo nas regiões de Viseu Dão Lafões (27,5), do Alto Tâmega (22,5) e na Região Autónoma dos Açores (19,2 anos) que se registaram os valores mais elevados.

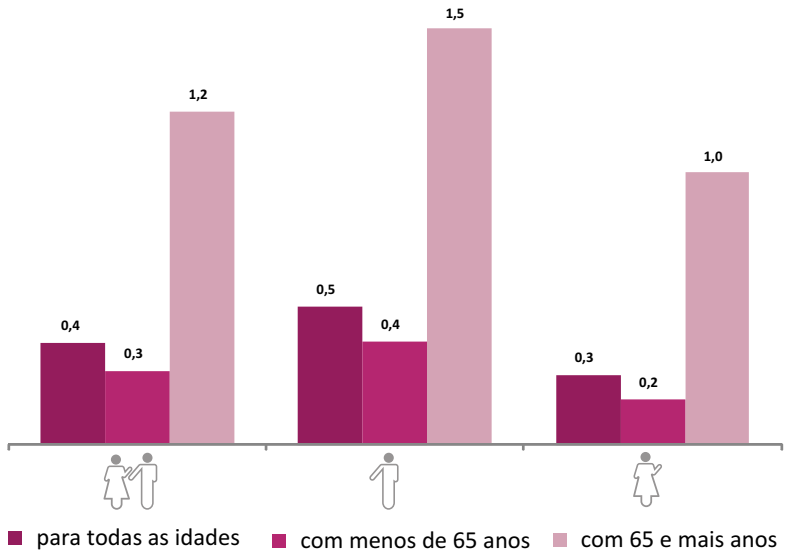
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Tumor maligno do ovário (CID-10: C56)			
Total de óbitos (N.º)	-	-	346
Idade média à morte (N.º de anos)	-	-	71,2
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	-	-	0,6
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	-	-	106
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	-	-	240
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	-	-	151
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	-	-	148
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	-	-	3,7
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	-	-	2,0
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	-	-	18,2
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	-	-	6,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	-	1.678
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	-	37,1
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	-	11,1
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	-	30,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

16. Doença de Hodgkin

CID-10: C81

Taxas de mortalidade padronizadas por doença de Hodgkin (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 53 mortes (todas de residentes no país) devido à Doença de Hodgkin (C81). Por sexo, observaram-se 31 óbitos de homens e 22 óbitos de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte com maior expressão nas idades mais avançadas. Para as idades inferiores a 15 anos não se observou, no ano em análise, qualquer óbito por esta causa.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,05% da mortalidade no país (0,06% nos homens e 0,04% nas mulheres). Na região de Terras de Trás-os-Montes, na Região Autónoma dos Açores e na Região Autónoma da Madeira observaram-se as maiores proporções de óbitos por esta doença face ao total de mortes ocorrido nestas regiões (0,17%, 013% e 0,11%, respetivamente). Verifica-se ainda que para os homens o maior peso da mortalidade verificou-se nas mesmas regiões (0,33%, 0,26%, 0,24% respetivamente). Para as mulheres o valor mais elevado para este indicador verificou-se na região do Médio Tejo (0,12%).

O maior número de óbitos por esta causa observou-se na Área Metropolitana de Lisboa (24,5%) seguindo-se a Área Metropolitana do Porto (20,8%). Por sexo, a maior percentagem de óbitos de homens também se verificou nestas Áreas Metropolitanas (19,4% em cada) e a mesma situação para as mulheres, Área Metropolitana de Lisboa com 31,8% e Área Metropolitana do Porto, com 22,7%.

A relação de masculinidade dos óbitos, no ano em análise, foi de 140,9 óbitos masculinos por cada 100 femininos, o que se traduziu, para o Total, num número de mortes superior para os homens relativamente às mulheres. Tendo em atenção as regiões onde se registaram óbitos devido à Doença de Hodgkin, o valor para este indicador foi mais elevado na região do Cávado (200,0).

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito foi de 62,9 anos (60,1 para os homens e 66,7 para as mulheres). Na região do Alentejo Central (82,5), na Região de Coimbra e na Lezíria do Tejo (77,5 em cada) observaram-se as idades médias ao óbito mais elevadas. Para os homens, os valores mais elevados verificaram-se na Região de Aveiro e no Alentejo Central (82,5 em cada) e para as mulheres observaram-se no Cávado, na Região de Leiria (89,0 em cada), na Região de Coimbra e na Lezíria do Tejo (77,5 em cada).

A análise ao nível regional das taxas de mortalidade provocadas por esta doença não é viável, pelo facto de o número de óbitos ser reduzido e conduzir a taxas de mortalidade pouco fiáveis em termos estatísticos.

A taxa bruta de mortalidade devido à Doença de Hodgkin, em 2015, para o Total, foi de 0,5 óbitos por 100 000 habitantes (0,6 para os homens e 0,4 para as mulheres).

A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, para o Total, foi de 0,4 óbitos por 100 000 habitantes (0,5 para os homens e 0,3 para as mulheres).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 0,3 óbitos por 100 000 habitantes (0,4 para os homens e 0,2 para as mulheres), ao passo que para as idades com 65 e mais anos foi de 1,2 óbitos por 100 000 habitantes (1,5 para os homens e 1,0 para as mulheres).

Em 2015, os valores da razão de mortalidade padronizada mais elevados foram registados na região de Terras de Trás-os-Montes (429,9) e nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira (289,5 e 258,1 respetivamente).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 610 anos (410 para os homens e 200 para as mulheres). Numa perspetiva regional, os valores mais elevados para este indicador foram observados na Área Metropolitana de Lisboa (168 para o total dos residentes nesta região e 103 para os homens). Para as mulheres, foi na Área Metropolitana do Porto que se registou o número mais elevado (83 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos por esta doença, para o Total, em 2015, foi de 6,9 anos por 100 000 habitantes (9,5 para os homens e 4,4 para as mulheres).

Para o Total, as taxas padronizadas dos anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 6,5 anos por 100 000 habitantes (8,9 para os homens e 4,2 para as mulheres).

Para o Total, no ano em análise, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 20,3 anos (20,5 para os homens e 20,0 para as mulheres). Para este indicador os valores mais elevados foram registados na região do Algarve, quer para o total da população residente (37,5 anos) quer para as mulheres (37,5 anos). Para os homens o mais elevado foi observado na Área Metropolitana do Porto (37,5 anos).

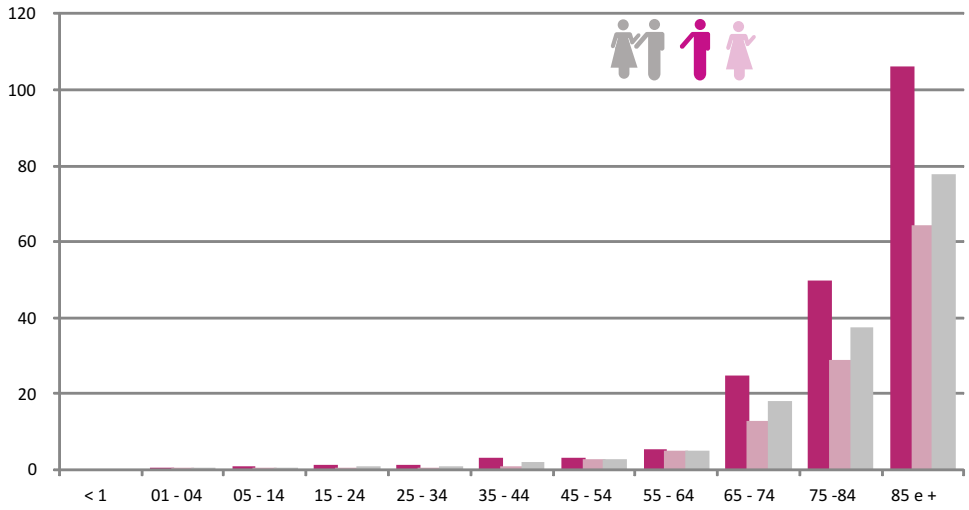
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doença de Hodgkin (CID-10: C81)			
Total de óbitos (N.º)	53	31	22
Idade média à morte (N.º de anos)	62,9	60,1	66,7
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,0	0,1	0,0
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	25	17	8
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	28	14	14
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	30	20	10
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	18	8	10
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	0,4	0,5	0,3
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,3	0,4	0,2
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	1,2	1,5	1,0
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	0,5	0,6	0,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	610	410	200
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	6,9	9,5	4,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	20,3	20,5	20,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	6,5	8,9	4,2

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

17. Leucemia

CID-10: C91-C95

Taxas brutas de mortalidade por leucemia (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 874 mortes (869 óbitos de residentes e 5 óbitos de não residentes) devido a Leucemia (C91-C95). Por sexo, observaram-se 470 óbitos de homens e 404 de mulheres. Não se registaram óbitos para idades inferiores a 1 ano, e para os grupos etários de 65 e mais anos os valores foram mais elevados face ao observado para os restantes grupos.

As mortes ocorridas por esta causa representaram 0,8% da mortalidade no país, correspondendo a 0,9% do total de óbitos de homens e a 0,7% no caso das mulheres. Quase todas as regiões do país apresentaram valores inferiores a 1,0% do total de mortes, com exceção da Região de Coimbra, do Médio Tejo e do Alentejo Central, todas elas com 1,0%. As regiões do Douro e do Alto Alentejo registaram o valor mais baixo (0,4% em cada).

Nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto observaram-se o maior número de óbitos, correspondendo a 28,3% e 12,7%, respetivamente, do total de mortes devido a esta causa. Nas regiões do Alto Tâmega e do Alto Alentejo registaram-se as menores percentagens (0,7% e 0,9%, respetivamente).

A relação de masculinidade ao óbito, para o Total, em 2015, foi de 116,3 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se nas regiões do Oeste (311,1) e do Alto Alentejo (300,0), seguindo-se ainda, o Alentejo Central (266,7) e a Região de Leiria (200,0).

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito foi de 73,3 anos (71,7 para os homens e 75,1 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região do Douro (81,6 anos) e ainda na região do Alentejo Central (79,4) por oposição às mais baixas, observadas nas regiões do Alentejo Litoral (64,1) e do Oeste (68,4).

A taxa bruta de mortalidade devido a Leucemia, para o Total no ano em análise, foi de 8,4 óbitos por 100 000 habitantes (9,6 para os homens e 7,4 para as mulheres). Tendo em conta a distribuição espacial dos óbitos por esta causa, verifica-se que na região da Beira Baixa se registou a taxa mais elevada (15,5) e que, por outro lado, foi na região do Douro que se observou a menor taxa (5,1).

Para o Total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 4,9 óbitos por 100 000 habitantes (6,3 para os homens e 3,8 para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados na região do Alentejo Litoral, 7,4 para o total dos residentes e 9,3 para as mulheres. Para os homens o valor mais elevado foi registado na região do Oeste (11,1).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades a partir de 65 anos foi de 28,9 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado ao de 1,9 observado para as idades de menos de 65 anos.

As taxas de mortalidade padronizada mais elevadas para as idades a partir dos 65 anos registaram-se na região do Alentejo Central (44,2) e na Região de Coimbra (36,5), ao passo que a mais baixa foi observada no Alentejo Litoral (17,0).

Em 2015, a razão de mortalidade padronizada mais elevada observou-se na região do Médio Tejo (133,4) para o total da população residente nesta região. Para os homens, o valor mais elevado (178,0) verificou-se no Alentejo Central e para as mulheres (149,3) na Região Autónoma dos Açores. A razão mais baixa observou-se na região do Douro (52,1) para o total da população residente e também para os homens (39,1). Para as mulheres o valor mais baixo verificou-se na região do Alto Alentejo (35,0).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos devido a Leucemia foi de 4 352 óbitos (2 697 para os homens e 1 655 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador foi registado na Área Metropolitana de Lisboa (1 305) e os mais baixos nas regiões do Douro (3) e do Alto Tâmega (8 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 49,3 anos por 100 000 habitantes (62,7 para os homens e 36,6 para as mulheres). A taxa mais elevada foi observada na região do Alentejo Litoral (184,0) enquanto as taxas mais baixas se registaram nas regiões do Douro (1,6) e do Alentejo Central (9,8).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 48,4 anos por 100 000 habitantes (61,4 para os homens e 35,8 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador foi registado no Alentejo Litoral (198,4) e o mais baixo no Douro (1,0) seguido do Alto Tâmega (6,3).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 16,4 anos (17,6 para os homens e 14,8 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados nas regiões do Alentejo Litoral (28,5) e da Beira Baixa (26,3) enquanto o valor mais reduzido se registou na região do Douro, com 2,5 anos.

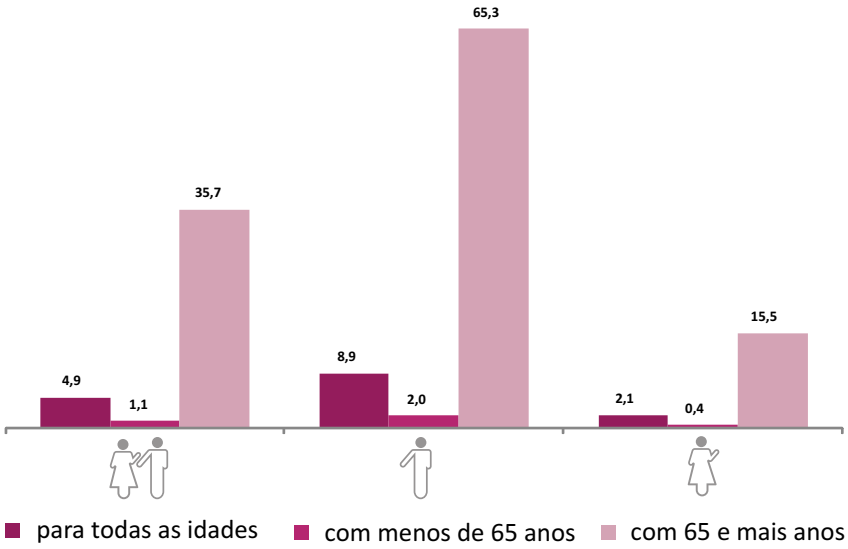
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Leucemia (CID-10: C91-C95)			
Total de óbitos (N.º)	874	470	404
Idade média à morte (N.º de anos)	73,3	71,7	75,1
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,8	0,9	0,7
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	180	104	76
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	694	366	328
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	265	153	112
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	498	246	252
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	4,9	6,3	3,8
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	1,9	2,3	1,5
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	28,9	38,3	22,3
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	8,4	9,6	7,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	4.352	2.697	1.655
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	49,3	62,7	36,6
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	16,4	17,6	14,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	48,4	61,4	35,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

18. Tumor maligno da bexiga

CID-10: C67

Taxas de mortalidade padronizadas por tumor maligno da bexiga (por 100 000 habitantes),para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 1 011 mortes (todos referentes a óbitos de residentes no país) devido a Melanoma maligno da bexiga (C67). Esta causa de morte atingiu principalmente os homens, aos quais correspondeu a cerca de 73,5% do total de mortes (743 de homens e 268 de mulheres). Não se registaram óbitos para idades inferiores a 25 anos e os valores foram mais elevados a partir dos 65 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,9% da mortalidade no país, correspondendo a 1,4% do total de óbitos de homens e a 0,5% no caso das mulheres. Na região do Algarve, 1,2% do total de mortes resultou desta causa, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país enquanto na região do Alto Tâmega se observou o valor mais baixo (0,3%).

Na Área Metropolitana de Lisboa observou-se o maior número de óbitos por esta causa (29,8%), seguindo-se a do Porto (14,9%) enquanto na região do Alto Tâmega se verificou a menor percentagem (0,4%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 277,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Todas as regiões do país, com exceção de Terras de Trás-os-Montes (75,0) e do Alto Tâmega (33,3), apresentaram valores iguais ou superiores a 100, sendo o valor mais elevado foi registado na região do Alentejo Litoral (1300,0).

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito foi de 78,4 anos (77,2 para os homens e 81,5 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada no Alto Tâmega (83,3) e a mais baixa na Beira Baixa (74,1).

A taxa bruta de mortalidade devido a Tumor maligno da bexiga, em 2015, para o Total, foi de 9,8 óbitos por 100 000 habitantes (15,1 para os homens e 4,9 para as mulheres). Observando a distribuição espacial dos óbitos motivados por esta causa, verifica-se qua a taxa mais elevada foi observada na região do Alentejo Litoral (14,7) e que, ao invés, nas regiões do Alto Tâmega e do Tâmega e Sousa se registaram as taxas mais baixas (4,5 e 4,9, respetivamente).

A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 4,9 óbitos por 100 000 habitantes (8,9 para os homens e 2,1 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram registados nas regiões do Algarve (7,2) e da Beira Baixa (6,4). Para os homens o valor mais elevado verificou-se na Beira Baixa (12,8) e para as mulheres em Terras de Trás-os-Montes (5,4).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades com 65 anos e mais anos foi de 35,7 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado ao de 1,1 para as idades inferiores a 65 anos.

Em 2015, a razão de mortalidade padronizada mais elevada verificou-se na Região Autónoma dos Açores (132,9) para o total dos residentes. Para os homens a mais elevada registou-se no Alentejo Litoral (140,3) e para as mulheres na região do Oeste (197,3). As razões de mortalidade mais reduzidas registaram-se na região do Alto Tâmega para o total dos residentes nesta região (31,2) e para os homens (10,3) e para as mulheres o mais baixo registou-se no Alentejo Litoral (33,3).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 1 718 anos (1 365 para os homens e 353 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador observaram-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (585 e 258 anos, respetivamente).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 19,5 anos por 100 000 habitantes (31,7 para os homens e 7,8 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram observadas nas regiões da Beira Baixa (46,4) e de Terras de Trás-os-Montes (46,3).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 15,6 anos por 100 000 habitantes (26,1 para os homens e 6,3 para as mulheres). O valor mais elevado registou-se na região da Beira Baixa (33,6).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 8,7 anos (8,1 para os homens e 12,2 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador foi observado no Alentejo Litoral (22,5 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015

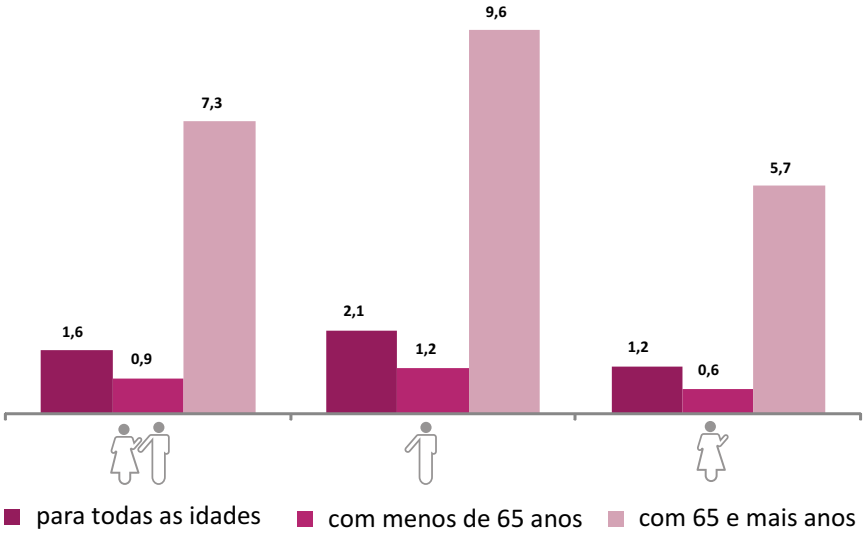
Causa de morte: Tumor maligno da bexiga (CID-10: C67)			
Total de óbitos (N.º)	1.011	743	268
Idade média à morte (N.º de anos)	78,4	77,2	81,5
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,9	1,4	0,5
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	121	99	22
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	890	644	246
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	197	168	29
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	699	485	214
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	4,9	8,9	2,1
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	1,1	2,0	0,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	35,7	65,3	15,5
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	9,8	15,1	4,9
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	1.718	1.365	353
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	19,5	31,7	7,8
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	8,7	8,1	12,2
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	15,6	26,1	6,3

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

19. Melanoma maligno da pele

CID-10: C43

Taxas de mortalidade padronizadas por melanoma maligno da pele (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 261 mortes (260 de residentes no país e 1 óbito de não residente) devido a Melanoma maligno da pele (C43). Por sexo, observaram-se 147 óbitos de homens e 114 de mulheres. Não se registaram óbitos para idades inferiores a 15 anos e o número de óbitos é mais elevado a partir dos 35 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,2% da mortalidade no país, correspondendo também a 0,3% dos óbitos de homens e 0,2%, no caso das mulheres. Por região, a mortalidade por esta doença equivaleu a 0,4% do total de mortes registada nas regiões do Oeste, do Alentejo Litoral, do Alto Alentejo e ainda na Região Autónoma da Madeira, valor este que corresponde ao mais elevado verificado no país.

O maior número de óbitos por esta causa foi observado nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (31,0% e 11,9%, respetivamente). A relação de masculinidade ao óbito, em 2015, para o Total, foi de 128,9 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado para este indicador registou-se na região do Alto Minho com 400,0 e o mais baixo no Douro e ainda em Viseu e Dão Lafões, com 33,3 em cada uma.

Em 2015, para o Total, a idade média ao óbito foi de 70,0 anos (68,5 para os homens e 72,0 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região do Douro (82,6) e a mais baixa na Região Autónoma dos Açores (53,0 anos).

A taxa bruta de mortalidade devido a Melanoma maligno da pele, em 2015, para o Total, foi de 2,5 óbitos por 100 000 habitantes (3,0 para os homens e 2,1 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram observadas no Alto Alentejo e no Alentejo Litoral (6,3) bem como nas regiões do Alentejo Central (4,4) e do Oeste (4,2).

A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, para o Total, foi 1,6 óbitos por 100 000 habitantes (2,1 para os homens e 1,2 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas no Alto Alentejo, 4,1 para o total dos residentes nesta região e também para as mulheres (3,2) e no que diz respeito aos homens, no Alentejo Central (5,9).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 7,3 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado ao de 0,9 para as idades inferiores a 65 anos.

As taxas de mortalidade padronizadas para as idades de 65 e mais anos mais elevadas foram observadas no Alentejo Litoral, 17,1 e no Douro com 14,6.

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas registaram-se no Alentejo Litoral, para o total da população residente (212,1), bem como para as mulheres (336,9). Para os homens o valor mais elevado observou-se no Alentejo Central (260,9) seguindo-se a Região Autónoma da Madeira (220,2).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 1 658 anos (1 030 para os homens e 628 para as mulheres). Nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto observaram-se os valores mais elevados (440 e 155 anos, respetivamente).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos por esta doença, para o Total, em 2015, foi de 18,8 anos por 100 000 habitantes (24,0 para os homens e 13,9 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas no Alto Alentejo (94,0) assim como na região de Terras de Trás-os-Montes (63,6) e na região do Oeste (50,1). Para os homens, os valores mais elevados situaram-se em Terras de Trás-os--Montes (128,4) enquanto para as mulheres foram nas regiões do Alto Alentejo (95,8) e do Oeste (53,3).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos em 2015 foi de 16,2 anos por 100 000 habitantes (21,1 para os homens e 11,7 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas no Alto Alentejo (90,7) e em Terras de Trás-os-Montes (78,2).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 14,7 anos (14,7 para os homens e 14,6 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram obtidos para a Região Autónoma dos Açores (35,0), Terras de Trás-os-Montes, Região de Leiria e para o Alto Alentejo (27,5 anos em cada uma destas regiões).

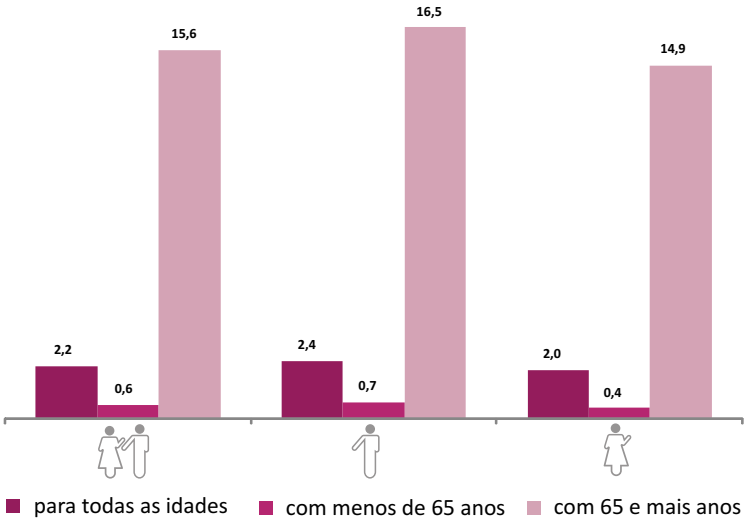
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Melanoma maligno da pele (CID-10: C43)			
Total de óbitos (N.º)	261	147	114
Idade média à morte (N.º de anos)	70,0	68,5	72,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,2	0,3	0,2
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	89	56	33
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	172	91	81
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	113	70	43
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	116	58	58
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	1,6	2,1	1,2
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,9	1,2	0,6
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	7,3	9,6	5,7
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	2,5	3,0	2,1
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	1.658	1.030	628
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	18,8	24,0	13,9
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	14,7	14,7	14,6
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	16,2	21,1	11,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

20. Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários

CID-10: D50-D89

Taxas de mortalidade padronizadas por doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 463 mortes (459 óbitos de residentes e 4 óbitos de não residentes) devido a Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (D50-D89). Por sexo, observaram-se 199 óbitos de homens e 264 de mulheres. Para estas causas ocorreram óbitos em todos os grupos etários, com exceção do grupo de menos de 1 ano. O número de mortes foi significativamente mais elevado para as idades a partir dos 75 anos.

As mortes provocadas por estas causas representaram 0,4% da mortalidade no país, correspondendo a 0,4% de óbitos nos homens e a 0,5% no caso das mulheres. Nas regiões do Alentejo Central (0,8%), das Beiras e Serra da Estrela, Terras de Trás-os-Montes e do Alto Alentejo (0,7% em cada) a mortalidade por esta doença constituiu o valor mais elevado verificado no país. Os valores mais baixos foram registados nas regiões do Tâmega e Sousa (0,1%) e no Cávado, Alto Minho, Área Metropolitana de Lisboa e do Oeste (0,3% em cada uma destas regiões).

Nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto observaram-se o maior número de óbitos por estas causas, correspondendo a 19,9% e 13,0%, respetivamente. Por outro lado, a menor percentagem de óbitos foi registada no Tâmega e Sousa (1,1%).

A relação de masculinidade ao óbito, em 2015, no país (Total), foi de 75,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. A relação de masculinidade mais elevada foi registada na Região de Aveiro com 171,4 bem como no Alto Alentejo com 160,4.

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito foi de 79,4 anos (76,8 para os homens e 81,3 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região do Alto Tâmega, (85,3) quer para o total de residentes, quer para os homens 85,8. Para as mulheres o valor mais elevado foi de (87,9) registados em Viseu Dão Lafões. A mais reduzida verificou-se na região do Baixo Alentejo (66,7 anos) para os residentes desta região.

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários, em 2015, foi de 4,5 óbitos por 100 000 habitantes (4,1 para os homens e 4,8 para as mulheres). Observando a distribuição espacial dos óbitos motivados por estas causas, verifica-se que a taxa mais elevada foi registada na região do Alto Alentejo (11,7), enquanto o mais baixo foi obtido na região do Tâmega e Sousa (1,2).

A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, no país (Total), em 2015, foi de 2,2 óbitos por 100 000 habitantes (2,4 para os homens e 2,0 e para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados na região do Alto Alentejo, tanto para o total de residentes nesta região (5,0) como para os homens (8,7). Para as mulheres a mais elevada verificou-se no Baixo Alentejo (6,3).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 15,6, óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado com o de 0,6 obtido para as idades inferiores a 65 anos.

No ano em análise, a taxa de mortalidade mais elevada para os 65 e mais anos foi registada na região do Alto Alentejo, tanto para o total de residentes (37,2) como para os homens (62,7). Para as mulheres o valor mais elevado observou-se nas regiões de Terras de Trás-os-Montes e do Alentejo Litoral (29,1 em cada). Por outro lado, foi na região do Baixo Alentejo que se registou o valor mais baixo para o total da população residente (7,1).

Em 2015, a razão de mortalidade padronizada mais elevada foi registada na região do Alto Alentejo, tanto para o total dos residentes (182,3), como para os homens (256,4). Para as mulheres, o valor mais elevado verificou-se no Alentejo Central (207,0). Por outro lado, os valores mais baixos foram observados na região do Tâmega e Sousa (35,2 para o total de residentes e 37,6 para as mulheres).

No país (Total), no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 1 292 (785 para os homens e 507 para as mulheres), tendo sido na Área Metropolitana de Lisboa que se registou o maior valor (430) e ainda no Baixo Alentejo (105), enquanto nas regiões do Alto Tâmega, do Oeste e do Alentejo Litoral não se registaram perda de anos por esta doença, devido à não ocorrência de óbitos com menos de 70 anos, por esta causa.

A taxa de anos potenciais de vida perdidos para o Total, em 2015, foi de 14,6 anos por 100 000 habitantes (18,2 para os homens e 11,2 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador situaram-se nas regiões do Baixo Alentejo (106,3) e do Alentejo Central (46,8).

No país (Total), a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi, em 2015, de 15,1 anos por 100 000 habitantes (19,5 para os homens e 10,7 para as mulheres). Os valores mais altos para este indicador foram registados nas regiões do Baixo Alentejo (155,1) e do Alentejo Central (42,6).

No ano em análise, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 16,8 anos (18,7 para os homens e 14,5 para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados na região do Tâmega e Sousa, quer para o total de residentes (52,5 anos) quer para os homens (52,5 anos).

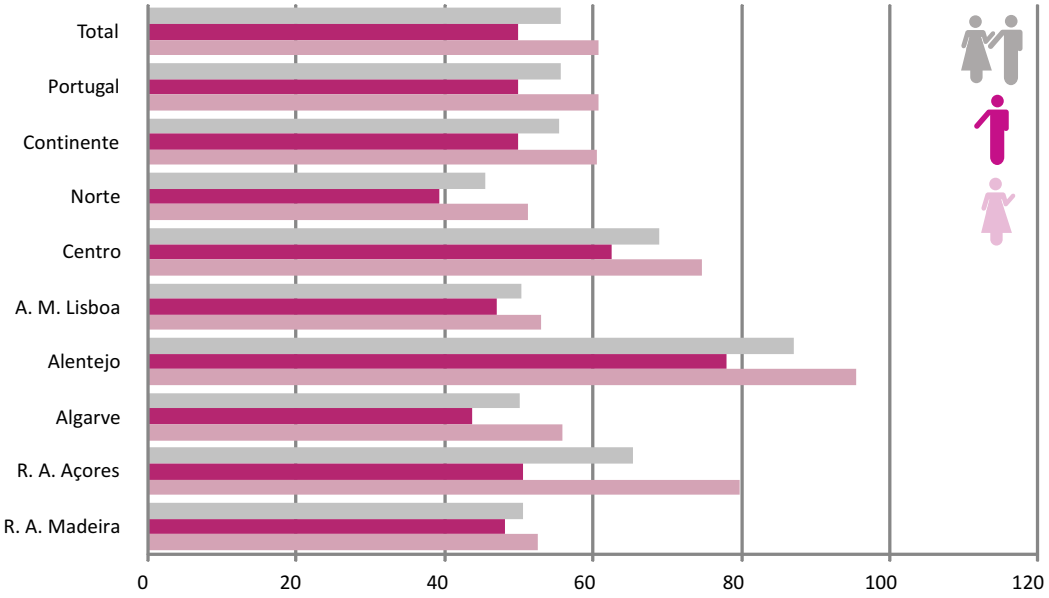
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (CID-10: D50-D89)			
Total de óbitos (N.º)	463	199	264
Idade média à morte (N.º de anos)	79,4	76,8	81,3
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,4	0,4	0,5
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	52	30	22
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	411	169	242
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	77	42	35
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	360	143	217
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	2,2	2,4	2,0
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,6	0,7	0,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	15,6	16,5	14,9
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	4,5	4,1	4,8
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	1.292	785	507
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	14,6	18,2	11,2
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	16,8	18,7	14,5
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	15,1	19,5	10,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

21. Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas

CID-10: E00-E90

Taxas brutas de mortalidade por doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (por 100 000 habitantes) por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 5 766 mortes (5 761 óbitos de residentes e 5 óbitos de não residentes) devido a Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (E00-E90). Por sexo, registaram-se 2 454 óbitos de homens e 3 312 de mulheres. Para todos os grupos etários, no ano em análise, houve registo de óbitos por estas causas, com maior expressão a partir dos 55 anos de idade.

As mortes provocadas por este conjunto de causas representaram 5,3% da mortalidade no país, correspondendo a 4,5% dos óbitos nos homens e a 6,1% no caso das mulheres. Na Região de Leiria a mortalidade por este tipo de doenças foi equivalente a 7,6% do total de mortes nessa região (7,2% para os homens), valores mais elevados verificados no país. Para as mulheres o valor mais elevado foi verificado na Região Autónoma dos Açores (8,6%).

Os valores mais baixos foram registados na região do Cávado quer para o total da população residente (3,9%) quer para as mulheres (4,2%). Para os homens os valores mais baixos situaram-se na Região de Coimbra (3,5%) seguindo-se a Área Metropolitana do Porto e o Algarve (3,6% em cada).

O número de óbitos mais elevado foi observado nas Áreas Metropolitana de Lisboa (24,5%) e do Porto (11,9%) e por outro lado, a menor percentagem foi registada na região do Alto Tâmega (1,0%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 74,1 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado registou-se na Região de Leiria (90,9) sendo que em todas as regiões do país, este indicador foi sempre menor que 100. O valor mais baixo observou-se na região do Ave (52,0).

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito por estas causas de morte foi de 80,2 anos (77,6 para os homens e 82,1 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi verificada na região da Beira Baixa (83,0) e a mais baixa na Região Autónoma da Madeira (77,0).

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, em 2015, foi de 55,7 óbitos por 100 000 habitantes (49,9 para os homens e 60,8 para as mulheres). Na distribuição espacial dos óbitos por estas causas, as taxas mais elevadas foram observadas nas regiões da Beira Baixa (105,9) e do Alto Alentejo (104,3). Por outro lado, constata-se que foi na região do Cávado e na Área Metropolitana de Lisboa que se registaram as taxas mais baixas (29,5 e 39,7, respetivamente).

No país (Total), em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 26,8 óbitos por 100 000 habitantes (29,4 para os homens e 24,5 para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados na Região Autónoma dos Açores, para o total da população residente (50,1), para os homens (48,5) e ainda para as mulheres (49,5). Na região do Cávado registaram-se as taxas mais reduzidas quer para o total da população residente nesta região (18,0) quer para as mulheres (14,6). Para os homens o valor mais baixo verificou-se na Região de Coimbra (19,8).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 4,8 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado ao de 205,2 para as idades de 65 e mais anos.

Para o grupo etário dos 65 e mais anos, as taxas padronizadas mais elevadas foram verificadas na Região Autónoma dos Açores tanto para o total da população residente (369,5) como para os homens (332,7) e também para as mulheres (385,5). Por outro lado, as taxas mais baixas registaram-se na região do Cávado para o total da população residente (137,5) assim como para as mulheres (114,2). Para os homens o valor mais baixo verificou-se no Alto Tâmega (150,0).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas observaram-se na Região Autónoma dos Açores para o total da população residente (182,2), para os homens (163,9) e para as mulheres (195,0). Os valores mais baixos registaram-se na região do Cávado, para o total da população residente (69,3) assim como para as mulheres (63,8). Para os homens o valor mais baixo verificou-se na Região de Coimbra (71,0).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por este tipo de doenças foi de 8 437 anos (5 303 para os homens e 3 135 para as mulheres). Os maiores valores para este indicador foram registados nas Áreas Metropolitana de Lisboa (2 039 anos) e do Porto (1 514), sendo que o menor foi observado na região da Beira Baixa (30 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, em 2015, para o Total, foi de 95,6 anos por 100 000 habitantes (123,3 para os homens e 69,2 para as mulheres). Os valores mais elevados situaram-se no Alto Tâmega para o total da população residente (207,0) bem como para os homens (318,1), sendo que para as mulheres, a taxa mais elevada foi observada na região do Alto Alentejo (163,4). Por outro lado, a taxa mais baixa foi registada na região do Ave (32,9 anos) para o total da população residente. No país (Total), no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 88,2 anos por 100 000 habitantes (117,3 para os homens e 60,6 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador registou-se na região do Alto Tâmega (320,3) e o mais baixo verificou-se na região do Ave (26,3).

Em 2015, no país (Total), o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 10,3 anos (10,6 para os homens e 9,9 para as mulheres). O valor mais elevado foi registado no Alto Tâmega (18,1) e o mais baixo na Beira Baixa (5,0 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015

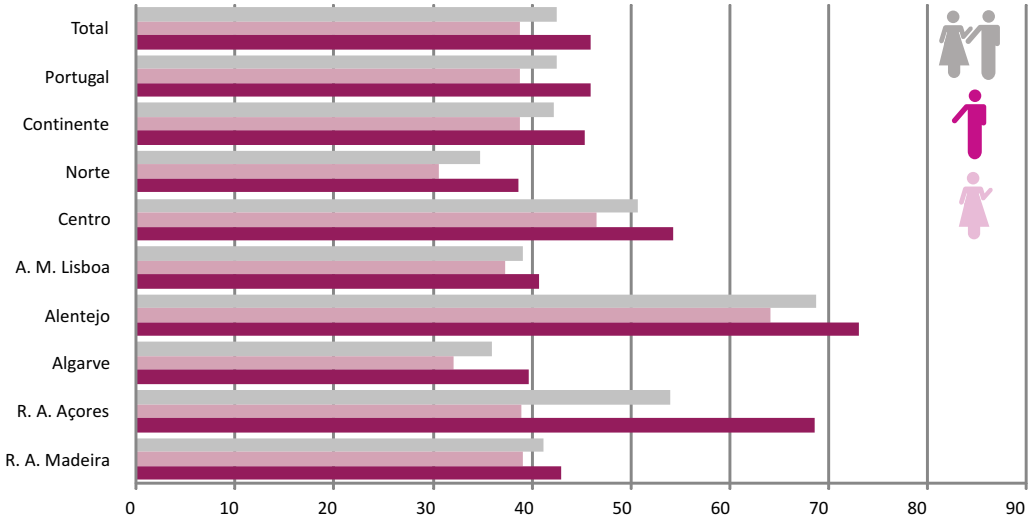
Causa de morte: Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (CID-10: E00-E90)			
Total de óbitos (N.º)	5.766	2.454	3.312
Idade média à morte (N.º de anos)	80,2	77,6	82,1
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	5,3	4,5	6,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	479	295	184
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	5.287	2.159	3.128
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	817	499	318
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	4.427	1.669	2.758
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	26,8	29,4	24,5
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	4,8	6,2	3,5
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	205,2	217,1	195,2
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	55,7	49,9	60,8
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	8.437	5.303	3.135
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	95,6	123,3	69,2
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10,3	10,6	9,9
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	88,2	117,3	60,6

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

22. Diabetes mellitus

CID-10: E10-E14

Taxas brutas de mortalidade por diabetes mellitus (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 4 406 mortes (4 403 óbitos de residentes e 3 óbitos de não residentes) devido a Diabetes mellitus (E10-E14). Por sexo, registaram-se 1 907 óbitos de homens e 2 499 de mulheres. Para as idades inferiores a 15 anos não se registaram, no ano em análise, óbitos por estas causas. A partir dos 55 anos o número de óbitos cresce significativamente com a idade.

As mortes motivadas por esta causa representaram 4,0 % da mortalidade no país, correspondendo a 3,5% do total de óbitos de homens e a 4,6% no caso das mulheres. Na Região Autónoma dos Açores, 5,8% do total de mortes nesta região correspondeu ao valor mais elevado verificado no país, o mesmo sucedeu para as mulheres aí residentes (7,4%). Os valores mais baixos foram registados no Cávado e na Região de Coimbra (2,3% e 3,0%, respetivamente).

O maior número de óbitos observou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, equivalendo a 25,0% e 11,8%, respetivamente. Por outro lado, foi nas regiões do Alto do Tâmega (1,0%) e do Alentejo Litoral (1,0%) que se registaram os valores mais baixos.

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, no país (Total), foi de 76,3 óbitos masculinos por cada 100 femininos verificando-se em todas as regiões do país, valores inferiores a 100, exceto na Lezíria do Tejo. Os valores mais elevados deste indicador registaram-se nas regiões da Lezíria do Tejo (102,9) e da Beira Baixa (96,8) enquanto na região do Ave se observou o valor mais reduzido (52,0).

No país (Total), em 2015, a idade média ao óbito por esta causa de morte foi de 80,6 anos (78,3 para os homens e 82,3 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na Região de Coimbra (82,6 anos), e a mais baixa na Região Autónoma da Madeira (77,2 anos).

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade por esta causa, em 2015, foi de 42,5 óbitos por 100 000 habitantes (38,8 para os homens e 45,9 para as mulheres). Observando a distribuição espacial dos óbitos motivados por esta causa, verifica-se que as taxas mais elevadas foram atingidas nas regiões de Terras de Trás-os-Montes e do Alto Alentejo, 85,2 e 84,5, respetivamente) e que a taxa mais baixa (17,2) foi registada na região do Cávado.

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 20,1 óbitos por 100 000 habitantes (22,4 para os homens e 18,2 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas na Região Autónoma do Açores: 40,9 para o total da população residente, 37,2 para os homens e 42,2 para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada as idades a partir dos 65 anos foi de 159,4 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado com o de 2,9 para as idades inferiores a 65 anos.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos mais elevada foi observada na Região Autónoma dos Açores, tanto para o total de residentes (321,4) como para as mulheres (347,7). A taxa mais baixa foi observada na região do Cávado tanto para o total da população residente (85,2) como para as mulheres (69,5).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas registaram-se na Região Autónoma dos Açores, para o total da população residente (198,5) e para as mulheres (223,5). Este indicador apresentou os valores mais baixos na região do Cávado (53,1 para o total de residentes, 57,4 para os homens e 49,8 para as mulheres).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 4 595 anos (2 933 para os homens e 1 663 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (1 188) e do Porto (658 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos por esta doença, em 2015, no país (Total), foi de 52,1 anos por 100 000 habitantes (68,2 para os homens e 36,7 para as mulheres). Na Região Autónoma dos Açores observou-se o valor mais elevado (103,1) e na região do Cávado o mais baixo (17,9).

Em 2015, para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 41,7 anos por 100 000 habitantes (56,2 para os homens e 28,8 para as mulheres). O valor mais alto deste indicador foi registado na Região Autónoma dos Açores (96,7) e o mais baixo na região do Alto Tâmega (14,3).

Para o Total, no ano em análise, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 8,1 anos (8,2 para os homens e 8,0 para as mulheres). O valor mais elevado foi observado na região do Alentejo Central (13,8) e o mais baixo na região da Beira Baixa (4,5 anos).

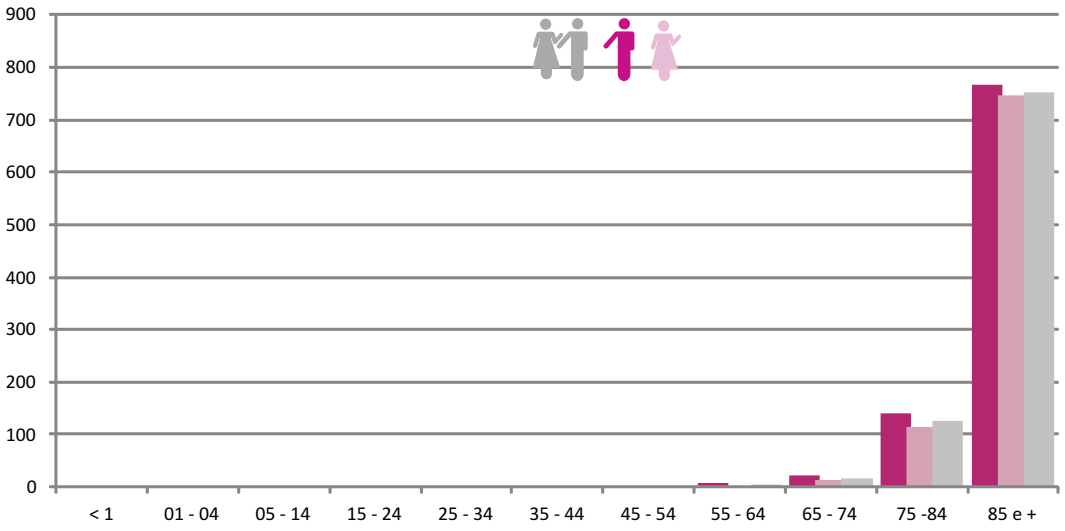
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Diabetes mellitus (CID-10: E10-E14)			
Total de óbitos (N.º)	4.406	1.907	2.499
Idade média à morte (N.º de anos)	80,6	78,3	82,3
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	4,0	3,5	4,6
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	308	197	111
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	4.098	1.710	2.388
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	564	357	207
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	3.417	1.318	2.099
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	20,1	22,4	18,2
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	2,9	4,0	2,0
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	159,4	172,1	149,4
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	42,5	38,8	45,9
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	4.595	2.933	1.663
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	52,1	68,2	36,7
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	8,1	8,2	8,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	41,7	56,2	28,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

23. Perturbações mentais e do comportamento

CID-10: F00-F99

Taxas brutas de mortalidade por perturbações mentais e do comportamento (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 3 267 mortes (3 264 de óbitos de residentes no país e 3 óbitos de não residentes) devido a Perturbações mentais e do comportamento (F00-F99). Por sexo, registaram-se 1 270 óbitos de homens e 1 997 de mulheres. Os óbitos por estas causas são mais frequentes nas idades a partir dos 65 anos.

As mortes motivadas por estas causas representaram 3,0% da mortalidade no país, correspondendo a 2,3% dos óbitos de homens e a 3,7% no caso das mulheres. Nas regiões do Alto Tâmega e das Terras de Trás-os-Montes a mortalidade por esta doença constituiu 5,8% e 5,4% do total de mortes nessas regiões, respetivamente, valores mais elevados verificados no país.

Observa-se que o maior número de mortes verificou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, representando cada uma delas 26,3% e 14,5%, respetivamente e que a percentagem mais baixa se registou nas regiões do Alentejo Litoral e do Baixo Alentejo (1,0% em cada).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 63,6 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados foram observados na Região de Leiria (126,3), no Baixo Alentejo (120,0) e no Alentejo Litoral (113,3). Em todas as restantes regiões do país, este indicador assumiu sempre um valor inferior a 100.

No país (Total), em 2015, a idade média ao óbito foi de 84,5 anos (82,4 para os homens e 85,8 para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas foram observadas nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (86,6), do Alto Alentejo e do Alto Minho (ambas com 85,8 anos), enquanto as mais baixas se registaram nas Regiões Autónomas da Madeira (78,2) e dos Açores (80,6 anos).

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Perturbações mentais e do comportamento, em 2015, foi de 31,5 óbitos por 100 000 habitantes (25,8 para os homens e 36,7 para as mulheres. Foi nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (83,4) e do Alto Tâmega (82,5) que se observaram as taxas mais elevadas e na região do Cávado, a taxa mais baixa (17,7).

A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, para o Total, em 2015, foi de 13,5 óbitos por 100 000 habitantes (13,9 para os homens e 13,1 para as mulheres). Na região do Alto do Tâmega foram registados os valores mais elevados para o total da população residente (22,3) bem como para as mulheres (24,8). As taxas mais reduzidas foram observadas na região do Baixo Alentejo, para o total da população residente (8,3) e para as mulheres (6,4).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 114,7 óbitos por 100 000 habitantes (113,3 para os homens e 114,9 para as mulheres), enquanto para as idades inferiores a 65 anos este indicador apresentou o valor de 1,0 óbitos por 100 000 habitantes (1,6 para os homens e 0,5 para as mulheres).

No ano em análise, foi na região de Terras de Trás-os-Montes que se registou a taxa padronizada mais elevada para as idades de 65 e mais anos, tanto para o total de residentes (191,9) como para as mulheres (210,6). Por outro lado, na região da Lezíria do Tejo observou-se o valor mais baixo, para o total da população residente (72,5).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas foram registadas na região de Terras de Trás-os-Montes tanto para o total da população residente (170,0) bem como para os homens (155,7) e também para as mulheres (180,4). As razões de mortalidade mais reduzidas foram observadas na região da Lezíria do Tejo, para o total dos residentes (60,9).

No país (Total), em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 1 900 anos (1 463 para os homens e 438 para as mulheres), tendo sido as Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto que atingiram os valores mais elevados (315 e 268 anos, respetivamente).

Para o Total, no ano em análise, a taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 21,5 anos por 100 000 habitantes (34,0 para os homens e 9,7 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados na região do Alentejo Central (87,8) e na Região Autónoma da Madeira (75,1 anos).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 18,3 anos por 100 000 habitantes (29,5 para os homens e 7,9 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados na região do Alentejo Central (84,5) e na Região Autónoma da Madeira (67,1).

Em 2015, no país (Total), o número médio de anos potenciais de vida perdidos por estas causas de morte foi de 12,0 anos (13,2 para os homens e 9,3 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados na região do Algarve e na Região de Leiria, 24,2 e 18,8 anos, respetivamente.

Nota: Em 2013, a Direção-Geral da Saúde procedeu à revisão de alguns pressupostos de codificação da causa de morte básica relativamente a algumas situações de demência e perturbações mentais, classificadas em "Perturbações mentais e do comportamento" (códigos F00-F99 da CID-10), de que resultou uma quebra de série para este conjunto de causas de morte, pelo que as comparações temporais devem ter conta este aspeto.

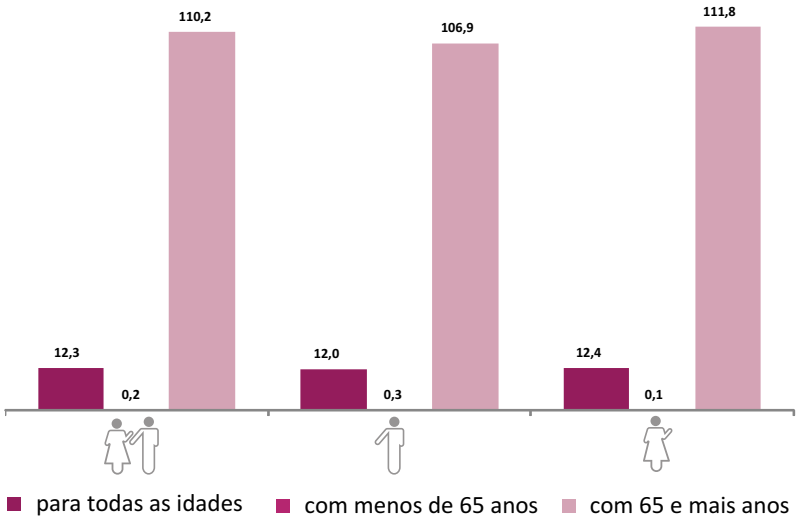
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Perturbações mentais e do comportamento (CID-10: F00-F99)			
Total de óbitos (N.º)	3.267	1.270	1.997
Idade média à morte (N.º de anos)	84,5	82,4	85,8
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	3,0	2,3	3,7
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	106	78	28
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	3.161	1.192	1.969
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	158	111	47
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.982	1.087	1.895
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	13,5	13,9	13,1
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	1,0	1,6	0,5
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	114,7	113,3	114,9
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	31,5	25,8	36,7
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	1.900	1.463	438
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	21,5	34,0	9,7
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	12,0	13,2	9,3
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	18,3	29,5	7,9

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

24. Demência

CID-10: F00-F03

Taxas de mortalidade padronizadas por demência (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 3 076 mortes (3 073 referentes a óbitos de residentes no país e 3 óbitos de não residentes) devido a Demência (F00-F03). Por sexo, registaram-se 1 146 óbitos de homens e 1 930 de mulheres. Para as idades inferiores a 45 anos não se registaram, no ano em análise, óbitos por estas causas sendo que a maior frequência de óbitos se observou para as idades de 85 e mais anos.

As mortes motivadas por estas causas representaram 2,8% da mortalidade no país, correspondendo a 2,1% dos óbitos de homens e a 3,5% no caso das mulheres. Nas regiões do Alto Tâmega e das Terras de Trás-os-Montes a mortalidade por esta doença constituiu 5,7% e 5,3% do total de mortes nessas regiões, respetivamente, correspondendo aos valores mais elevados verificados no país. As proporções mais baixas verificaram-se nas regiões do Baixo Alentejo (1,4%) e da Lezíria do Tejo (1,6%).

O maior número de mortes verificou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, representando cada uma delas 26,7% e 14,8%, respetivamente. As percentagens mais baixas registaram-se no Baixo Alentejo (0,9%) seguindo-se a Beira Baixa e o Alentejo Litoral (1,0% em cada).

A análise ao nível regional das taxas de mortalidade provocadas por esta doença não é viável, pelo facto de o número de óbitos ser reduzido e conduzir a taxas de mortalidade pouco fiáveis em termos estatísticos.

A relação de masculinidade ao óbito, para o Total, em 2015, foi de 59,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados foram observados na Região de Leiria (119,4), no Alentejo Litoral (113,3) e no Baixo Alentejo (107,1). Em todas as restantes regiões do país este indicador assumiu um valor inferior a 100.

No país (Total), em 2015, a idade média ao óbito foi de 85,5 anos (84,5 para os homens e 86,2 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região da Beira Baixa (87,0) enquanto as mais baixas se registaram nas Regiões Autónomas da Madeira (82,8) e dos Açores (84,0 anos).

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Demência, em 2015, foi de 29,7 óbitos por 100 000 habitantes (23,3 para os homens e 35,4 para as mulheres). Verifica-se que foi na região das Terras de Trás-os-Montes que se observou a taxa mais elevada (82,5) e ainda no Alto Tâmega (80,2). Por outro lado, foi nas regiões do Ave e do Cávado que se registaram as taxas mais baixas, 16,2 e 17,4, respetivamente.

A taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, para o Total, em 2015, foi de 12,3 óbitos por 100 000 habitantes (12,0 para os homens e 12,4 para as mulheres). Nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (21,6) e do Alto Tâmega (20,9) foram registados os valores mais elevados. Relativamente aos homens, a taxa mais elevada foi observada para as Terras de Trás-os-Montes (19,8) e nas mulheres no Alto Tâmega (23,2).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 110,2 óbitos por 100 000 habitantes (106,9 para os homens e 111,8 para as mulheres), enquanto para as idades inferiores a 65 anos este indicador apresentou o valor de 0,2 óbitos por 100 000 habitantes (0,3 para os homens e 0,1 para as mulheres).

No ano em análise, foi na região de Terras de Trás-os-Montes que se registaram as taxas mais elevadas para as idades de 65 e mais anos, quer para o total da população residente (189,9) quer para os homens (167,3) e para as mulheres (207,1). Por outro lado, verifica-se que foi na região da Lezíria do Tejo que se observou o valor mais baixo para o total da população residente (64,3).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas foram registadas nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (176,6) e do Alto Tâmega (171,6). Para os homens os valores mais elevados foram registados em Terras de Trás-os-Montes (168,4) e no Alto Tâmega (159,3). Para as mulheres as mais elevadas situaram-se em Terras de Trás-os-Montes (182,7) e no Alto Tâmega (180,0). As razões de mortalidade mais reduzidas foram observadas na região da Lezíria do Tejo, para o total da população residente (58,5). Para as mulheres o valor mais baixo verificou-se no Baixo Alentejo (46,1) e no caso dos homens região da Beira Baixa (37,6).

No país (Total), em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 330 anos (203 para os homens e 128 para as mulheres), tendo sido nas Áreas Metropolitanas do Porto e de Lisboa que se atingiram os valores mais elevados (60 e 50 anos, respetivamente).

Para o Total, no ano em análise, a taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 3,7 anos por 100 000 habitantes (4,7 para os homens e 2,8 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados na região do Douro (17,1) e na Região Autónoma da Madeira (10,9).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 2,8 anos por 100 000 habitantes (3,7 para os homens e 2,0 para as mulheres). O valor mais elevado foi observado na região do Douro (12,7).

Em 2015, no país (Total), o número médio de anos potenciais de vida perdidos por estas causas de morte foi de 5,5 anos (5,8 para os homens e 5,1 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados no Alto Minho (17,5) e na Região de Coimbra e na Região Autónoma da Madeira, 12,5 anos em cada uma.

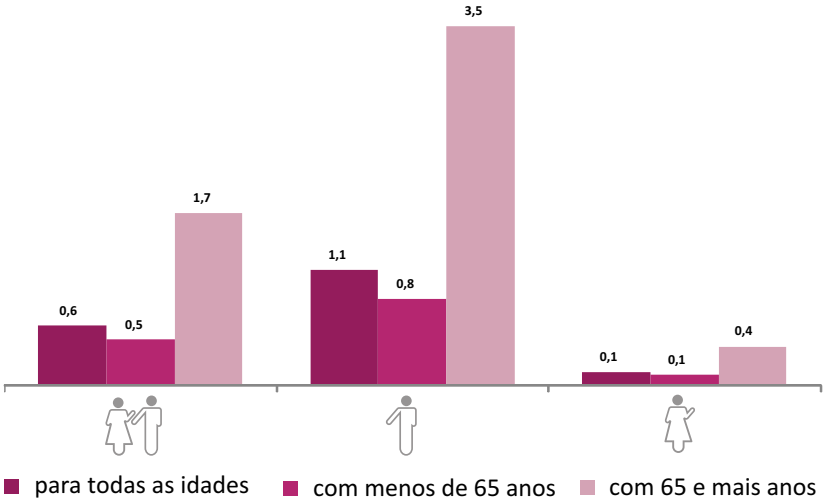
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Demência (CID10: F00-F03)			
Total de óbitos (N.º)	3.076	1.146	1.930
Idade média à morte (N.º de anos)	85,5	84,5	86,2
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	2,8	2,1	3,5
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	22	14	8
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	3.054	1.132	1.922
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	60	35	25
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.908	1.051	1.857
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	12,3	12,0	12,4
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,2	0,3	0,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	110,2	106,9	111,8
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	29,7	23,3	35,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	330	203	128
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	3,7	4,7	2,8
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	5,5	5,8	5,1
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	2,8	3,7	2,0

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

25. Abuso de álcool (incluindo psicose alcoólica)

CID-10: F10

Taxas de mortalidade padronizadas por abuso de álcool incluindo psicose alcólica (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 84 mortes (todos óbitos de residentes no país) devido a Abuso de álcool (incluindo psicose alcoólica) (F10). Esta causa atingiu principalmente os homens aos quais correspondeu 86,9% do total de mortes. Por sexo, verificaram-se 73 óbitos de homens e 11 de mulheres. Para as idades inferiores a 35 anos não se registaram óbitos, no ano em análise, por esta causa.

As mortes motivadas por esta causa representaram 0,1% da mortalidade no país, correspondendo a 0,1% de óbitos de homens e a 0,02% no caso das mulheres.

Verifica-se que o maior número de óbitos por esta causa se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (17,9%) e do Porto (8,3%).

Em 2015 a relação de masculinidade ao óbito foi sempre superior a 100, em todas as regiões do país, indiciando uma sobremortalidade masculina neste tipo de doenças. Para o Total, esta relação foi de 1 663,6 óbitos masculinos por cada 100 femininos.

Para o Total, a idade média ao óbito por esta causa de morte, em 2015, foi de 64,2 anos (63,8 para os homens e 67,0 para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas para o total da população residente foram observadas nas regiões do Alentejo Central (89,0) e do Baixo Alentejo (85,8) valores idênticos para os homens. Nas mulheres, os valores mais elevados para este indicador verificaram-se nas regiões de Viseu Dão Lafões (82,5) e do Médio Tejo (77,5 anos).

A análise ao nível regional das taxas de mortalidade provocadas por esta doença não é viável, pelo facto de o número de óbitos ser reduzido e conduzir a taxas de mortalidade pouco fiáveis em termos estatísticos

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Abuso de álcool (incluindo psicose alcoólica), em 2015, foi de 0,8 óbitos por 100 000 mil habitantes (1,5 para os homens e 0,2 para as mulheres).

Para o Total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, foi de 0,6 óbitos por 100 000 habitantes (1,1 para os homens e 0,1 para as mulheres).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 0,5 óbitos por 100 000 habitantes (0,8 para os homens e de 0,1 para as mulheres).

Para as taxas de mortalidade padronizadas com idades de 65 anos e mais anos, a taxa foi de 1,7 óbitos por 100 000 habitantes (3,5 para os homens e 0,4 para as mulheres).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas observaram-se na Região Autónoma da Madeira (434,3), nas regiões do Médio Tejo (279,9) e das Beiras e Serra da Estrela (277,8).

No país (Total), no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 765 anos, dos quais 703 para os homens e 63 para as mulheres. Os valores mais elevados para este indicador foram observados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto (120 em cada), na Região Autónoma da Madeira (90), nas Beiras e Serra da Estrela (70) e na região do Oeste (53 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 8,7 anos por 100 000 habitantes (16,3 para os homens e 1,4 para as mulheres).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 7,1 anos por 100 000 habitantes (13,9 para os homens e 1,0 para as mulheres).

No país (Total), em 2015, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 13,2 anos (13,8 para os homens e 8,9 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados para a região do Tâmega e Sousa (22,5), bem como para a Área Metropolitana do Porto (20,0) e Beiras e Serra da Estrela (17,5 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Abuso de álcool (incluindo psicose alcoólica) (CID-10: F10)			
Total de óbitos (N.º)	84	73	11
Idade média à morte (N.º de anos)	64,2	63,8	67,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,1	0,1	0,0
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	47	41	6
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	37	32	5
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	58	51	7
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	21	18	3
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	0,6	1,1	0,1
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,5	0,8	0,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	1,7	3,5	0,4
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	0,8	1,5	0,2
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	765	703	63
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	8,7	16,3	1,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	13,2	13,8	8,9
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	7,1	13,9	1,0

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

26. Dependência de drogas, toxicomania

CID-10: F11-F16, F18-F19

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 11 mortes (todas de residentes no país) devido a Dependência de drogas, toxicomania (F11-F16, F18-F19). Ocorreram 9 óbitos do sexo masculino e 2 do feminino. Esta causa de morte atingiu principalmente os homens, aos quais correspondeu a 81,8% do total de mortes.

Para o Total, no ano em análise, a idade média ao óbito por estas causas foi de 48,5 anos (44,2 para os homens e 68,3 para as mulheres).

A análise das taxas de mortalidade, em 2015, não é viável para estas causas, devido ao reduzido número de óbitos, que conduz a taxas de mortalidade pouco fiáveis em termos estatísticos.

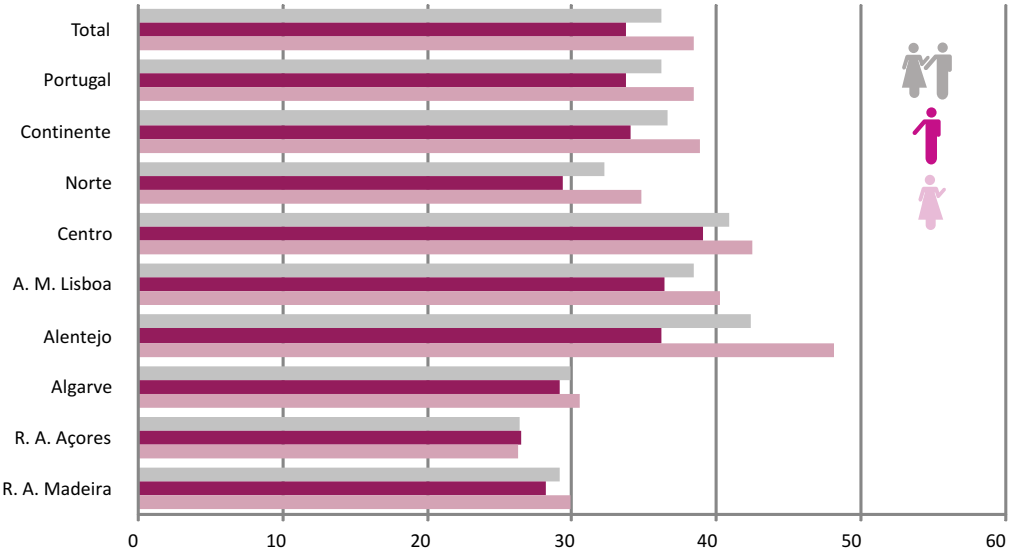
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Dependência de drogas, toxicomania (CID-10: F11-F16, F18-F19)			
Total de óbitos (N.º)	11	9	2
Idade média à morte (N.º de anos)	48,5	44,2	68,3
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	10	9	1
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	10	9	1
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	255	233	23
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	2,9	5,4	0,5
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	25,5	25,8	22,5
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	2,5	4,8	0,4

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

27. Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos

CID-10: G00-H95

Taxas brutas de mortalidade por doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos (por 100 000 habitantes) por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 3 751 mortes (3 749 óbitos de residentes e 2 óbitos de não residentes) devido a Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos (G00-H95). Por sexo, registaram-se 1 660 óbitos de homens e 2 091 de mulheres. Para estas causas ocorreram óbitos em todos os grupos etários, no entanto, o número de mortes foi significativamente mais elevado para as idades a partir dos 55 anos.

As mortes motivadas por estas causas representaram 3,4% da mortalidade no país, correspondendo a 3,1% dos óbitos nos homens e a 3,8% no caso das mulheres. Na região da Beira Baixa a mortalidade por estas doenças representou 4,4% do total de mortes nessa região, valor mais elevado verificado no país (6,0% para as mulheres). Os valores mais baixos foram registados no Alentejo Litoral (1,7% e no Alto Alentejo (2,6%).

O número mais elevado de óbitos observou-se na Área Metropolitana de Lisboa (28,8%) seguida da Área Metropolitana do Porto (13,9%). O valor mais baixo foi registado na região do Alentejo Litoral (0,6%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 79,4 óbitos de masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se em Terras de Trás-os-Montes (107,4) e no Alto Tâmega (104,3). Em todas as restantes regiões do país os valores foram sempre inferiores a 100, destacando-se a região da Beira Baixa (43,2,) onde se verificou o valor mais baixo.

No país (Total), em 2015, a idade média ao óbito foi de 78,7 anos (76,3 para os homens e 80,6 para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas foram observadas nas regiões da Beira Baixa (82,4) e das Beiras e Serra da Estrela (81,7) e as mais baixas nas Regiões Autónomas dos Açores (75,9) e da Madeira (76,1).

A taxa bruta de mortalidade devido a Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos, para o Total, em 2015, foi de 36,2 óbitos por 100 000 habitantes (33,8 para os homens e 38,4 para as mulheres). O valor mais elevado foi atingido na região da Beira Baixa (74,9) e o mais baixo na região do Alentejo Litoral (24,1).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 18,1 óbitos por 100 000 habitantes (20,4 para os homens e 16,3 para as mulheres). Numa perspetiva regional, os valores mais elevados foram registados na região da Beira Baixa (22,0 para o total dos residentes e 24,8 para as mulheres). Para os homens, o valor mais elevado foi observado na Região Autónoma dos Açores (25,5).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 127,3 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado com o de 4,6 para as idades inferiores a 65 anos.

A taxa de mortalidade padronizada mais elevada para as idades de 65 e mais anos foi registada na região da Beira Baixa para o total da população residente (168,4) e para as mulheres (185,7). O valor mais elevado para os homens verificou-se na região do Oeste (195,1). Os valores mais baixos foram registados na região do Alentejo Litoral tanto para o total da população residente (62,6) como para as mulheres (60,5) e para os homens (66,8).

Em 2015, no país (Total), as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas registaram-se na região da Beira Baixa (132,2) e no Oeste (124,8). Para os homens os valores mais elevados observaram-se nas regiões do Oeste (129,1) e da Beira Baixa (163,4) para as mulheres. Por outro lado, os valores mais baixos para este indicador verificaram-se no Alentejo Litoral, quer para o total da população residente (52,4) quer para as mulheres (55,5) e para os homens (48,5).

No país (Total), em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 9 793 anos (5 735 para os homens e 4 059 para as mulheres), tendo sido nas áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, onde se registaram os maiores valores (2 396 e 1 893, respetivamente). Os valores mais baixos observaram-se nas regiões da Beira Baixa (83) e das Beiras e Serra da Estrela (90 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, no ano em análise, foi de 110,9 anos por 100 000 habitantes (133,3 para os homens e 89,7 para as mulheres). O valor mais elevado foi observado na região de Terras de Trás-os-Montes (176,4) e o mais baixo na região das Beiras e Serra da Estrela (51,3).

No país (Total), em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 110,4 anos por 100 000 habitantes (131,4 para os homens e 90,6 para as mulheres). O valor mais baixo para este indicador registou-se na região das Beiras e Serra da Estrela (45,2) e o mais elevado na região do Alto Tâmega (278,4).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 16,0 anos (15,7 para os homens e 16,4 anos para as mulheres). O valor mais elevado foi observado na região do Algarve (25,8) e mais baixo na Lezíria do Tejo (8,5 anos).

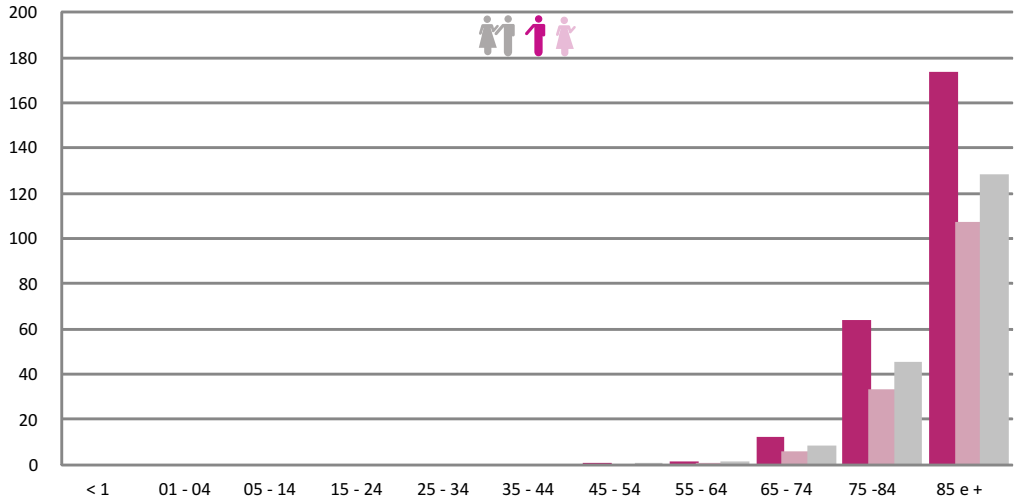
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos (CID-10: G00-H95)			
Total de óbitos (N.º)	3.751	1.660	2.091
Idade média à morte (N.º de anos)	78,7	76,3	80,6
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	3,4	3,1	3,8
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	441	259	182
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	3.310	1.401	1.909
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	613	365	248
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.820	1.122	1.698
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	18,1	20,4	16,3
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	4,6	5,7	3,7
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	127,3	139,3	118,4
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	36,2	33,8	38,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	9.793	5.735	4.059
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	110,9	133,3	89,7
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	16,0	15,7	16,4
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	110,4	131,4	90,6

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

28. Doença de Parkinson

CID-10: G20-G21

Taxas brutas de mortalidade por doença de Parkinson (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) verificaram-se 809 mortes (todos de óbitos de residentes no país) devido a Doença de Parkinson (G20-G21). Por sexo, verificaram-se 417 óbitos de homens e 392 de mulheres. Para as idades inferiores a 45 anos não se registaram óbitos, no ano em análise, por esta causa e a maior expressão de óbitos verifica-se a partir dos 65 anos idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,7% da mortalidade no país (0,8% para os homens e 0,7% para as mulheres). Nas regiões do Alentejo Central e da Beira Baixa a mortalidade por esta causa representou em ambas 1,1% do total de mortes nessas regiões, valores correspondentes aos mais elevados verificados no país. Os valores mais baixos foram observados nas regiões do Alentejo Litoral (0,2%), do Cávado e do Baixo Alentejo (0,5% em cada).

O número mais elevado de óbitos foi observado nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (26,9%) seguida do Porto (13,2%), ao passo que as menores percentagens se registaram nas regiões Alentejo Litoral (0,4%) e do Alto Tâmega (0,9%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 106,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se nas regiões do Cávado (366,7) e em Terras de Trás-os-Montes (240,0). Ao invés, os valores mais baixos e inferiores ao valor 100 observaram-se nas regiões do Alto Alentejo e do Alentejo Litoral (cada uma com 50,0), da Beira Baixa (60,0) e das Beiras e Serra da Estrela (63,2).

No país (Total), em 2015, a idade média ao óbito foi de 82,7 anos (81,8 para os homens e 83,6 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região do Alto Tâmega para o total da população residente (86,4). Para as mulheres o valor mais elevado situou-se no Alto Tâmega, Cávado e em Terras de Trás-os-Montes (todas com 89,0). A idade média ao óbito mais baixa foi registada na região de Viseu Dão Lafões tanto para a população total residente (79,3) bem como para os homens (78,5 anos) e para as mulheres (80,6).

Para o Total, em 2015, a taxa bruta de mortalidade devido a Doença de Parkinson, foi de 7,8 óbitos por 100 000 habitantes (8,5 para os homens e 7,2 para as mulheres). Verifica-se que as taxas mais elevadas foram registadas nas regiões da Beira Baixa (19,0 para o total da população residente) e do Alentejo Central (15,7 para o total da população residente). Para os homens os valores mais altos situaram-se nas regiões de Terras de Trás-os--Montes (22,5) e do Alentejo Central (15,8). Para as mulheres os valores mais elevados registaram-se na Beira Baixa (22,6) e nas Beiras e Serra da Estrela (16,2). As taxas brutas de mortalidade mais baixas foram registadas na região do Alentejo Litoral (3,1) e do Cávado (3,4).

Em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, para Total, foi de 3,4 óbitos por 100 000 habitantes (4,5 para os homens e 2,7 para as mulheres). Numa perspetiva regional, verifica-se que os valores mais elevados foram registados na Região Autónoma dos Açores (5,2 para o total dos residentes e 7,9 para os homens) e os valores mais baixos na região do Alentejo Litoral para o total da população residente (1,3) e para os homens (0,7).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos (29,9 óbitos por 100 000 habitantes) foi substancialmente superior à registada para as idades inferiores a 65 anos (0,2). Para as idades de 65 e mais anos, as taxas mais elevadas foram observadas na Região Autónoma dos Açores (47,1) e no Alentejo Central (42,2).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas registaram-se na Região Autónoma dos Açores (150,6 para o total dos residentes e 170,1 para os homens) e na Beira Baixa (147,7). Os valores mais baixos para este indicador foram registados nas regiões do Alentejo Litoral (30,8) e do Cávado (59,0).

No país (Total), em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 220 anos (150 para os homens e 70 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram registados na Área Metropolitana de Lisboa (53) e na região de Tâmega e Sousa (30 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, no ano em análise, foi de 2,5 anos por 100 000 habitantes (3,5 para os homens e de 1,5 para as mulheres).

No país (Total), em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 1,8 anos por 100 000 habitantes (2,7 para os homens e 1,1 para as mulheres). O valor mais elevado registou--se na região de Tâmega e Sousa (6,8) para o total dos residentes.

Em 2015, no país (Total), o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi 5,0 anos (4,7 para os homens e 5,8 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador registou-se nas regiões do Alto Minho, Ave, Tâmega e Sousa, Terras de Trás-os-Montes, Região de Aveiro, Região de Coimbra e Região de Leiria, com 7,5 anos em cada uma destas regiões.

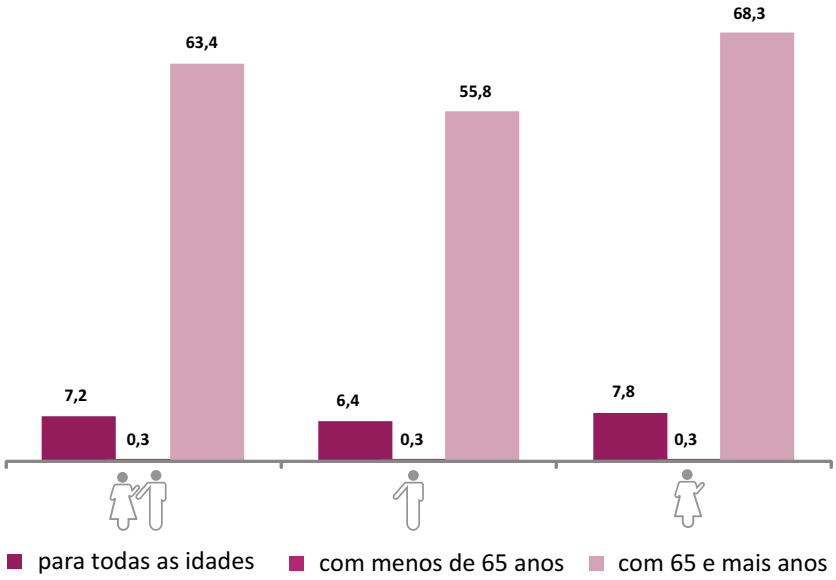
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doença de Parkinson (CID-10: G20-G21)			
Total de óbitos (N.º)	809	417	392
Idade média à morte (N.º de anos)	82,7	81,8	83,6
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,7	0,8	0,7
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	17	10	7
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	792	407	385
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	44	32	12
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	697	347	350
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	3,4	4,5	2,7
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,2	0,2	0,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	29,9	39,6	23,5
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	7,8	8,5	7,2
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	220	150	70
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	2,5	3,5	1,5
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	5,0	4,7	5,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1,8	2,7	1,1

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

29. Doença de Alzheimer

CID-10: G30

Taxas de mortalidade padronizadas por doença de Alzheimer (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo– 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 1 753 mortes (todos óbitos de residentes no país) devido a Doença de Alzheimer (G30). Esta causa de morte atingiu principalmente as mulheres, às quais correspondeu cerca de 66% do total de mortes (600 de homens e 1 153 de mulheres). Para as idades inferiores a 55 anos, no ano em análise, não se registou qualquer morte por esta causa. Observa-se ainda maior frequência de óbitos a partir dos 65 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 1,6% da mortalidade no país, correspondendo a 1,1% de óbitos nos homens e a 2,1% no caso das mulheres. Nas regiões da Beira Baixa e do Oeste a mortalidade por esta doença constituiu 2,7% e 2,1%, respetivamente, do total de mortes nessas regiões, correspondendo aos valores mais elevados verificados no país. Os valores mais baixos foram observados no Alentejo Litoral e na Região Autónoma dos Açores (1,0% em cada) seguindo-se ainda a Região de Coimbra (1,1%).

O maior número de óbitos foi observado na Área Metropolitana de Lisboa (29,2%), enquanto no Alentejo Litoral e na Região Autónoma dos Açores se registaram as menores percentagens, com 0,7% e 1,3%, respetivamente.

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 52,0 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país os valores situaram-se abaixo de 100. A região das Beiras e Serra da Estrela atingiu o valor mais elevado (92,0) e a Beira Baixa o valor mais baixo (30,0).

No país (Total), em 2015, a idade média ao óbito por esta causa de morte foi de 83,7 anos (82,8 para os homens e 84,2 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região do Cávado (85,2) e a mais baixa na Região Autónoma da Madeira (81,8 anos).

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Doença de Alzheimer, em 2015, foi de 16,9 óbitos por 100 000 habitantes (12,2 para os homens e 21,2 para as mulheres). Verifica-se que o valor mais elevado foi registado na região da Beira Baixa (46,4) e que a taxa mais baixa foi observada na Região Autónoma dos Açores (9,3).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 7,2 óbitos por 100 000 habitantes (6,4 para os homens e 7,8 para as mulheres). As taxas mais altas foram registadas na região da Beira Baixa (13,0 para o total dos residentes e 16,5 para as mulheres) e no Baixo Alentejo e no Oeste para os homens (9,6 em cada).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 63,4 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado ao de 0,3 para as idades inferiores a 65 anos. As taxas mais elevadas para as idades de 65 e mais anos foram registadas nas regiões da Beira Baixa (109,9 para o total de residentes e 132,9 para as mulheres) e do Baixo Alentejo com 97,1 para o total de residentes. As taxas mais baixas foram verificadas no Alentejo Litoral (34,0 para o total dos residentes e para as mulheres). Para os homens a taxa mais reduzida registou-se na Lezíria do Tejo (32,8).

Em 2015, no país (Total), as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas foram observadas na região da Beira Baixa, 163,5 para o total dos residentes e 192,9 para as mulheres. Os valores mais baixos para este indicador foram registados na Região de Coimbra para o total dos residentes, 61,0 e ainda para as mulheres 57,7.

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 330 anos (153 para os homens e 178 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram observados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (com 95 e 55 anos, respetivamente).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, no país (Total), no ano em análise, foi de 3,7 anos por 100 000 habitantes (3,5 para os homens e 3,9 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram observadas nas regiões da Beira Baixa (23,2) e das Terras de Trás-os-Montes (17,3).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 2,7 anos por 100 000 habitantes (2,7 para os homens e 2,7 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas nas regiões da Beira Baixa (15,8) e das Terras de Trás-os-Montes (9,9).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 5,2 anos (5,6 para os homens e 4,8 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador foi observado nas regiões do Cávado, Ave, Terras de Trás-os-Montes, Beira Baixa, Médio Tejo, Alentejo Litoral, Lezíria do Tejo e do Algarve, com 7,5 anos em cada uma destas regiões.

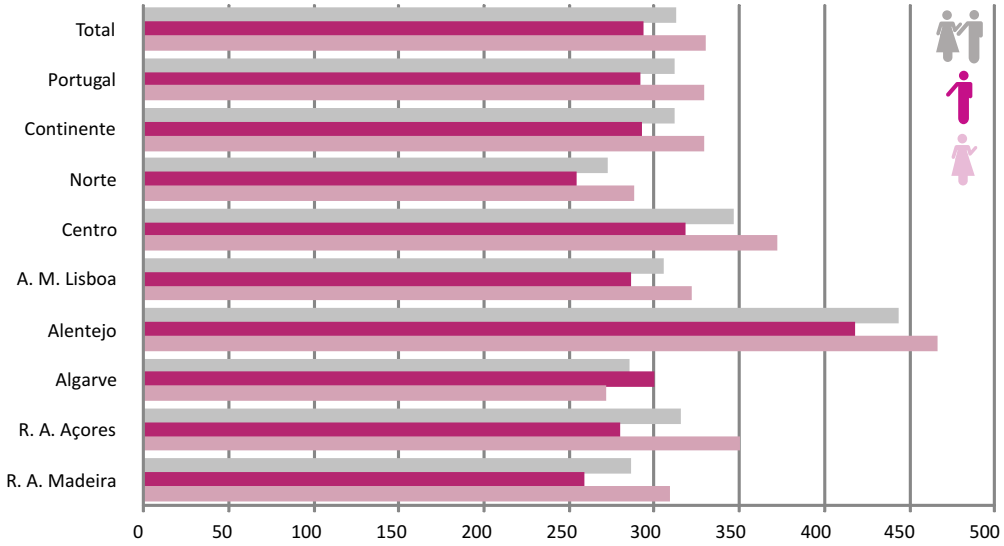
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doença de Alzheimer (CID-10: G30)			
Total de óbitos (N.º)	1.753	600	1.153
Idade média à morte (N.º de anos)	83,7	82,8	84,2
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	1,6	1,1	2,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	31	15	16
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	1.722	585	1.137
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	64	27	37
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	1.585	530	1.055
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	7,2	6,4	7,8
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,3	0,3	0,3
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	63,4	55,8	68,3
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	16,9	12,2	21,2
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	330	153	178
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	3,7	3,5	3,9
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	5,2	5,6	4,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	2,7	2,7	2,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

30. Doenças do aparelho circulatório

CID-10: I00-I99

Taxas brutas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 32 443 mortes (32 275 óbitos de residentes e 168 óbitos de não residentes) devido a Doenças do aparelho circulatório (I00-I99). Por sexo, observaram-se 14 439 óbitos de homens e 18 004 de mulheres. No ano em análise, em todos os grupos etários registaram-se mortes por esta causa, com maior expressão a partir dos 35 anos de idade.

As mortes por estas causas representaram 29,8% da mortalidade no país, correspondendo a 26,5% do total de óbitos de homens e a 33,0% no caso das mulheres. A Região Autónoma dos Açores (33,7) e o Baixo Alentejo (33,5%) representaram os valores mais elevados verificados no país. Na Região de Leiria registou-se o valor mais baixo (25,7%).

Verifica-se que a maior incidência de óbitos por esta causa observou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa, 26,5% e do Porto com 13,2%. As regiões do Alto Tâmega e da Beira Baixa registaram a menor percentagem (1,2% em cada).

A relação de masculinidade ao óbito, em 2015, para o Total, foi de 80,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado registou-se na região do Algarve (102,4), nas restantes regiões do país este indicador foi sempre menor que 100. Ao invés, o valor mais baixo verificou-se na região do Alto Minho (69,6).

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito por estas doenças foi de 81,0 anos (77,8 para os homens e 83,6 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região da Beira Baixa (83,2) e a mais reduzida na Região Autónoma dos Açores (78,9).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Doenças do aparelho circulatório, em 2015, foi de 313,2 óbitos por 100 000 habitantes (293,9 para os homens e 330,6 para as mulheres). Observando a distribuição espacial dos óbitos motivados por estas causas, verifica-se que a taxa mais elevada foi registada na região do Baixo Alentejo (554,5) e a mais baixa na região do Ave (227,1).

Para o Total, no ano em análise, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 148,4 óbitos por 100 000 habitantes (173,2 para os homens e 127,2 para as mulheres). Numa perspetiva regional, os valores mais elevados foram registados na Região Autónoma dos Açores, quer para o total dos residentes nesta região (235,1), quer por sexo (264,0 para os homens e 208,2, para as mulheres).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades a partir dos 65 anos foi de 1 122,3 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado com o de 28,0 para as idades inferiores a 65 anos.

A taxa de mortalidade padronizada mais elevada para as idades de 65 e mais anos registou-se na Região Autónoma dos Açores (1 747,5) e a taxa mais baixa na Região de Leiria (909,2).

Em 2015, as razões de mortalidade padronizada mais elevadas registaram-se na Região Autónoma dos Açores (157,4 para o total dos residentes nesta região, 153,9 para os homens e 159,6 para as mulheres). Ao invés, os valores mais baixos para este indicador foram registados na Região de Leiria (81,2 para total dos residentes nesta região e 79,3 para os homens) e na região do Algarve para as mulheres (81,7).

Em 2015, no país (Total), o número de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 47 850 anos (35 573 para os homens e 12 277 para as mulheres). O valor mais elevado para este indicador foi observado na Área Metropolitana de Lisboa (13 515) e o mais baixo na região da Beira Baixa (348 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 542,1 anos por 100 000 habitantes (827,2 para os homens e 271,2 para as mulheres). A taxa mais elevada foi registada no Alto Alentejo (954,1) e a mais baixa na região do Cávado (325,4).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 456,4 por 100 000 habitantes (712,6 para os homens e 222,9 para as mulheres). No Alto Alentejo observou-se a taxa mais elevada (775,2) e no Cávado a mais reduzida (277,4).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 10,9 anos (11,3 para os homens e 9,8 para as mulheres). O valor mais elevado foi observado na região do Alentejo Litoral (13,4) e o mais baixo na região do Baixo Alentejo (8,9 anos).

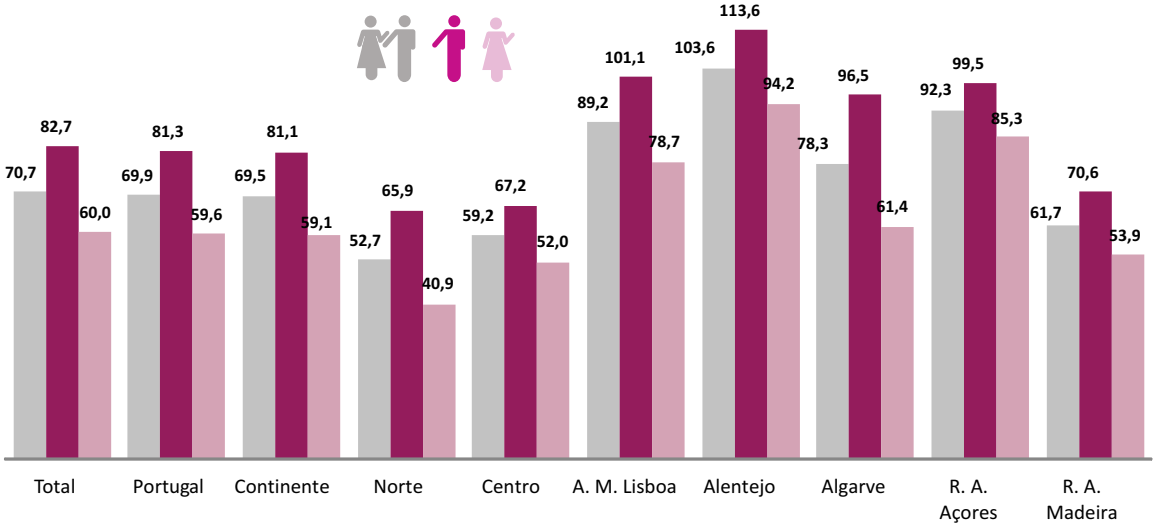
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças do aparelho circulatório (CID-10: I00-I99)			
Total de óbitos (N.º)	32.443	14.439	18.004
Idade média à morte (N.º de anos)	81,0	77,8	83,6
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	29,8	26,5	33,0
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	2.885	2.157	728
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	29.555	12.279	17.276
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	4.405	3.157	1.248
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	25.791	9.947	15.844
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	148,4	173,2	127,2
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	28,0	44,2	13,5
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	1.122,3	1.216,7	1.047,4
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	313,2	293,9	330,6
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	47.850	35.573	12.277
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	542,1	827,2	271,2
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10,9	11,3	9,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	456,4	712,6	222,9

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

31. Doença isquémica do coração

CID-10: I20-I25

Taxas brutas de mortalidade por doença isquémica do coração por 100 000 habitantes, por NUTS II e sexo – 2015



Em 2015, verificaram-se no país (Total) 7 328 mortes (7 240 óbitos de residentes e 88 óbitos de não residentes) devido a Doença isquémica do coração (I20-I25). Por sexo, registaram-se 4 062 óbitos de homens e 3 266 de mulheres. No ano em análise, para as idades inferiores a 15 anos não se registaram óbitos por esta causa e a maior frequência verifica-se a partir dos 35 anos de idade.

As mortes por esta causa representaram 6,7% da mortalidade no país, correspondendo a 7,5% do total de óbitos de homens e a 6,0% no caso das mulheres. Na Região Autónoma dos Açores, a mortalidade por esta doença equivaleu a 9,8% do total de mortes nessa região, sendo o valor mais elevado verificado no país. A região de Viseu Dão Lafões e a Região de Coimbra apresentaram a proporção mais baixa (3,7% em cada).

Na Área Metropolitana de Lisboa observou-se o maior número de óbitos por esta causa (34,2%). Por outro lado, as menores percentagens foram registadas nas regiões do Alto Tâmega e da Beira Baixa (0,9% em cada).

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, em 2015, foi de 124,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado para este indicador registou-se na Região de Aveiro (155,7). Todas as regiões do país apresentaram neste indicador valores superior a 100, com exceção das regiões da Beira Baixa (94,3) e do Baixo Alentejo (94,9) a que correspondem os valores mais baixos.

Para o Total, em 2015, a idade média ao óbito por esta causa de morte foi de 77,6 anos (73,9 para os homens e 82,2 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região de Viseu Dão Lafões (81,0) e a mais baixa na região do Ave (73,6 anos).

Para o Total, a taxa bruta de mortalidade devido a Doença isquémica do coração, em 2015, foi de 70,7 óbitos por 100 000 habitantes (82,7 para os homens e 60,0 para as mulheres). Numa perspetiva regional, verifica-se que os valores mais elevados foram observados na região do Alentejo Central para o total dos residentes (129,7) e para os homens (139,6) e ainda no Baixo Alentejo (125,3) no que respeita às mulheres. A taxa mais baixa foi registada na região do Tâmega e Sousa (36,5).

Para o Total, no ano em análise, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 37,1 óbitos por 100 000 habitantes (52,6 para os homens e 24,4 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas na Região Autónoma dos Açores, 71,7 para o total dos residentes, 94,7 para os homens e 52,3 para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades a partir dos 65 anos foi de 242,1 óbitos por 100 000 habitantes, valor que pode ser comparado com o de 11,7 para as idades inferiores a 65 anos. Na Região Autónoma dos Açores registou-se a taxa mais elevada para as idades de 65 e mais anos (479,4) e na Região de Coimbra observou-se o valor mais baixo (131,2).

Em 2015, a razão de mortalidade padronizada mais elevada foi observada na Região Autónoma dos Açores, tanto para o total dos residentes nesta região (196,4), como para os homens (183,6) e para as mulheres (212,6). Na Região de Coimbra registou-se o valor mais baixo para os residentes nesta região (53,7).

No país (Total), em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 19 490 anos (16 058 para os homens e 3 433 para as mulheres). Na Área Metropolitana de Lisboa registou-se o maior número de anos potenciais de vida perdidos (5 638), ao passo que o mais reduzido se observou na região da Beira Baixa (163 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos por esta doença, para o Total, no ano em análise, foi de 220,8 anos por 100 000 habitantes (373,4 para os homens e 75,8 para as mulheres). Na região do Alto Alentejo registou-se o valor mais elevado (364,6) e na região de Viseu Dão Lafões o mais baixo (78,5).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 182,6 anos por 100 000 habitantes (317,7 para os homens e 59,7 para as mulheres). O valor mais elevado verificou-se no Alto Alentejo (303,1) e o mais baixo ocorreu na região de Viseu Dão Lafões (61,4).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 11,1 anos (11,6 para os homens e 9,2 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi registado na região do Alto Tâmega (17,1) e o mais baixo na região do Baixo Alentejo (8,2 anos).

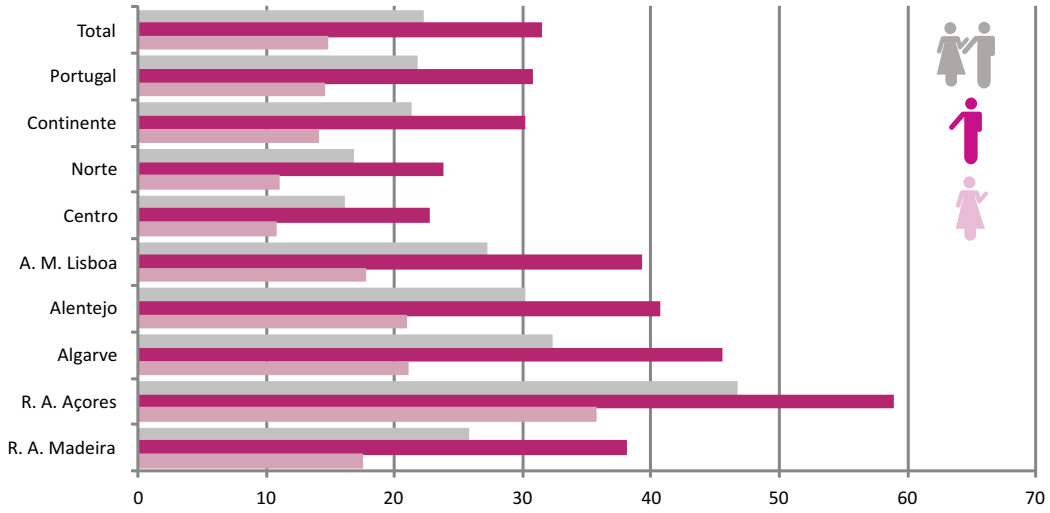
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doença isquémica do coração (CID-10: I20-I25)			
Total de óbitos (N.º)	7.328	4.062	3.266
Idade média à morte (N.º de anos)	77,6	73,9	82,2
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	6,7	7,5	6,0
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	1.211	984	227
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	6.116	3.077	3.039
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.762	1.389	373
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	4.923	2.219	2.704
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	37,1	52,6	24,4
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	11,7	20,1	4,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	242,1	315,7	188,4
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	70,7	82,7	60,0
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	19.490	16.058	3.433
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	220,8	373,4	75,8
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	11,1	11,6	9,2
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	182,6	317,7	59,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

32. Enfarte agudo do miocárdio

CID-10: I21-I22

Taxas de mortalidade padronizadas por enfarte agudo do miocárdio por 100 000 habitantes, por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, contaram-se no país (Total), 4 342 mortes (4 277 óbitos de residentes e 65 óbitos de não residentes) devido a Enfarte agudo do miocárdio (I21-I22). Por sexo, registaram-se 2 420 óbitos de homens e 1 922 de mulheres. Não se registaram óbitos para idades inferiores a 25 anos, sendo o número de óbitos mais elevado a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 4,0% da mortalidade no país, correspondendo a 4,4% do total de óbitos de homens e a 3,5% no caso das mulheres. Na Região Autónoma dos Açores a mortalidade por esta causa representou 6,3%, do total de mortes nessa região, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. Na região do Douro observou-se o valor mais baixo (2,1%).

O maior número de óbitos por esta causa observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (31,9%) e do Porto (12,1%), ao passo que nas regiões do Alto Tâmega, da Beira Baixa e do Douro se registaram as menores percentagens (0,8%, 1,1% e 1,2%, respetivamente).

Em 2015, no país (Total), a relação de masculinidade dos óbitos foi de 125,9 mortes de homens por 100 de mulheres. O valor mais elevado registou-se na região do Cávado (164,1). Todas as regiões do país apresentaram valores iguais ou superiores a 100, com exceção de Terras de Trás-os-Montes (83,3) a que corresponde o valor mais reduzido deste indicador.

Para o Total, a idade média ao óbito em 2015 foi de 77,1 anos (73,8 para os homens e 81,3 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região das Beiras e Serra da Estrela (81,2) e ainda nas Terras de Trás-os-Montes (80,9) sendo a mais baixa registada na região do Ave (73,5).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Enfarte agudo do miocárdio, em 2015, foi de 41,9 óbitos por 100 000 habitantes (49,3 para os homens e 35,3 para as mulheres). Na região do Alentejo Central verificaram-se as taxas mais elevadas, tanto para o total dos residentes nesta região (85,0), como para os homens (104,0). Para as mulheres o valor mais elevado (81,9) registou-se no Baixo Alentejo. Na região do Tâmega e Sousa observou-se a taxa mais baixa (20,3 para o total dos residentes, 22,4 para os homens e 18,2 para as mulheres).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 22,2 óbitos por 100 000 habitantes (31,5 para os homens e 14,8 para as mulheres). Os valores mais elevados para este indicador foram registados na Região Autónoma dos Açores, tanto para o total dos residentes nesta região (46,8) como para os homens (59,0) e para as mulheres (35,8). Por outro lado, os valores mais reduzidos verificaram-se na região de Viseu Dão Lafões para o total da população residente (11,8) e para os homens (17,2) e na região do Douro, para as mulheres (6,3).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 7,2 óbitos por 100 000 habitantes (12,1 para os homens e 2,9 para as mulheres). Para as idades de 65 e mais anos, a taxa foi de 143,6 óbitos por 100 000 habitantes (188,5 para os homens e 111,0 para as mulheres). Para este grupo etário, as taxas mais elevadas verificaram-se na Região Autónoma dos Açores (303,0 para o total de residentes, 339,5 para os homens e 275,6 para as mulheres). Ao invés, as taxas mais baixas foram registadas na região do Alto Tâmega para o total da população residente (81,8), e para os homens (93,8) e no Douro, para as mulheres (57,6).

Em 2015, para o país (Total), as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas verificaram-se na Região Autónoma dos Açores, tanto para o total da população residente (211,5), como para os homens (190,1) e para as mulheres (239,1). As razões mais reduzidas observaram-se na região do Douro (55,8) e na Região de Coimbra (58,3).

Para o Total, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença, no ano em análise, foi de 11 930 anos (9 650 para os homens e 2 370 para as mulheres). O maior valor para este indicador situou-se na Área Metropolitana de Lisboa (3 933), ao passo que na região de Terras de Trás-os-Montes se registou o valor mais baixo (48 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, no país (Total), em 2015, foi de 135,2 anos por 100 000 habitantes (222,3 para os homens e 52,4 para as mulheres). As taxas mais elevadas verificaram-se na região do Alto Alentejo tanto para o total dos residentes nesta região (307,6) como para os homens (610,6). Na região de Viseu Dão Lafões registou-se o valor mais baixo para este indicador mas apenas para o total dos residentes nesta região (37,5).

Para o Total, ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 110,9 anos por 100 000 habitantes (187,8 para os homens e 41,2 para as mulheres). Na região do Alto Alentejo verificou-se a taxa mais elevada (257.0) e na região de Viseu Dão Lafões a mais baixa (28,0).

Em 2015, para o Total o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 10,7 anos (11,2 para os homens e 9,0 para as mulheres). Para a região do Alentejo Litoral foi calculado o valor mais elevado para este indicador (14,2) ao invés na região de Terras de Trás-os-Montes registou-se o mais baixo (5,3 anos).

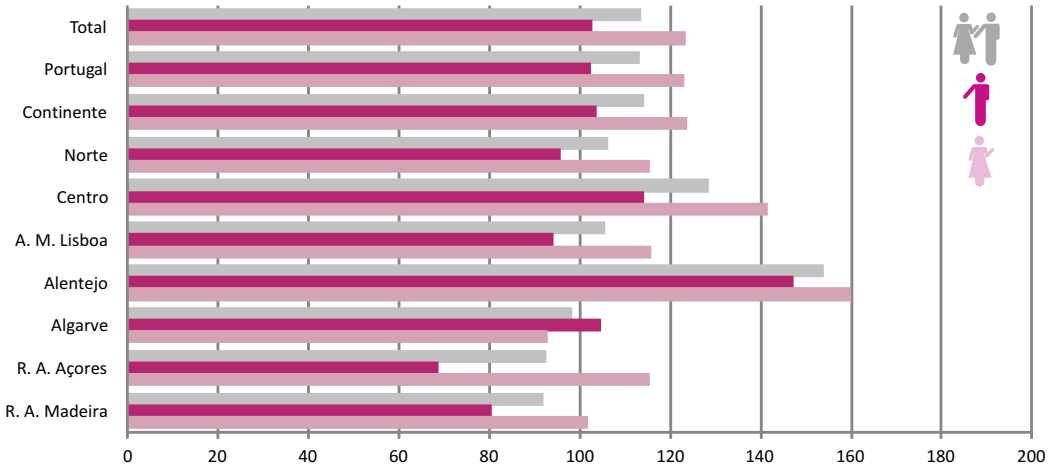
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Enfarte agudo do miocárdio (CID-10: I21-I22)			
Total de óbitos (N.º)	4.342	2.420	1.922
Idade média à morte (N.º de anos)	77,1	73,8	81,3
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	4,0	4,4	3,5
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	751	592	159
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	3.591	1.828	1.763
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.114	852	262
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.830	1.295	1.535
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	22,2	31,5	14,8
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	7,2	12,1	2,9
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	143,6	188,5	111,0
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	41,9	49,3	35,3
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	11.930	9.560	2.370
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	135,2	222,3	52,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10,7	11,2	9,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	110,9	187,8	41,2

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

33. Doenças cerebrovasculares

CID-10: I60-I69

Taxas brutas de mortalidade por doenças cerebrovasculares (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total), 11 778 mortes (11 737 óbitos de residentes e 41 óbitos de não residentes) devido a Doenças cerebrovasculares (I60-I69). Por sexo, observaram-se 5 057 óbitos de homens e 6 721 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas abrangente a todos os grupos etários a partir dos 5 anos, com maior expressão a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por estas doenças representaram 10,8% da mortalidade no país, correspondendo a 9,3% do total de óbitos de homens e a 12,3% no caso das mulheres. Na região do Tâmega e Sousa, 15,5% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. O valor mais baixo foi registado na região do alto Alentejo (8,6%).

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas observou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (25,2%, 13,1%, respetivamente).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015 para o Total, foi 75,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Todas as regiões do país apresentaram valores abaixo ou iguais a 100, com exceção do Alto Alentejo (103,8) e do Algarve (104,2) a que corresponderam os valores mais elevados. Os valores mais baixos observaram-se na Região Autónoma dos Açores (57,2) e no Alto Minho (62,9).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 81,8 anos (79,4 para os homens e 83,6 para as mulheres). Os valores mais elevados verificaram-se na Beira Baixa (83,8) e na região do Alto Minho (83,7) e o valor mais baixo na Região Autónoma da Madeira (79,9 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a doenças cerebrovasculares, em 2015, foi de 113,7 óbitos por 100 000 habitantes (102,9 para os homens e 123,4 para as mulheres). Na região do Baixo Alentejo atingiram-se os valores mais elevados deste indicador, 189,2 para o total de residentes deste região e 194,4 para as mulheres, bem como em Terras de Trás-os-Montes para os homens (193,1).

Em 2015, no país (Total), a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 52,3 óbitos por 100 000 habitantes (58,4 para os homens e 47,3 para as mulheres). Na região do Tâmega e Sousa registaram-se os valores mais elevados, quer para o total de residentes (77,5), quer para as mulheres (71,5) e na região do Baixo Alentejo, para os homens (85,6).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 416,5 óbitos por 100 000 habitantes (445,6 para os homens e 394,2 para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados na região do Tâmega e Sousa, quer para o total de residentes (623,5), quer para as mulheres (609,4) e na região do Baixo Alentejo para os homens (665,2). Por outro lado, a taxa mais baixa foi observada na região do Alto Alentejo 338,9), o mesmo sucedendo para as mulheres (283,0).

Em 2015, para o país (Total), as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas registaram-se na região do Tâmega e Sousa, quer para o total de residentes (149,4) quer para as mulheres (152,9) e no Baixo Alentejo para os homens (145,6). Este indicador apresentou os valores mais baixos na região Algarve, 84,4 para o total dos residentes e 74,8 para as mulheres e ainda no Alentejo Central para os homens (81,5).

Para o país, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 12 198 anos (8 208 para os homens e 3 990 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram atingidos nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (3 400) e do Porto (1 788), ao passo que o valor mais baixo foi observado na região do Alto Tâmega (78 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi 138,2 anos por 100 000 habitantes (190,9 para os homens e 88,1 para as mulheres). Na região do Alto Alentejo observaram-se as taxas mais elevadas, 347,5 para o total da população residente, 449,3 para os homens e 247,9 para as mulheres. A taxa mais reduzida foi observada na Região de Leiria (64,6).

No ano em estudo, no país (Total), a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 114,4 anos por 100 000 habitantes (161,3 para os homens e 72,0 para as mulheres). Os valores mais baixos deste indicador registaram-se na Região de Leiria (52,0) e no Ave (54,2).

Para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 9,8 anos (10,0 para os homens e 9,5 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi registado na região do Alentejo Litoral (13,0), seguido do Alto Alentejo (12,7 anos). Por sua vez, o valor mais baixo situou-se nas regiões do Alto Tâmega e do Baixo Alentejo (6,0 anos em cada uma).

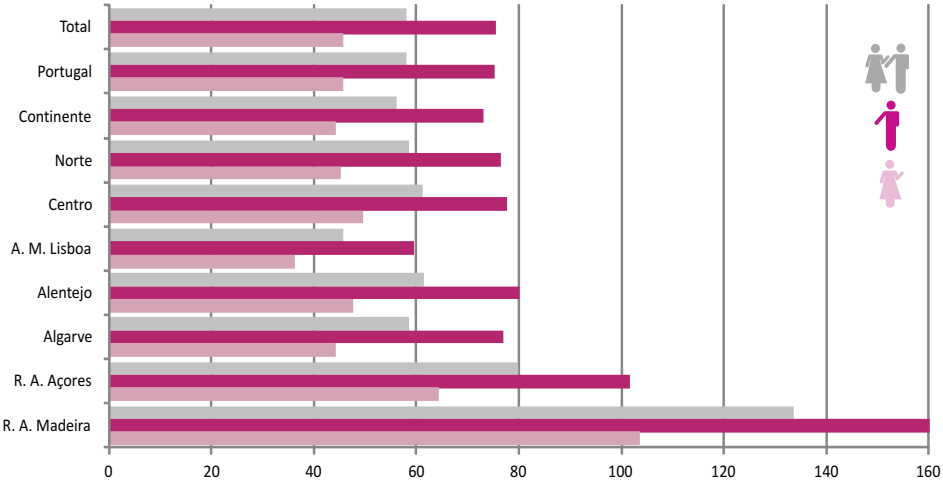
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças cerebrovasculares (CID-10: I60-I69)			
Total de óbitos (N.º)	11.778	5.057	6.721
Idade média à morte (N.º de anos)	81,8	79,4	83,6
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	10,8	9,3	12,3
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	755	519	236
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	11.021	4.536	6.485
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.241	823	418
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	9.699	3.773	5.926
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	52,3	58,4	47,3
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	7,3	10,5	4,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	416,5	445,6	394,2
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	113,7	102,9	123,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	12.198	8.208	3.990
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	138,2	190,9	88,1
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	9,8	10,0	9,5
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	114,4	161,3	72,0

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

34. Doenças do aparelho respiratório

CID-10: J00-J99

Taxas de mortalidade padronizadas por doenças do aparelho respiratório (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total), 13 470 mortes (13 447 óbitos de residentes e 23 óbitos de não residentes) devido a Doenças do aparelho respiratório (J00-J99). Por sexo observaram-se 6 739 óbitos de homens e 6 731 de mulheres). Trata-se de um grupo de causas abrangente a todos os grupos etários, com maior expressão a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 12,4% da mortalidade no país, correspondendo a 12,4% do total de óbitos de homens e 12,4% no caso das mulheres. Na Região Autónoma da Madeira, 21,0% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país enquanto o valor mais baixo se verificou no Alentejo Central (8,9%).

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (20,4%) e do Porto (13,9%). Por outro lado, foi na região do Alto Tâmega que se situou a menor percentagem (1,1%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 100,1 óbitos masculinos por cada 100 femininos. A relação mais elevada verificou-se na região do Alentejo Litoral (144,3) e a mais baixa na região da Lezíria do Tejo (74,1).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 83,0 anos (81,3 para os homens e 84,8 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada registou-se na região de Terras de Trás-os-Montes (85,5) enquanto a mais baixa foi de 81,0 anos e verificou-se na Região Autónoma da Madeira.

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a doenças do aparelho respiratório, em 2015, foi de 130,0 óbitos por 100 000 habitantes (137,2 para os homens e 123,6 para as mulheres). Numa perspetiva regional, verifica-se que as taxas mais elevadas foram registadas na região da Beira Baixa, 248,6 para o total de residentes e 296,0 para os homens enquanto para as mulheres se registou nas Beiras e Serra da Estrela (242,5).

Para o Total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 58,1 óbitos por 100 000 habitantes (75,4 para os homens e 45,8 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados nas Região Autónoma da Madeira: 133,6 para o total de residentes, 186,1 para os homens e 103,5 para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades dos 65 e mais anos foi de 473,6, mais elevada para os homens (600,9) do que para as mulheres (388,3). Na Região Autónoma da Madeira registaram-se os valores mais elevados quer para o total da população (1 090,9) como para os homens (1 500,5) e para as mulheres (875,0). Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 6,8 óbitos por 100 000 habitantes (10,5 para os homens e 3,4 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas observaram-se na Região Autónoma da Madeira quer para o total da população (226,3) quer para os homens (244,8) e para as mulheres (224,1). Para este indicador, os valores mais baixos registaram-se na região do Alentejo Central (69,6) bem como na Área Metropolitana de Lisboa (78,7).

No país (Total), no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 11 461 (8 292 para os homens e 3 169 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram atingidos nas Áreas Metropolitanas do Porto (2 435) e de Lisboa (2 432), ao passo que o valor mais reduzido foi observado na região de Terras de Trás-os-Montes (43 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 129,8 anos por 100 000 habitantes (192,8 para os homens e 70,0 para as mulheres). As taxas mais elevadas registaram-se na Região Autónoma da Madeira para o total de população residente (261,1) e para os homens (395,6) sendo que para as mulheres se verificaram em Viseu Dão Lafões (155,1). A taxa mais reduzida foi calculada para a região do Alentejo Central (46,8).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi, em 2015, de 112,2, por 100 000 habitantes (168,3 para os homens e 61,2 para as mulheres). As taxas mais baixas registaram-se nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (32,0) e no Alentejo Central (36,6). As mais altas verificaram-se na Região Autónoma da Madeira (233,4) e no Ave (152,8).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 10,4 (10,4 para os homens e 10,3 para as mulheres). O número médio mais elevado foi registado na região do Ave (14,2), seguindo-se o Alentejo Litoral (13,3). Na região de Terras de Trás-os-Montes registou-se o número médio mais baixo (6,1 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças do aparelho respiratório (CID-10: J00-J99)			
Total de óbitos (N.º)	13.470	6.739	6.731
Idade média à morte (N.º de anos)	83,0	81,3	84,8
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	12,4	12,4	12,4
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	693	511	182
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	12.775	6.228	6.547
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.106	797	309
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	11.631	5.456	6.175
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	58,1	75,4	45,8
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	6,8	10,5	3,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	473,6	600,9	388,3
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	130,0	137,2	123,6
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	11.461	8.292	3.169
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	129,8	192,8	70,0
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10,4	10,4	10,3
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	112,2	168,3	61,2

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

35. Influenza [Gripe]

CID-10: J10-J11

Em 2015, registaram-se no país (Total) 74 mortes (todas de residentes no país) devido a Influenza [gripe] (J10-J11). Por sexo, observaram-se 31 óbitos de homens e 43 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas abrangendo as idades a partir dos 25 anos, com maior expressão a partir dos 75 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,1% da mortalidade no país, correspondendo a 0,1% do total de óbitos de homens e a 0,1% no caso das mulheres. Nas regiões do Alentejo Litoral e do Ave, 0,2% do total de mortes resultaram desta causa, em cada uma destas regiões, correspondendo aos valores mais elevados verificados no país.

Verifica-se que o maior número de óbitos por esta causa de morte se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (21,6%) e do Porto (20,3%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 72,1 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se na região das Beiras e Serra da Estrela (200,0) e na Área Metropolitana de Lisboa (128,6).

A idade média ao óbito em 2015 foi de 80,5 anos (78,6 para os homens e 81,9 para as mulheres). A idade média mais elevada foi observada nas regiões do Alto Minho, Cávado, Alto Tâmega, Tâmega e Sousa, Viseu Dão Lafões, Alentejo Litoral e do Alto Alentejo (com 89,0 anos em cada uma destas regiões). Os valores mais baixos registaram-se na região da Lezíria do Tejo (58,3) e na Região de Coimbra (65,0 anos).

A análise ao nível regional das taxas de mortalidade provocadas por esta doença não é viável, pelo facto de o número de óbitos ser reduzido e conduzir a taxas de mortalidade pouco fiáveis em termos estatísticos

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido à Influenza [gripe], em 2015, foi de 0,7 óbitos por 100 000 habitantes (0,6 para os homens e 0,8 para as mulheres).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada, em 2015, para todas as idades foi de 0,4 óbitos por 100 000 habitantes (0,4 para os homens e 0,3 para as mulheres).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 2,4 óbitos por 100 000 habitantes (2,5 para os homens e 2,4 para as mulheres).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 185 anos (98 para os homens e 88 para as mulheres).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 2,1 anos por 100 000 habitantes (2,3 para os homens e 1,9 para as mulheres).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 1,9 anos por 100 000 habitantes (2,0 para os homens e 1,9 para as mulheres).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 15,4 anos (19,5 para os homens e 12,5 anos para as mulheres).

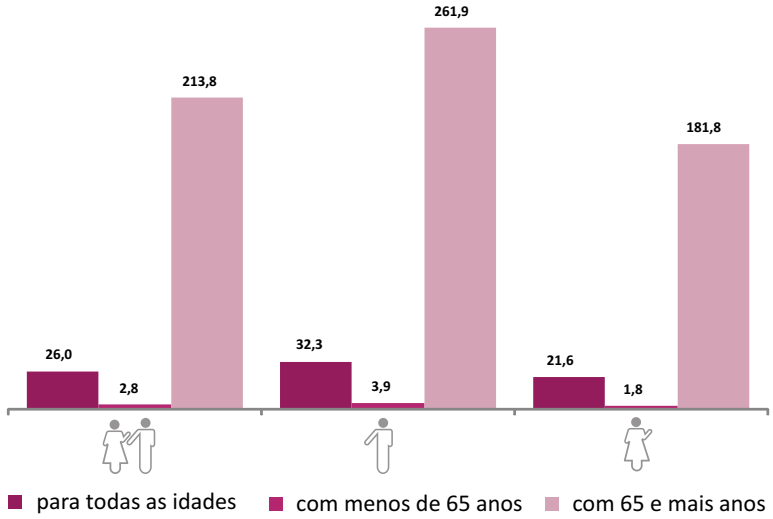
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Influenza [gripe] (CID-10: J10-J11)			
Total de óbitos (N.º)	74	31	43
Idade média à morte (N.º de anos)	80,5	78,6	81,9
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,07	0,06	0,08
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	9	5	4
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	65	26	39
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	12	5	7
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	58	23	35
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	185	98	88
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	2,1	2,3	1,9
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	15,4	19,5	12,5
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1,9	2,0	1,9

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

36. Pneumonia

CID-10: J12-J18

Taxas de mortalidade padronizadas por pneumonia (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 6 126 mortes (6 115 de óbitos de residentes e 11 óbitos de não residentes) devido Pneumonia (J12-J18). Por sexo, registaram-se 2 933 de homens e 3 193 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas abrangendo as todas as idades, com maior expressão a partir dos 35 anos de idade.

As mortes causadas por esta doença representaram 5,6% da mortalidade no país, correspondendo a 5,4% do total de óbitos de homens e a 5,9% no caso das mulheres. Na Região Autónoma da Madeira, 14,4% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo aos valores mais altos verificado no país (12,8% para os homens e 15,8% para as mulheres). Na região do Alentejo Central observaram-se os valores mais baixos, quer para o total da população residente (1,7%) quer para os homens (1,6%) e para as mulheres (1,8%).

O maior número de óbitos por esta causa observa-se na Área Metropolitana de Lisboa (20,5%) e por outro lado, foi nas regiões do Alentejo Central (0,6) e do Alto Tâmega (0,9) que se registaram as menores percentagens.

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 91,9 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado deste indicador registou-se na região da Beira Baixa (137,0) e o mais baixo na Região Autónoma dos Açores (57,7).

A idade média ao óbito para o Total foi de 83,7 anos (82,2 para os homens e 85,1 para as mulheres). As idades médias mais elevadas foram observadas nas regiões do Alentejo Central (86,6 para o total da população residente e 86,5 para os homens) e de Trás-os-Montes para as mulheres (87,1). As idades médias mais baixas foram registadas na Região Autónoma da Madeira, para o total da população residente (81,5) e para as mulheres (83,4) e no Cávado para os homens (78,7 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a pneumonia, em 2015, foi de 59,1 óbitos por 100 000 habitantes (59,7 para os homens e 58,6 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram atingidas na Região Autónoma da Madeira, para o total da população residente (145,5) e para as mulheres (156,6). Para os homens a taxa mais elevada foi observada na região da Beira Baixa (158,0).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada, em 2015, para todas as idades foi de 26,0 óbitos por 100 000 habitantes (32,3 para os homens e 21,6 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador registaram-se na Região Autónoma da Madeira (90,1 para o total de residentes, 118,4 para os homens e 74,5 para as mulheres).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 231,8 óbitos por 100 000 habitantes (261,9 para os homens e 181,8 para as mulheres). Numa perspetiva regional, os valores mais elevados registaram-se na Região Autónoma da Madeira (741,0 para o total de residentes, 969,9 para os homens e 622,3 para as mulheres). Ao invés, as taxas mais baixas foram registadas na região do Alentejo Central: 60,9 para o total de residentes, 72,3 para os homens o valor e 53,4 para as mulheres.

Para esta causa a razão de mortalidade padronizadas mais elevada observou-se na Região Autónoma da Madeira, tanto para o total de residentes (341,3) como para cada dos sexos (363,5 para os homens e 340,1 para as mulheres). Os valores mais baixos deste indicador foram observados na região do Alentejo Central (29,5 para o total de residentes, 28,4 para os homens e 30,2 para as mulheres).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 4 904 anos (3 255 para os homens e 1 649 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (1 214) e do Porto (885 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 55,6 anos por 100 000 habitantes (75,7 para os homens e 36,4 para as mulheres). Na Região Autónoma da Madeira observou-se o valor mais elevado (165,4) seguindo-se a região de Viseu Dão Lafões (93,9).

Para o Total, no ano em análise, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 49,0 anos por 100 000 habitantes (66,5 para os homens e 33,2 para as mulheres). Os valores mais altos deste indicador foram registados na Região Autónoma da Madeira (148,8) e na região de Viseu Dão Lafões (90,4).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 11,5 anos (11,1 para os homens e 12,4 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador observou-se na região de Viseu Dão Lafões (18,4) e o mais baixo na região de Terras de Trás-os-Montes (4,2 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015 *			
Causa de morte: Pneumonia (CID-10: J12-J18)			
Total de óbitos (N.º)	6.126	2.933	3.193
Idade média à morte (N.º de anos)	83,7	82,2	85,1
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	5,6	5,4	5,9
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	285	192	93
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	5.840	2.741	3.099
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	426	293	133
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	5.429	2.466	2.963
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	26,0	32,3	21,6
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	2,8	3,9	1,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	213,8	261,9	181,8
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	59,1	59,7	58,6
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	4.904	3.255	1.649
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	55,6	75,7	36,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	11,5	11,1	12,4
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	49,0	66,5	33,2

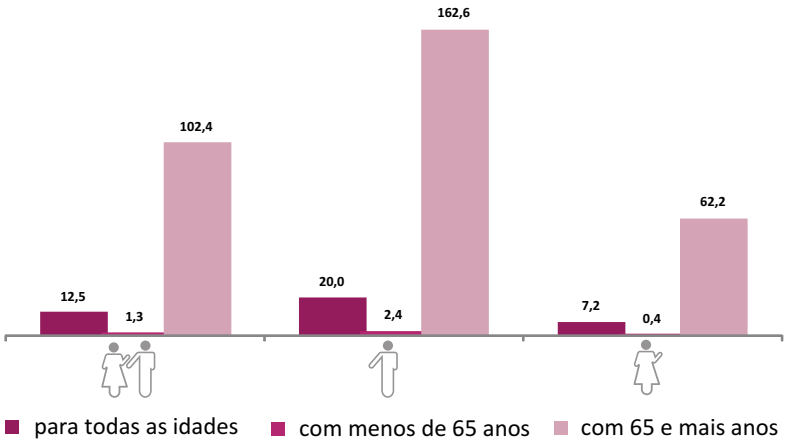
Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

* Quadro atualizado em 29-11-2017

37. Doença pulmonar obstrutiva crónica

CID-10: J40-J44

Taxas de mortalidade padronizadas por doença pulmonar obstrutiva crónica (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 2 827 mortes (2 823 óbitos de residentes e 4 óbitos de não residentes) devido a Doença pulmonar obstrutiva crónica (J40-J44). Por sexo, esta causa de morte atingiu principalmente os homens, à qual correspondeu cerca de 63% do total de mortes (1 772 homens e 1 055 mulheres). Trata-se de um grupo de causas com maior expressão a partir dos 55 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 2,6% da mortalidade no país, correspondendo a 3,3% do total de óbitos de homens e a 1,9% no caso das mulheres. Na região do Ave 4,0% do total de mortes resultou desta causa, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. Na região da Lezíria do Tejo observou-se o mais baixo valor (1,4%).

O maior número de óbitos por esta causa observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, 21,3% e 14,9%, respetivamente.

A relação de masculinidade destes óbitos, em 2015, para o Total, foi de 168,0 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país o indicador assume valores iguais ou superiores a 100, com exceção do Cávado (90,9). Na região do Alentejo Litoral e do Alto Alentejo registaram-se os valores mais elevados (725,0 e 437,5, respetivamente).

A idade média ao óbito em 2015, foi de 81,9 anos (80,5 para os homens e 84,2 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região de Terras de Trás-os-Montes (85,4) e a mais baixa na Região Autónoma da Madeira (78,3).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a doença pulmonar obstrutiva crónica, em 2015, foi de 27,3 óbitos por 100 000 habitantes (36,1 para os homens e 19,4 para as mulheres). A taxa mais elevada foi atingida em Terras de Trás-os-Montes, para o total de população residente (50,2) bem como para as mulheres (46,5). Por outro lado, os valores mais reduzidos foram registados na região da Lezíria do Tejo, 16,9 para o total da população residente e 24,9 para os homens enquanto para as mulheres se verificou no Alentejo Litoral (8,3).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 12,5 óbitos por 100 000 habitantes (20,0 nos homens e 7,2 nas mulheres). Numa perspetiva regional, o valor mais elevado verificou-se na Região Autónoma dos Açores (22,5), tendo sido também nesta região que se observou o valor mais elevado para os homens (40,7) enquanto para as mulheres se verificou na região do Ave (13,4). Por outro lado, na região da Lezíria do Tejo foram registados os valores mais baixos, 6,4 para o total de residentes, 11,5 para os homens e 3,0 para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 102,4 óbitos por 100 000 habitantes (162,6 nos homens e 62,2 nas mulheres). No ano em análise, na Região Autónoma dos Açores registaram-se os valores mais elevados, quer para o total de residentes (186,7) e também para os homens (333,7) sendo que para as mulheres se verificou no Ave (121,6). Os valores mais baixos para este indicador foram registados na região da Lezíria do Tejo, 58,5 para o total dos residentes e 107,2 para os homens, sendo que para as mulheres se registou no Alentejo Litoral (20,5).

Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 1,3 óbitos por 100 000 habitantes (2,4 para os homens e 0,4 para as mulheres).

Para esta causa, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas registaram-se na Região Autónoma dos Açores, com 177,0 para o total dos residentes e 220,4 para os homens e na região no Ave para as mulheres (192,2). Por outro lado, a região que apresentou os valores mais baixos para este indicador foi a da Lezíria do Tejo (53,9), para o total da população residente nesta região e também para os homens (60,1). Para as mulheres, o valor mais baixo ocorreu na região do Alentejo Litoral (33,2).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 2 033 anos (1 605 para os homens e 428 para as mulheres), tendo sido nas Áreas Metropolitanas do Porto e do Lisboa que se observaram os maiores números (485 e 480 anos, respetivamente).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, em 2015, foi de 23,0 por 100 000 habitantes (37,3 para os homens e 9,4 para as mulheres). O valor mais elevado correspondeu à região do Alto Alentejo (65,5).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 18,4 por 100 000 habitantes 30,2 para os homens e 8,0 para as mulheres. O valor mais alto foi registado na região do Alto Alentejo (47,8).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 7,8 anos (7,5 para os homens e 9,1 para as mulheres). O valor mais elevado verificou-se na região do Ave (14,5 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015 *			
Causa de morte: Doença pulmonar obstrutiva crónica (CID-10: J40-J44)			
Total de óbitos (N.º)	2.827	1.772	1.055
Idade média à morte (N.º de anos)	81,9	80,5	84,2
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	2,6	3,3	1,9
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	142	118	24
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	2.685	1.654	1.031
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	261	214	47
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.324	1.372	952
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	12,5	20,0	7,2
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	1,3	2,4	0,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	102,4	162,6	62,2
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	27,3	36,1	19,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	2.033	1.605	428
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	23,0	37,3	9,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	7,8	7,5	9,1
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	18,4	30,2	8,0

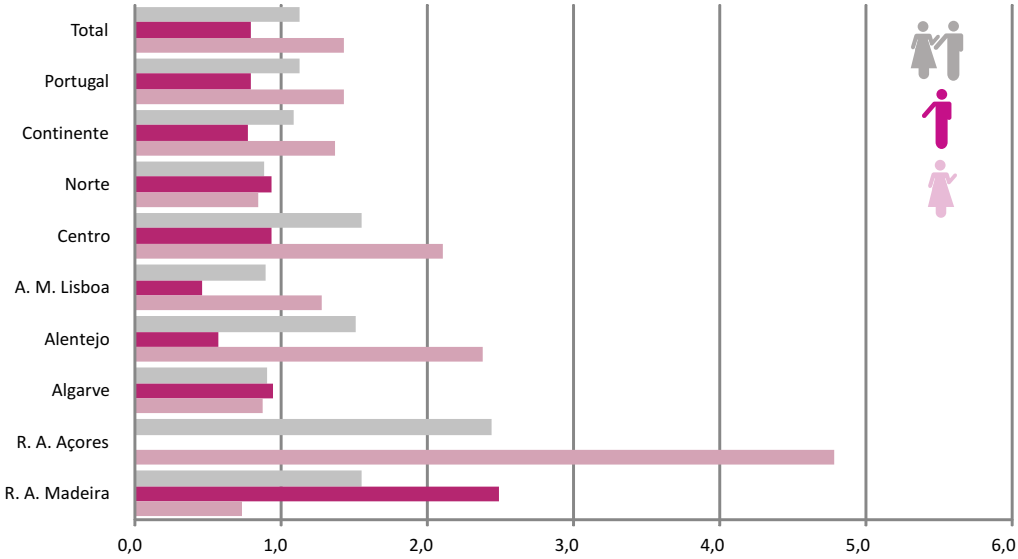
Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

* Quadro atualizado em 29-11-2017

38. Asma

CID-10: J45-J46

Taxas brutas de mortalidade por asma (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 117 mortes (todos de óbitos de residentes) devido a Asma (J45-J46). Por sexo, verificaram-se (39 óbitos de homens e 78 de mulheres). Trata-se de um grupo de causas abrangendo as idades a partir dos 45 anos, com maior expressão a partir dos 65 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,1% da mortalidade para no país, correspondendo a 0,1% do total de óbitos de homens e a 0,1% do total de mulheres. Na Região Autónoma dos Açores 0,3% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país.

Verifica-se que o maior número de óbitos por esta causa se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (21,4%) e do Porto (20,5%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 50,0 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se na Região Autónoma da Madeira (300,0) e no Médio Tejo (133,3).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 81,8 anos (78,5 para os homens e 83,4 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi de 89,0 anos e foi observada tanto na região de Terras de Trás-os-Montes como na Região de Leiria enquanto a mais baixa foi registada na Região Autónoma da Madeira (72,5).

A taxa bruta de mortalidade devido a asma, em 2015, foi de 1,1 óbitos por 100 000 habitantes (0,8 para os homens e 1,4 para as mulheres). Numa análise regional, observa-se que foi nas regiões do Médio Tejo (2,9) e de Viseu Dão Lafões (2,7) onde se atingiram as taxas mais elevadas.

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 0,5 óbitos por 100 000 habitantes (0,5 para os homens e 0,6 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na Região Autónoma Açores, 1,7 para o total de residentes e para as mulheres (2,9) e na Região Autónoma da Madeira, 2,3 para os homens.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades 65 e mais anos foi de 4,1 óbitos por 100 000 habitantes (3,3 para os homens e 4,6 para as mulheres). Na Região Autónoma dos Açores registaram-se os valores mais elevados tanto para o total dos residentes (12,1) como para as mulheres (18,9). Para os homens o valor mais elevado foi observado na Região Autónoma da Madeira (14,0). Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 0,1 óbitos por 100 000 habitantes (0,1 para os homens e 0,1 para as mulheres).

Para esta causa, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas registaram-se nas Região Autónoma dos Açores, 337,3 para o total de residentes e 502,3 para as mulheres, enquanto para os homens se registou na Região Autónoma da Madeira (475,2).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 125 anos (78 para os homens e 48 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram observados nas Áreas Metropolitanas do Porto (43) e de Lisboa (23) e ainda nas Regiões Autónomas dos Açores (18) e da Madeira (15 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos por esta doença, ao nível do país, em 2015, foi de 1,4 anos por 100 000 habitantes (1,8 para os homens e 1,0 para as mulheres). Na Região Autónoma dos Açores atingiu-se o valor mais elevado (7,8).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 1,1 anos (1,5 para os homens e 0,8 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador registou-se na Região Autónoma dos Açores (7,5).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 7,8 (8,6 para os homens e 6,8 para as mulheres). Na Região Autónoma dos Açores observou-se o valor mais elevado (17,5 anos).

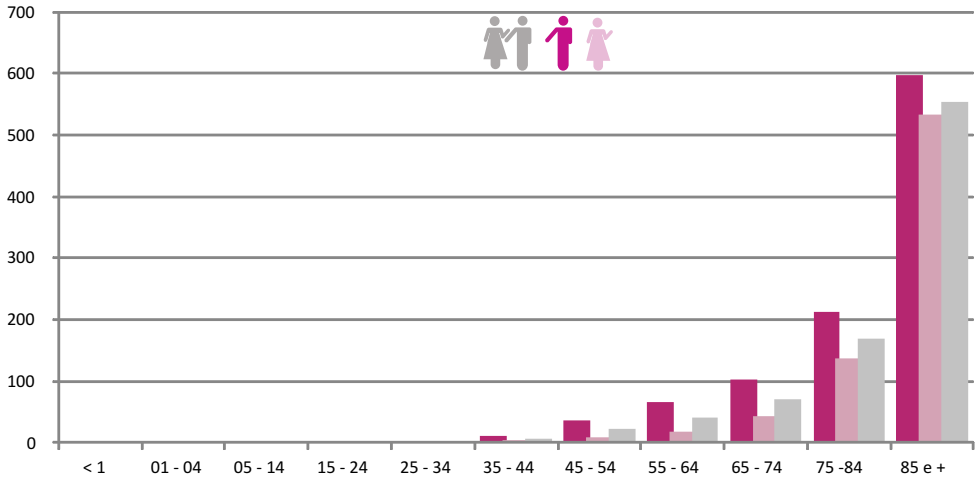
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Asma (CID-10: J45-J46)			
Total de óbitos (N.º)	117	39	78
Idade média à morte (N.º de anos)	81,8	78,5	83,4
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,1	0,1	0,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	9	6	3
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	108	33	75
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	16	9	7
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	93	25	68
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	0,5	0,5	0,6
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,1	0,1	0,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	4,1	3,3	4,6
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	1,1	0,8	1,4
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	125	78	48
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1,4	1,8	1,0
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	7,8	8,6	6,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	1,1	1,5	0,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

39. Doenças do aparelho digestivo

CID-10: K00-K93

Taxas brutas de mortalidade por doenças do aparelho digestivo (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 4 559 mortes (4 543 óbitos de residentes e 16 óbitos de não residentes) devido a Doenças do aparelho digestivo (K00-K93). Por sexo, verificaram-se 2 452 óbitos de homens e 2 107 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas abrangendo todos os grupos etários, com exceção dos óbitos com menos de 1 ano de idade e com maior expressão a partir dos 35 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 4,2% da mortalidade no país, correspondendo a 4,5% do total de óbitos masculinos e a 3,9% dos femininos. Na região do Alto Tâmega 6,1% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. O valor mais baixo foi observado na região do Alentejo Central (2,9%).

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas Lisboa (23,4%) e do Porto (13,6%).

A relação de masculinidade destes óbitos, em 2015, para o Total, foi de 116,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Quase todas as regiões do país apresentaram valores acima de 100, com exceção da região da Lezíria do Tejo (88,3), da Região de Coimbra (89,5) e do Alto Minho (91,0). Os valores mais elevados registaram-se nas regiões do Baixo Alentejo (178,8) e do Alentejo Central (152,0).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 75,7 anos (71,7 para os homens e 80,3 para as mulheres). As idades médias mais elevadas foram observadas nas regiões das Beiras e Serra da Estrela (80,1) e do Alto Alentejo (79,6), enquanto a mais baixa se registou na Região Autónoma da Madeira (68,9 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a doenças do aparelho digestivo, em 2015, foi de 44,0 óbitos por 100 000 habitantes (49,9 para os homens e 38,7 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram atingidas nas regiões do Alto Tâmega (85,8 para o total de residentes e 78,5 para as mulheres) e do Baixo Alentejo (100,4 para os homens). Na Região Autónoma dos Açores registaram-se as mais baixas (30,9 para o total de residentes e 32,3 para os homens) e na região do Tâmega e Sousa (28,7 para as mulheres).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 24,4 por 100 000 habitantes (33,2 para os homens e 17,0 para as mulheres). Numa perspetiva regional, os valores mais elevados para o total da respetiva população e para os homens foram registados na Região Autónoma da Madeira (39,5 e 61,1, respetivamente) e para as mulheres no Alto Tâmega (26,0).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 141,8 por 100 000 habitantes (172,9 para os homens e 118,5 para as mulheres). No ano em análise, foi nas regiões do Alto Alentejo que se registaram os valores mais elevados, 205,0 para o total de residentes e 269,9 para os homens e da Lezíria do Tejo para as mulheres (188,3). Os valores mais baixos registaram-se na Beira Baixa, tanto para o total da população residente (91,1) como para os homens (106,4) e no Alentejo Central para as mulheres (74,6).

Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 9,9 óbitos por 100 000 habitantes (16,0 para os homens e 4,4 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, a razão de mortalidade padronizada mais elevada foi registada na Região Autónoma da Madeira (154,9) e a mais baixa situou-se na região do Alentejo Central (71,8).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 16 837 anos (12 815 para os homens e 4 023 para as mulheres). Os valores mais elevados registaram-se nas Áreas Metropolitanas Lisboa (4 053) e do Porto (2 808) e o mais baixo no Alentejo Litoral (153).

Para o Total, a taxa de anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 190,7 por 100 000 habitantes (298,0 para os homens e 88,9 para as mulheres). O valor mais elevado desta taxa foi observado na Região Autónoma da Madeira (452,6) e o mais baixo na Região de Leiria (99,5).

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 160,4 por 100 000 habitantes (255,8 para os homens e 73,8 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador situou-se nas na Região Autónoma da Madeira (384,0) e o mais baixo verificou-se na Região de Leiria (77,6).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 12,6 anos (12,7 para os homens e 12,0 para as mulheres), sendo que o valor mais elevado foi atingido na região do Tâmega e Sousa (16,1) e o mais baixo na Região de Leiria (7,8 anos).

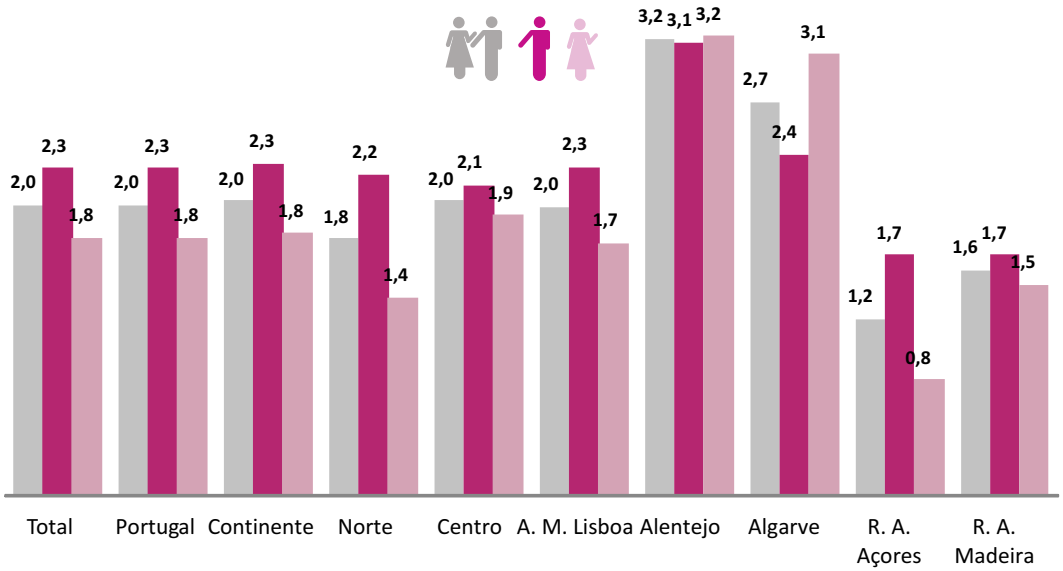
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças do aparelho digestivo (CID-10: K00-K93)			
Total de óbitos (N.º)	4.559	2.452	2.107
Idade média à morte (N.º de anos)	75,7	71,7	80,3
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	4,2	4,5	3,9
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	1.017	779	238
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	3.541	1.672	1.869
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.341	1.006	335
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.781	1.171	1.610
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	24,4	33,2	17,0
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	9,9	16,0	4,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	141,8	172,9	118,5
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	44,0	49,9	38,7
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	16.837	12.815	4.023
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	190,7	298,0	88,9
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	12,6	12,7	12,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	160,4	255,8	73,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

40. Úlcera péptica

CID-10: K25-K27

Taxas brutas de mortalidade por úlcera péptica (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 208 mortes (todos de óbitos de residentes) devido a Úlcera péptica (K25-K27). Por sexo verificaram-se 111 óbitos de homens e 97 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas com maior expressão a partir dos 55 anos de idade.

As mortes provocadas por esta causa representaram 0,2% da mortalidade no país (0,2% para cada sexo).

Verifica-se que o maior número de óbitos por esta causa, se observa na região da Área Metropolitana Lisboa (26,9%) e ainda na Área Metropolitana do Porto (15,4%) e no Algarve (5,8%).

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, foi de 114,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado para este indicador registou-se na Região de Leiria (400,0).

A idade média ao óbito em 2015 foi de 78,5 anos (75,8 para os homens e 81,7 para as mulheres). A idade média mais elevada foi observada nas regiões do Alentejo Central e da Beira Baixa (89,0 em cada uma) enquanto a mais baixa foi registada na Região de Leiria (66,8 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a úlcera péptica em 2015, foi de 2,0 óbitos por 100 000 habitantes (2,3 para os homens e 1,8 para as mulheres). A região do Alto Alentejo atingiu os valores mais elevados neste indicador, 6,3 para o total de residentes e 7,6 para os homens e na região do Alentejo Litoral para as mulheres (6,2). Por outro lado, os valores mais baixos registaram-se nas regiões do Ave (0,7) e do Alto Minho (0,8).

Em 2015, para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 1,0 óbitos por 100 000 habitantes (1,4 para os homens e 0,7 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados no Alto Tâmega (2,8 para o total dos residentes), no Alto Alentejo (4,0 para os homens) e no Alentejo Litoral (3,3 para as mulheres).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 6,5 óbitos por 100 000 habitantes (8,4 para os homens e 5,1 para as mulheres). Verifica-se que foi no Alto Alentejo que se registaram os valores mais elevados quer para o total de residentes (15,5) quer para os homens (22,1) e ainda no Alentejo Litoral para as mulheres (15,7). Por outro lado, na região do Médio Tejo registou-se o valor mais baixo (2,2).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 foi de 0,3 óbitos por 100 000 habitantes (0,5 para os homens e 0,2 para as mulheres).

Para esta causa, a razão de mortalidade padronizada mais elevada registou-se na região do Alto Alentejo (220,5), para o total da população residente e para os homens (234,7) e na região do Alentejo Litoral para as mulheres (273,5). Por outro lado, os valores mais baixos deste indicador foram registados nas regiões do Alto Minho (34,5) e do Ave (44,3).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 500 anos (345 para os homens e 155 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram atingidos nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (155) e do Porto (88 anos).

Para o total, a taxa de anos potenciais de vida perdidos, no ano em estudo, foi de 5,7 anos por 100 000 habitantes (8,0 para os homens e 3,4 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi encontrado na região do Alto Tâmega (50,1).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 4,6 anos por 100 000 habitantes (6,7 para os homens e 2,8 para as mulheres). O valor mais alto deste indicador registou-se na região do Alto Tâmega (40,1).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 12,5 anos (11,5 para os homens e 15,5 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados no Alto Tâmega e na Região Autónoma da Madeira (17,5 em cada uma) e ainda no Algarve (15,0 anos).

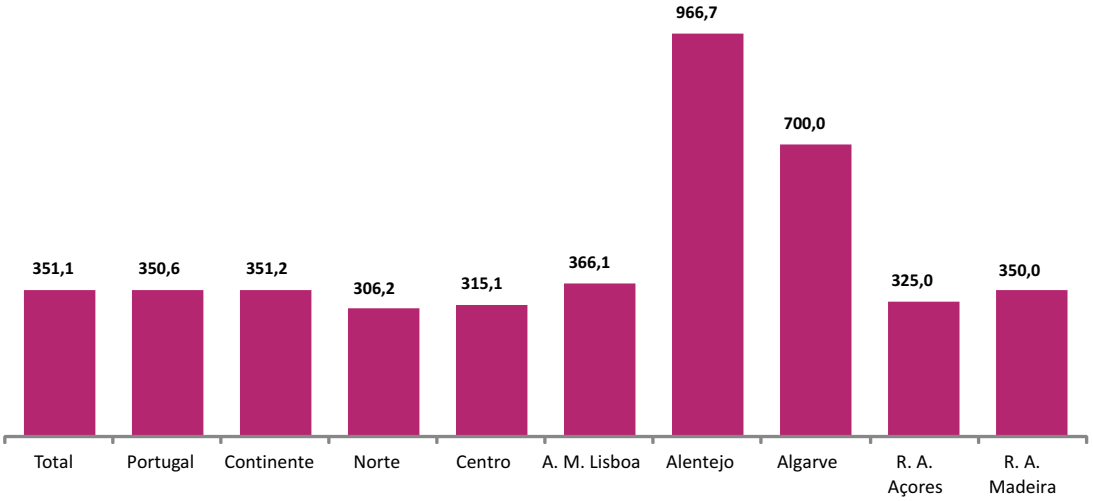
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Úlcera péptica (CID-10: K25-K27)			
Total de óbitos (N.º)	208	111	97
Idade média à morte (N.º de anos)	78,5	75,8	81,7
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,2	0,2	0,2
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	36	26	10
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	172	85	87
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	40	30	10
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	153	70	83
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	1,0	1,4	0,7
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,3	0,5	0,2
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	6,5	8,4	5,1
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	2,0	2,3	1,8
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	500	345	155
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	5,7	8,0	3,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	12,5	11,5	15,5
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	4,6	6,7	2,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

41. Doença crónica do fígado e cirrose

CID-10: K70, K73-K74

Relação de masculinidade dos óbitos por doença crónica do fígado e cirrose, por NUTS II – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 1 042 mortes (1 041 óbitos de residentes e 1 óbito de não residentes) devido a Doença crónica do fígado (K70, K73-K74). Esta causa de morte atingiu principalmente os homens, à qual correspondeu cerca de 78% do total de mortes (811 homens e 231 mulheres). Trata-se de um grupo de causas com maior expressão a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por esta doença representaram 1,0% da mortalidade no país, correspondendo a 1,5% do total de óbitos de homens e a 0,4% no caso das mulheres. Na região do Alto Tâmega 2,0% do total de mortes resultou desta causa, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. Foi também esta região que apresentou os valores mais elevados para os homens (3,1%), sendo que para as mulheres, o valor mais alto foi observado no Cávado e ainda em Viseu e Dão Lafões (0,9% em cada).

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, equivalendo a 25,0% e 13,7%, respetivamente.

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, foi de 351,1 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país esta relação foi sempre superior a 100, sendo que os valores mais altos se registaram nas regiões do Médio Tejo (1 450,0) e das Beiras e Serra da Estrela (1 200,0).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 62,6 anos (62,3 para os homens e 63,6 e para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi atingida na Região de Leiria, tanto para o total da população (68,9), como para os homens (68,6). Para as mulheres registou-se na região da Beira Baixa (82,5).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a doença crónica do fígado, em 2015, foi de 10,1 óbitos por 100 000 habitantes (16,5 para os homens e 4,2 para as mulheres). Numa perspetiva regional, verifica-se que a taxa mais alta se registou na região do Alto Tâmega (27,9 para o total dos residentes e 46,9 para os homens sendo que para as mulheres se verificou em Viseu Dão Lafões, com 10,9).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada, para todas as idades foi de 7,6 óbitos por 100 000 habitantes (13,0 para os homens e 3,1 para as mulheres). Na região do Alto Tâmega registaram-se os valores mais elevados: 19,2 para o total dos residentes, 33,1 para os homens e 6,9 para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 22,7 (39,7 para os homens e 9,8 para as mulheres). Numa análise regional, a taxa mais elevada registou-se na região do Alto Tâmega (52,1 para o total dos residentes e 99,5 para os homens). Para as mulheres, o valor mais elevado foi observado na região de Viseu Dão Lafões (34,4). Por outro lado, para as idades inferiores a 65 anos, a taxa de mortalidade padronizada foi de 5,7 (9,7 para os homens e 2,2 para as mulheres).

Em 2015, a razão de mortalidade padronizada mais elevada, por esta causa foi observada na região do Alto Tâmega, com 236,0 para o total de residentes e 237,8 para os homens e na região de Viseu Dão Lafões para as mulheres (244,4).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta doença foi de 9 870 (7 813 para os homens e 2 058 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram atingidos na Áreas Metropolitanas de Lisboa (2 193) e do Porto (1 633) enquanto o mais baixo foi observado na região da Beira Baixa, com 48 anos.

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 111,8 anos por 100 000 habitantes (181,7 para os homens e 45,5 para as mulheres). Na região do Alto Tâmega registou-se a taxa mais elevada (315,1) e na Região de Leiria a mais reduzida (40,0).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 93,5 anos por 100 000 habitantes (154,9 para os homens e 37,8 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi atingido na Região Autónoma da Madeira (244,6) e o mais baixo na Região de Leiria (30,4).

Em 2015, para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos por esta causa de morte foi de 13,5 anos (13,4 para os homens e 13,8 para as mulheres). Este indicador apresentou o valor mais elevado na região do Alentejo Litoral (19,5) e o mais baixo na Região de Leiria (6,5 anos).

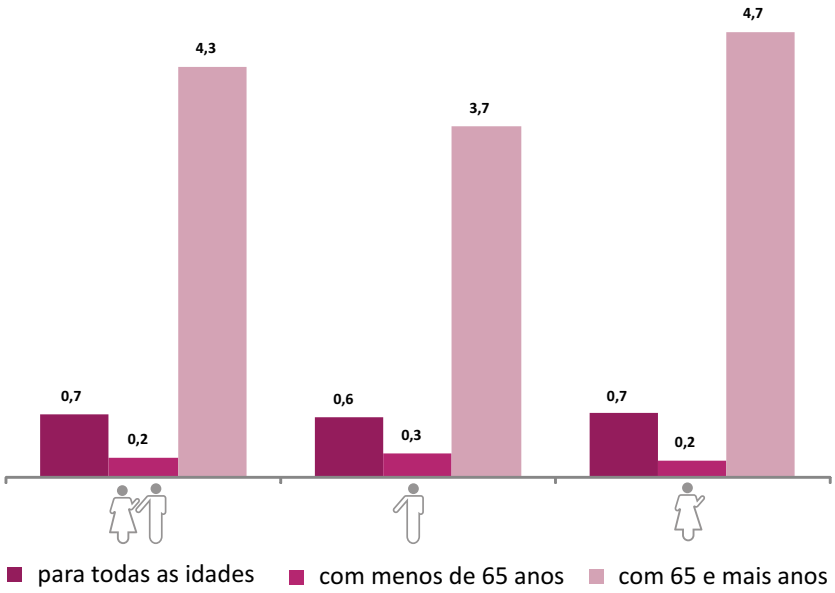
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doença crónica do fígado e cirrose (CID-10: K70, K73-K74)			
Total de óbitos (N.º)	1.042	811	231
Idade média à morte (N.º de anos)	62,6	62,3	63,6
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	1,0	1,5	0,4
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	589	471	118
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	453	340	113
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	730	581	149
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	167	123	44
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	7,6	13,0	3,1
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	5,7	9,7	2,2
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	22,7	39,7	9,8
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	10,1	16,5	4,2
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	9.870	7.813	2.058
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	111,8	181,7	45,5
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	13,5	13,4	13,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	93,5	154,9	37,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

42. Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo

CID-10: L00-L99

Taxas de mortalidade padronizadas por doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 134 mortes (todos óbitos de residentes) devido a Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (L00-L99). Por sexo registaram-se 49 óbitos de homens e 85 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas abrangendo as idades a partir dos 25 anos, com maior expressão a partir dos 65 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 0,1% da mortalidade no país (0,1% para os homens e 0,2% para as mulheres). Em várias regiões do Continente, 0,2% do total de mortes resultaram destas causas, correspondendo ao valor mais elevado.

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (23,9) e do Porto (18,7%).

A relação de masculinidade destes óbitos, para o Total, foi de 57,6 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado deste indicador registou-se nas regiões do Douro e do Oeste (200,0 em cada região).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 78,3 anos (74,0 para os homens e 80,7 para as mulheres). A idade média mais elevada foi observada nas regiões do Tâmega e Sousa, Médio Tejo, Baixo Alentejo e do Alentejo Central (89,0 anos em cada uma destas regiões).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a doenças da pele e do tecido celular subcutâneo, em 2015, foi de 1,3 por 100 000 habitantes (1,0 para os homens e 1,6 para as mulheres). As taxas de mortalidade mais elevadas foram atingidas nas regiões do Alto Minho (3,0) e da Beira Baixa (2,4).

Para o Total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 0,7 óbitos por 100 000 habitantes (0,6 para os homens e 0,7 para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados nas regiões do Alto Minho e da Lezíria do Tejo, para o total dos residentes (1,2 em cada). Por outro lado, os valores mais altos deste indicador foram atingidos na Região de Aveiro (1,5) para os homens (2,3) e na Lezíria do Tejo (1,5) para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 4,3 óbitos por 100 000 habitantes (3,7 para os homens e 4,7 para as mulheres). Os valores mais elevados registaram-se na região do Cávado (7,4 para o total de residentes, na Região de Aveiro (13,3) para os homens e no Alto Minho (11,2) para as mulheres.

Por sua vez, taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 foi de 0,2 óbitos por 100 000 habitantes (0,3 para os homens e 0,2 para as mulheres). Os valores mais elevados foram observados na região da Lezíria do Tejo, quer para o total de residentes (0,6) como para as mulheres (1,2), e no Oeste (1,1) para os homens.

Para este conjunto de causas, os valores da razão de mortalidade padronizada mais elevados observaram-se na região do Alto Minho, para o total da população residente (188,7) e para as mulheres (243,6), sendo que para os homens tal ocorreu no Alto Tâmega (326,3).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 438 anos (240 para os homens e 198 para as mulheres). Os valores mais elevados foram atingidos na Área Metropolitana do Porto (118), na Região de Coimbra e no Algarve (45 anos em cada).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 5,0 por 100 000 habitantes (5,6 para os homens e 4,4 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador observou-se na região da Lezíria do Tejo (18,7).

Para o total, a taxas padronizada dos anos potenciais de vida perdidos, em 2015, foi de 4,3 anos por 100 000 habitantes (4,9 para os homens e 3,7 para as mulheres). O valor mais alto deste indicador observou-se na região da Lezíria do Tejo (19,4).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 15,1 anos (13,3 para os homens e 18,0 para as mulheres). O valor mais elevado foi atingido na região da Lezíria do Tejo (37,5 anos).

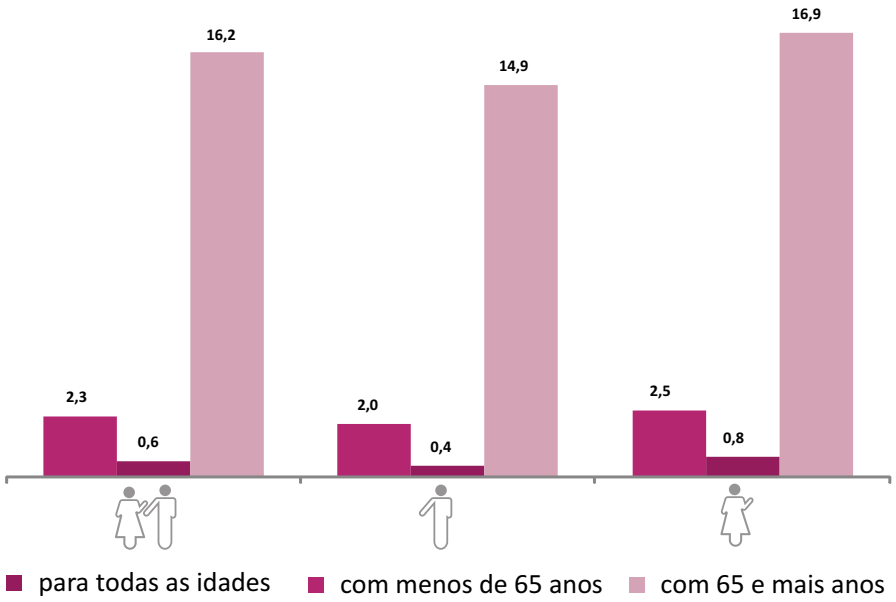
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (CID-10: L00-L99)			
Total de óbitos (N.º)	134	49	85
Idade média à morte (N.º de anos)	78,3	74,0	80,7
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,1	0,1	0,2
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	21	12	9
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	113	37	76
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	29	18	11
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	97	29	68
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	0,7	0,6	0,7
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,2	0,3	0,2
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	4,3	3,7	4,7
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	1,3	1,0	1,6
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	438	240	198
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	5,0	5,6	4,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	15,1	13,3	18,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	4,3	4,9	3,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

43. Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo

CID-10: M00-M99

Taxas de mortalidade padronizadas por doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (por 100 000 habitantes), para o total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 464 mortes (todos óbitos de residentes) devido a Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (M00-M99). Por sexo, verificaram-se 167 óbitos de homens e 297 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte abrangendo as idades a partir dos 15 anos, com maior expressão a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por este conjunto de causas representaram 0,4% da mortalidade no país, correspondendo a 0,3% do total de óbitos de homens e a 0,5% no caso das mulheres. Na região do Alto Alentejo, 0,8% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. O valor mais baixo (0,2%) foi registado, em simultâneo, nas regiões do Ave, Beira Baixa e do Baixo Alentejo.

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (27,4% e 13,4%, respetivamente).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 56,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se nas regiões da Lezíria do Tejo (300,0) e do Alentejo Central (233,3).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 77,7 anos (76,4 para os homens e 78,4 para as mulheres). A idade média mais elevada foi observada na Região de Aveiro (83,7) e a mais baixa na Região Autónoma da Madeira (68,4 anos).

No país (Total) a taxa bruta de mortalidade, devido a doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo, foi de 4,5 óbitos por 100 000 habitantes (3,4 para os homens e 5,5 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados nas regiões do Alto Alentejo, para o total da população residente (13,5) e para as mulheres (17,2) e do Alentejo Litoral (10,6) para os homens. Os valores mais baixos foram observados na região do Ave para o total da população residente (1,7) bem como para os homens (1,0) sendo que para as mulheres tal situação se verificou na Lezíria do Tejo (1,6).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 2,3 por 100 000 habitantes (2,0 para homens e 2,5 para mulheres). Os valores mais elevados registaram-se na região do Alto Alentejo, 6,3 para o total de residentes, 4,8 para os homens e 7,6 para as mulheres. Os valores mais baixos (1,0) observaram-se nas regiões do Ave e do Baixo Alentejo.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 16,2 óbitos por 100 000 habitantes (14,9 para os homens e 16,9 para as mulheres). Os valores mais elevados registaram-se na região do Alto Alentejo, tanto para o total de residentes (34,1) como para as mulheres (39,2). Para os homens o valor mais alto verificou-se na região do Alentejo Central (28,6) e o valor mais baixo na região do Ave (5,8).

Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 0,6 óbitos por 100 000 habitantes (0,4 para os homens e 0,8 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizada mais elevadas registaram-se na região do Alto Alentejo (215,8 para o total de residentes e 230,0 para as mulheres). No referente aos homens, o valor mais elevado foi observado na região Alentejo Litoral (241,4). Por outro lado, o valor mais baixo foi de 46,6 e situou-se na região do Ave, para o total da população residente.

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 1 125 anos (390 para os homens e 735 para as mulheres). O valor mais elevado foi alcançado na Área Metropolitana de Lisboa (420) seguindo-se a do Porto (163 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 12,7 anos por 100 000 habitantes (9,1 para os homens e 16,2 para as mulheres). Os valores mais elevados foram atingidos na região do Alto Alentejo, para o total da população residente (57,0) e para as mulheres (56,3) e na região do Douro para as mulheres (81,9).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi, de 11,2 por 100 000 habitantes (8,1 para os homens e 14,1 para as mulheres). Os valores mais elevados foram atingidos na região do Alto Alentejo, para o total da população residente (46,1) e para as mulheres (43,7) e na região do Douro para os homens (84,2).

Também para o Total e no mesmo ano o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 12,0 anos (9,8 para os homens e 13,6 para as mulheres). O valor mais elevado foi registado na Região de Leiria (25,0 anos) para o total dos residentes.

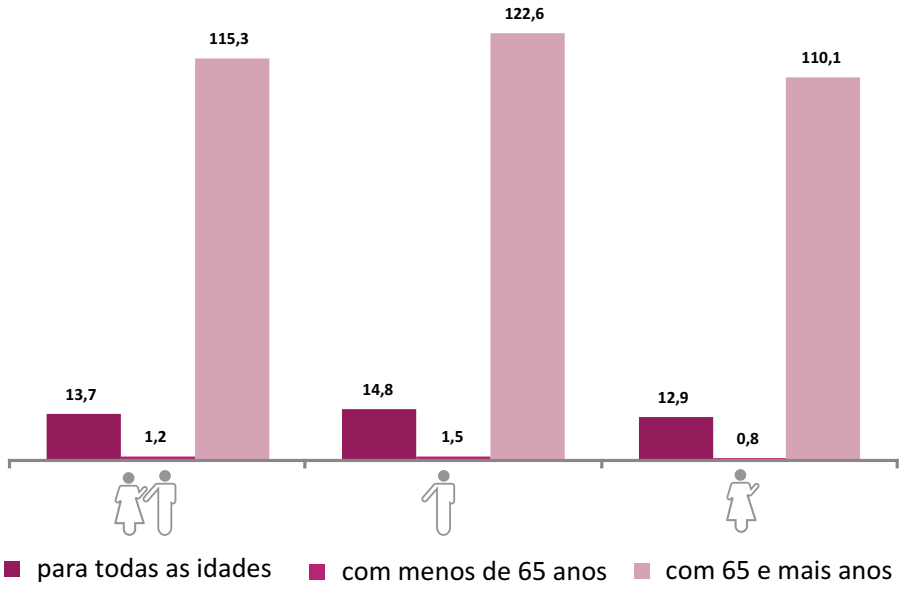
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (CID-10: M00-M99)			
Total de óbitos (N.º)	464	167	297
Idade média à morte (N.º de anos)	77,7	76,4	78,4
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,4	0,3	0,5
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	61	21	40
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	403	146	257
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	94	40	54
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	316	107	209
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	2,3	2,0	2,5
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,6	0,4	0,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	16,2	14,9	16,9
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	4,5	3,4	5,5
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	1.125	390	735
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	12,7	9,1	16,2
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	12,0	9,8	13,6
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	11,2	8,1	14,1

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

44. Doenças do aparelho geniturinário

CID-10: N00-N99

Taxas de mortalidade padronizadas por doenças do aparelho geniturinário (por 100 000 habitantes), para o total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 3 243 mortes (3 242 óbitos de residentes e 1 de óbito não residentes) devido a Doenças do aparelho geniturinário (N00-N99). Por sexo, verificaram-se 1 351 óbitos de homens e 1 892 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte com maior expressão a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 3,0% da mortalidade no país, correspondendo a 2,5% do total de óbitos de homens e a 3,5% no caso das mulheres. Na região do Alto Alentejo, 6,6% do total de mortes resultou dessas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. Na região Tâmega e Sousa registou-se o valor mais baixo (1,7%).

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (23,5%) e do Porto (12,2%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 71,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado registou-se na região de Tâmega e Sousa (156,5). Por outro lado, o valor mais baixo deste indicador observou-se na região do Cávado (50,0).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 83,6 anos (82,2 para os homens e 84,6 para as mulheres). A idade média ao óbito mais elevada foi observada na região do Alto Tâmega (86,0 anos). A idade média mais baixa foi registada na Região Autónoma da Madeira (81,5).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a doenças do aparelho geniturinário, em 2015, de 31,3 óbitos por 100 000 habitantes (27,5 para os homens e 34,7 para as mulheres). Numa análise regional verifica-se que foi na região do Alto Alentejo que se atingiram as taxas brutas mais elevadas quer para o total de residentes (112,4), quer para os homens (100,1) quer para as mulheres (123,6). Por outro lado, foi na região do Tâmega e Sousa que se registou a taxa mais baixa quer para o total de residentes (13,9) quer para as mulheres (10,5). Para os homens a mais baixa verificou-se na região do Cávado (11,9).

Para o total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 13,7 óbitos por 100 000 habitantes (14,8 para os homens e 12,9 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região do Alto Alentejo: 32,5 para o total de residentes, 32,8 para os homens e 32,8 para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada por estas causas de morte para a população com idade de 65 e mais anos foi de 115,3 óbitos por 100 000 habitantes (122,6 para os homens e 110,1 para as mulheres). Numa perspetiva regional, constata-se que os valores mais elevados se observaram na região do Alto Alentejo, quer para o total de residentes (276,8), quer para os homens (298,2) e para as mulheres (261,2). Na região de Terras de Trás-os-Montes registaram-se as taxas mais baixas para o total de residentes (65,5). Para os homens as mais elevadas verificaram-se no Cávado (71,5) e para as mulheres em Tâmega e Sousa (47,8).

Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 1,2 óbitos por 100 000 habitantes (1,5 para os homens e 0,8 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, a razão de mortalidade padronizada mais elevada registou-se na região do Alto Alentejo (238,4), tendo sido também nesta região que se observaram os valores mais altos para os homens (233,9) e para as mulheres (241,4). Ao invés, os valores mais baixos para este indicador registaram-se nas regiões de Terras de Trás-os-Montes (59,3 para o total de residentes), do Cávado (57,8) para os homens) e do Tâmega e Sousa (41,4) para as mulheres.

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 2 035 anos (1 200 para os homens e 835 para as mulheres). Nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto registaram-se os valores mais elevados deste indicador (473 e 403, respetivamente).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 23,0 por 100 000 habitantes (27,9 para os homens e 18,4 para as mulheres). Na região da Beira Baixa observou-se o valor mais elevado (170,1).

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 20,4 por 100 000 habitantes (24,0 para os homens e 17,5 para as mulheres).

Também em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos por estas doenças foi de 10,2 (10,3 para os homens e 9,9 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi observado na região da Beira Baixa (27,5 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Doenças do aparelho geniturinário (CID-10: N00-N99)			
Total de óbitos (N.º)	3.243	1.351	1.892
Idade média à morte (N.º de anos)	83,6	82,2	84,6
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	3,0	2,5	3,5
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	118	75	43
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	3.125	1.276	1.849
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	200	116	84
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.867	1.132	1.735
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	13,7	14,8	12,9
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	1,2	1,5	0,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	115,3	122,6	110,1
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	31,3	27,5	34,7
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	2.035	1.200	835
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	23,0	27,9	18,4
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10,2	10,3	9,9
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	20,4	24,0	17,5

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

45. Complicações da gravidez, parto e puerpério

CID-10: O00-O99

Em 2015, registaram-se no país (Total) 6 mortes de mulheres, (todas de residentes no país) por Complicações da gravidez, parto e puerpério (O00-O99). Trata-se de um grupo de causas de morte que abrangeram mulheres com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos.

Para o país (Total), no ano em estudo, a idade média ao óbito por estas causas foi de 39,2 anos.

A análise das taxas de mortalidade, em 2015, não é viável para estas causas de morte, devido ao reduzido número de óbitos, que conduziu a taxas de mortalidade pouco fiáveis em termos estatísticos.

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 185 anos, correspondendo a uma taxa de anos de vida perdidos de 4,1 anos por 100 000 mulheres.

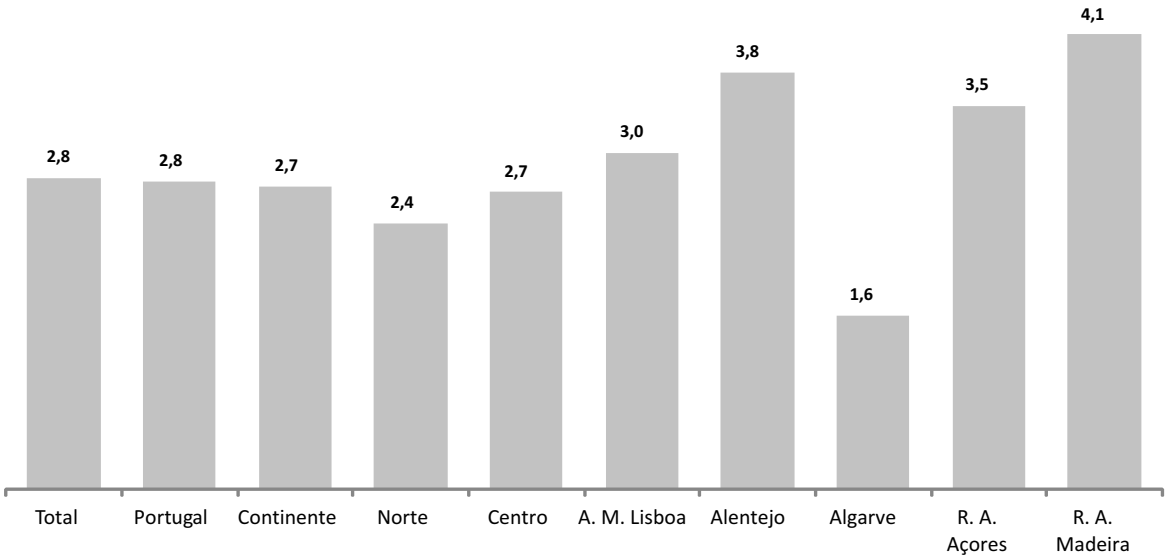
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Complicações da gravidez, parto e puerpério (CID-10: O00-O99)			
Total de óbitos (N.º)	-	-	6
Idade média à morte (N.º de anos)	-	-	39,2
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	-	-	6
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	-	-	6
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	-	185
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	-	4,1
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	-	-	30,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	-	-	3,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

46. Algumas afeções originadas no período perinatal

CID-10: P00-P96

Taxas de mortalidade padronizadas por algumas afeções originadas no período perinatal (por 100 000 habitantes), por NUTS II – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, observaram-se no país (Total) 151 mortes (149 óbitos de residentes e 2 de óbitos não residentes) devido a Algumas afeções originadas no período perinatal (P00-P96). Por sexo, registaram-se 86 óbitos masculinos e 65 femininos. Trata-se de um grupo de causas de morte abrangendo essencialmente a idade até ao 1 ano.

As mortes motivadas por estas causas representaram 0,1% da mortalidade no país, correspondendo a 0,2% para o sexo masculino e a 0,1% para o feminino.

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (35,8%) e do Porto (15,9%).

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, foi de 132,3 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados deste indicador registaram-se na Região de Coimbra e na Região Autónoma dos Açores (400,0 em cada) seguindo-se a região do Médio Tejo (300,0).

A idade média ao óbito, em 2015, foi de 0,5 anos, apresentado valor igual em ambos os sexos (0,5 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Algumas afeções originadas no período perinatal, em 2015, foi de 1,5 óbitos por 100 000 habitantes (1,8 para o sexo masculino homens e 1,2 para o feminino). As taxas mais elevadas deste indicador foram atingidas na região do Baixo Alentejo (4,1 para o total da população residente, 5,1 para os homens e 3,2 para as mulheres.

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 2,8 óbitos por 100 000 habitantes (3,1 para o sexo masculino e 2,5 para o feminino). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região do Baixo Alentejo para o total dos residentes (8,4), para o sexo masculino (9,8) e para o sexo feminino (7,0).

As taxas de mortalidade padronizadas para as idades de 65 e mais anos foram nulas.

A taxa de mortalidade padronizada por estas causas para as idades inferiores a 65 anos foi de 3,2 óbitos por 100 000 habitantes (3,5 para o sexo masculino e 2,8 para a feminino). Os valores mais elevados verificam-se na região do Baixo Alentejo, quer para o total dos residentes (9,5), como para o sexo masculino (11,0) e para o sexo feminino (7,8).

Para este conjunto de causas, os valores mais elevados da razão de mortalidade padronizada mais elevada foram observados na região do Baixo Alentejo, quer para o total dos residentes (302,6), quer para o sexo masculino (315,2) e para o sexo feminino (284,7).

Para o Total, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 10 492 (5 975 anos para o sexo masculino e 4 518 para o feminino). Os maiores valores deste indicador verificaram-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (3 753) e do Porto (1 668).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, no ano em análise, para o Total, foi de 118,9 anos por 100 000 habitantes (138,9 para o sexo masculino e 99,8 para o feminino). Na região do Baixo Alentejo, quer para o total dos residentes (353,6), quer para o sexo masculino (418,3) e ainda para o sexo feminino (287,1) encontraram-se os valores mais elevados.

Em 2015, para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 210,4 anos por 100 000 habitantes (234,3 para o sexo masculino e 185,3 para o feminino). Os valores mais altos deste indicador foram registados na região do Baixo Alentejo, quer para o total dos residentes (630,6), quer para o sexo masculino (733,6) e para o feminino (521,0).

Para o Total, em 2015, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 69,5 anos, apresentando igual valor para ambos os sexos (69,5 anos).

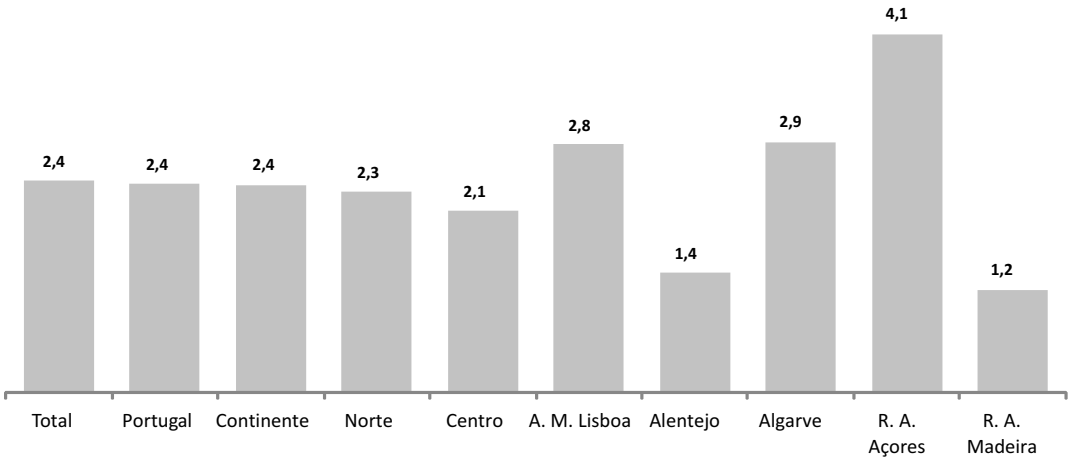
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Algumas afeções originadas no período perinatal (CID-10: P00-P96)			
Total de óbitos (N.º)	151	86	65
Idade média à morte (N.º de anos)	0,5	0,5	0,5
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,1	0,2	0,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	151	86	65
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	0	0	0
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	151	86	65
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	0	0	0
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	2,8	3,1	2,5
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	3,2	3,5	2,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	0,0	0,0	0,0
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	1,5	1,8	1,2
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	10.492	5.975	4.518
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	118,9	138,9	99,8
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	69,5	69,5	69,5
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	210,4	234,3	185,3

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

47. Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas

CID-10: Q00-Q99

Taxas de mortalidade padronizadas por malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (por 100 000 habitantes), por NUTS II – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 197 mortes (195 óbitos de residentes e 2 óbitos de não residentes) devido a Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (Q00-Q99). Por sexo, verificaram-se 116 óbitos de homens e 81 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte abrangente a todas as faixas etárias, com maior expressão nas idades inferiores a 1 ano.

As mortes ocorridas por estas causas representaram 0,2% da mortalidade no país, (0,2% para os homens e 0,1% para as mulheres). Na Região Autónoma dos Açores, no Tâmega e Sousa e no Ave, 0,3% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país.

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (34,5%) e do Porto (12,2%).

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, foi de 143,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado registou-se na Região de Leiria e no Médio Tejo (600,0 em cada).

A idade média ao óbito no país (Total) foi de 33,0 anos (31,5 para os homens e 35,1 para as mulheres). A idade média mais elevada foi observada na região de Lezíria do Tejo (62,5) e a mais baixa na região da Beira Baixa e ainda no Alentejo Litoral (0,5 anos em cada uma).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Malformações congénitas e anomalias cromossómicas, em 2015, foi de 1,9 óbitos por 100 000 habitantes (2,4 para os homens e 1,5 para as mulheres). A taxa mais elevada foi atingida na região de Terras de Trás-os-Montes (3,6).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada por estas causas para todas as idades, em 2015, foi de 2,4 por 100 000 habitantes (2,9 para os homens e 1,9 para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados na região do Ato Tâmega (5,9 para o total de residentes e 9,7 para os homens). Relativamente às mulheres, o valor mais elevado observou-se na região Terras de Trás-os-Montes (7,3).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 1,4 óbitos por 100 000 habitantes para o total da população residente (1,8 para os homens e 1,0 para as mulheres). O valor mais elevado foi de 3,7 e foi registado em cada uma das regiões do Oeste e do Alentejo Central.

Em particular, neste grupo de causas, as taxas de mortalidade padronizadas para idades inferiores a 65 anos foram mais elevadas do que para as idades de 65 e mais anos.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 2,5 óbitos por 100 000 habitantes (3,1 para os homens e 2,0 para as mulheres). Os valores mais elevados observaram-se na região do Alto Tâmega (6,6 para o total de residentes e 10,9 para os homens). Por sua vez, o valor mais elevado para as mulheres foi observado na região de Terras de Trás-os-Montes (8,2).

Para este conjunto de causas, a razão de mortalidade padronizada mais elevada registou-se na região de Terras de Trás-os-Montes 203,1 para o total dos residentes e no Médio Tejo 241,1 para os homens. Para as mulheres, o valor mais alto foi observado na região do Alentejo Central (246,7).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 7 540 anos (4 613 para os homens e 2 927 para as mulheres). Nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto registaram-se os valores mais elevados (2 650 e 987 anos, respetivamente).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos foi, para o Total, em 2015, de 85,4 por 100 000 habitantes (107,3 para os homens e 64,7 para as mulheres). O valor mais elevado foi registado na região de Terras de Trás-os-Montes (190,3).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 128,8 anos por 100 000 habitantes (155,6 para o sexo masculino e 101,2 para o feminino). O valor mais alto foi registado na região do Alto Tâmega (340,3).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 43,6 anos (44,8 para os homens e 41,8 para as mulheres). O valor mais elevado foi registado simultaneamente nas regiões da Beira Baixa e do Alentejo Litoral (69,5 anos em cada uma).

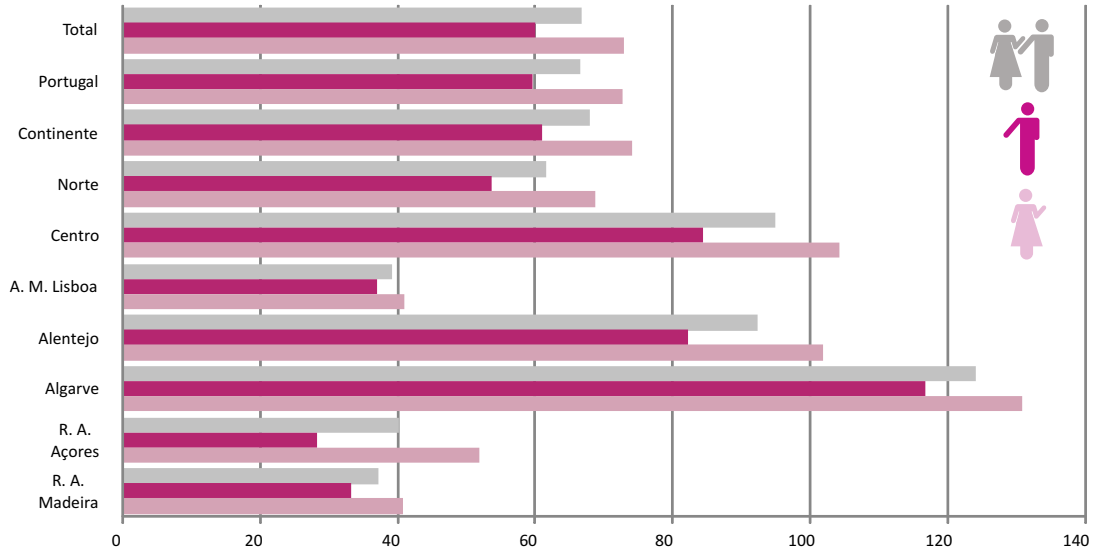
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (CID-10: Q00-Q99)			
Total de óbitos (N.º)	197	116	81
Idade média à morte (N.º de anos)	33,0	31,5	35,1
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,2	0,2	0,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	166	99	67
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	31	17	14
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	173	103	70
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	19	10	9
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	2,4	2,9	1,9
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	2,5	3,1	2,0
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	1,4	1,8	1,0
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	1,9	2,4	1,5
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	7.540	4.613	2.927
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	85,4	107,3	64,7
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	43,6	44,8	41,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	128,8	155,6	101,2

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

48. Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas

CID-10: R00-R99

Taxas brutas de mortalidade por sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 6 914 mortes (6 888 óbitos de residentes e 26 óbitos de não residentes) devido a Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas. Por sexo, registaram-se 2 946 de homens e 3 968 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte abrangentes a todos os grupos etários, com maior expressão a partir dos 45 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 6,3% da mortalidade no país, correspondendo a 5,4% do total de óbitos de homens e a 7,3% no caso das mulheres. Na região do Algarve, 11,4% do total de mortes resultou destas causas correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. O valor mais baixo observou-se na Região Autónoma da Madeira (3,7%).

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (15,9%) e do Porto (15,5%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 74,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país este indicador assumiu um valor inferior a 100, com exceção do Alto Tâmega (122,6). O valor mais baixo verificou-se na região do Alto Minho (47,5).

A idade média ao óbito no país (Total), foi de 81,2 anos (77,4 para os homens e 84,0 anos para as mulheres). As idades médias mais elevadas observaram-se nas regiões do Douro e da Beira Baixa (84,9 e 83,4 respetivamente). A idade média mais baixa foi de 75,8 anos e foi registada na Região Autónoma da Madeira.

No país (Total) a taxa bruta de mortalidade devido a Sintomas, sinais, exames anormais, em 2015, foi de 66,7 óbitos por 100 000 habitantes (60,0 para os homens e 72,9 para as mulheres). As taxas brutas mais elevadas foram atingidas na região da Beira Baixa: 176,1 para o total da população residente, 145,5 para os homens e 203,6 para as mulheres.

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 31,9 por 100 000 habitantes (35,9 para os homens e 28,2 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região do Algarve: 56,5 para o total dos residentes, 64,6 para os homens e 48,8 para as mulheres.

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 234,5 por 100 000 habitantes (242,2 para os homens e 226,2 para as mulheres). Os valores mais elevados registaram-se na região do Algarve, tanto para o total de residentes (432,9), como para os homens (451,5) e para as mulheres (415,0). As taxas mais baixas situaram-se na Área Metropolitana de Lisboa, para o total de residentes (137,6), no Alto Minho para os homens (129,6) e no Alto Tâmega para as mulheres (122,5).

Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 6,9 por 100 000 habitantes para o total da população residente (10,4 para os homens e 3,8 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, os valores relativos à razão de mortalidade padronizada mais elevados foram registados na região do Algarve para o total de residentes (181,5), para os homens (185,3) e para as mulheres (178,3). Os valores mais baixos verificaram-se na região do Cávado para o total de residentes (59,2), na região do Alto Minho para os homens (49,5) e na Área Metropolitana de Lisboa para as mulheres (55,9).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas causas foi de 12 603 anos (8 775 para os homens e 3 828 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram obtidos nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (3 095) e do Porto (1 397 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 142,8 anos por 100 000 habitantes, (204,0 para os homens e 84,6 para as mulheres). A taxa mais elevada verificou-se na Região de Aveiro (306,6 e a menor taxa na região do Cávado (75,0).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 129,6 anos por 100 000 habitantes (183,9 para os homens e 80,3 para as mulheres). A taxa mais elevada verificou-se na Região de Aveiro (267,7) e a menor na região do Alto Minho (59,0).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos por estas causas foi de 12,5 anos (12,4 para os homens e 12,8 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi observado na Região Autónoma da Madeira (16,2), enquanto o mais baixo se registou na região do Médio Tejo (7,3 anos).

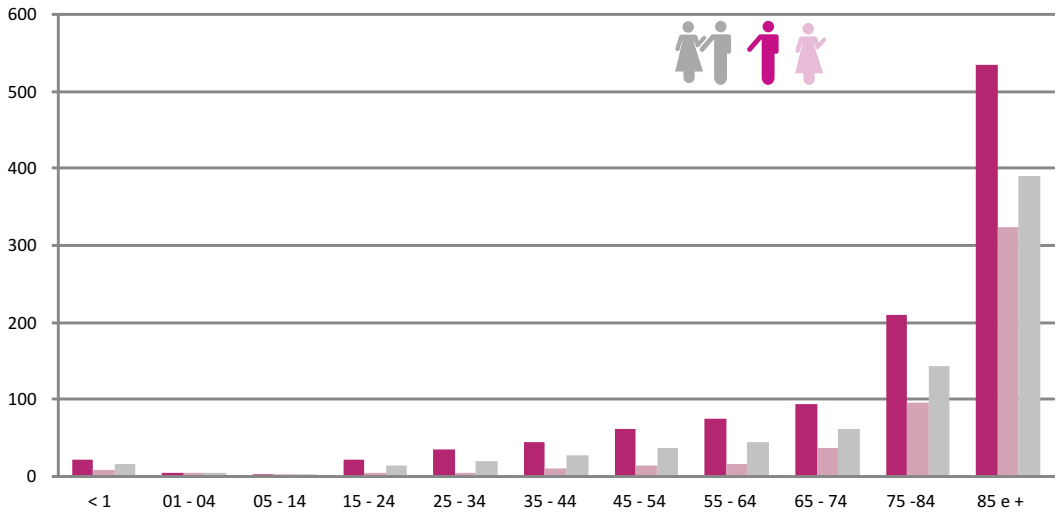
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (CID-10: R00-R99)			
Total de óbitos (N.º)	6.914	2.946	3.968
Idade média à morte (N.º de anos)	81,2	77,4	84,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	6,3	5,4	7,3
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	690	498	192
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	6.220	2.444	3.776
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.006	706	300
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	5.497	1.980	3.517
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	31,9	35,9	28,2
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	6,9	10,4	3,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	234,5	242,2	226,2
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	66,7	60,0	72,9
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	12.603	8.775	3.828
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	142,8	204,0	84,6
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	12,5	12,4	12,8
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	129,6	183,9	80,3

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

49. Causas externas de lesão e envenenamento

CID-10: V01-Y89

Taxas brutas de mortalidade por causas externas de lesão e envenenamento (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 4 870 mortes (4 801 óbitos de residentes e 69 de não residentes) devido a Causas externas de lesão e envenenamento (V01-Y89). Estas causas de morte atingiram principalmente os homens, à qual correspondeu cerca de 66% do total de mortes (3 196 de homens e 1 674 de mulheres). Trata-se de um grupo de causas de morte abrangente a todos os grupos etários com maior expressão a partir dos 15 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 4,5% da mortalidade no país, correspondendo a 5,9% do total de óbitos de homens e a 3,1% no caso das mulheres. Na Região de Coimbra e na Região de Leiria, 5,7% e 5,5% do total de mortes resultou destas causas, em cada uma destas regiões respetivamente, correspondendo aos valores mais elevados verificado no país. Na região do Alto Tâmega observou-se o valor mais baixo (2,9%).

O maior número de óbitos por este conjunto de causas, observa-se na Área Metropolitana de Lisboa equivalendo a 21,6% do total verificado no país, seguindo-se a Área Metropolitana do Porto (12,5%). Por outro lado, foi nas regiões do Alto Tâmega (0,8%) e da Beira Baixa (1,2%) que se observaram as menores percentagens.

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, foi de 190,9 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país este indicador assumiu valores superiores a 100, com exceção da região Alto Tâmega (85,0). O valor mais elevado registou-se na região do Alentejo Litoral (335,3).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 66,0 anos (62,1 para os homens e 73,4 para as mulheres). As idades médias ao óbito mais elevadas foram observadas nas regiões do Alto Tâmega (com 72,5 anos) e da Beira Baixa e do Alentejo Central (com 71,4 anos em cada). Por outro lado, as idades médias mais baixas foram registadas na Região Autónoma dos Açores e no Baixo Alentejo (57,7 e 60,5 anos, respetivamente).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Causas externas de lesão e envenenamento, em 2015, foi de 47,0 óbitos por 100 000 habitantes (65,0 para os homens e de 30,7 para as mulheres). A taxa mais elevada foi atingida na região do Alto Alentejo (89,0) e a mais baixa na região do Tâmega e Sousa (34,1).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 32,2 óbitos por 100 000 habitantes (50,0 para os homens e 16,8 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas nas regiões do Baixo Alentejo (58,4) e do Alto Alentejo (48,7). Os valores mais baixos foram observados na região do Alto Tâmega (22,2) e na Área Metropolitana do Porto (25,3).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 114,8 por 100 000 habitantes (161,3 para os homens e 82,2 para as mulheres). Os valores mais elevados foram verificados na região do Alentejo Central para o total de residentes (168,9) enquanto para os homens se observou na região do Alentejo Litoral (267,4) e para as mulheres, na Região de Coimbra (126,0). Na região do Alto Tâmega observaram-se os valores mais baixos tanto para o total de residentes (80,9) como para os homens (75,0). Para as mulheres, o valor mais baixo foi verificado na região da Lezíria do Tejo (52,3).

Os valores das taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos, foram de 22,0 por 100 000 habitantes para o total da população residente (36,2 para os homens e 8,7 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas, em 2015, foram observadas na região do Alto Alentejo tanto para o total dos residentes (155,1), como para os homens (154,7). Na região do Alentejo Litoral foi registado o valor mais elevado para as mulheres (163,5). Os valores mais baixos foram registados da região do Alto Tâmega, quer para o total dos residentes (69,6), quer para os homens (49,5). Para as mulheres o valor mais baixo registou-se na região Tâmega e Sousa (74,5).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas causas foi de 51 391 (40 845 para os homens e 10 546 para as mulheres). O valor mais elevado registou-se na região da Área Metropolitana de Lisboa (11 891) e o mais reduzido na região do Alto Tâmega (232).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, em 2015, foi de 582,2 por 100 000 habitantes (949,8 para os homens e 233,0 para as mulheres). Na região do Baixo Alentejo registou-se o valor mais elevado (1360,7) e na região do Alto Tâmega o valor mais reduzido (336,3).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 577,7 por 100 000 habitantes (933,4 para os homens e 238,7 para as mulheres). O valor mais alto registou-se na região do Baixo Alentejo (1 381,7).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 21,8 (22,2 para os homens e 20,6 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi observado na Região Autónoma dos Açores (25,8) e o mais baixo na região do Alto Tâmega (16,6 anos).

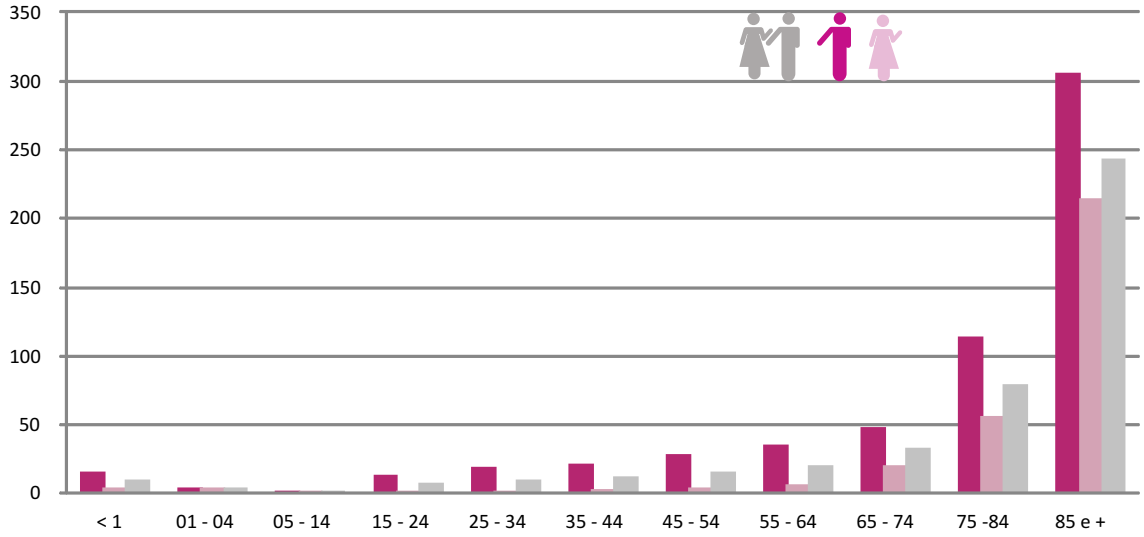
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Causas externas de lesão e envenenamento (CID 10: V01-Y89)			
Total de óbitos (N.º)	4.870	3.196	1.674
Idade média à morte (N.º de anos)	66,0	62,1	73,4
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	4,5	5,9	3,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	2.042	1.627	415
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	2.824	1.565	1.259
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	2.353	1.842	511
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	2.147	1.110	1.037
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	32,2	50,0	16,8
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	22,0	36,2	8,7
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	114,8	161,3	82,2
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	47,0	65,0	30,7
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	51.391	40.845	10.546
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	582,2	949,8	233,0
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	21,8	22,2	20,6
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	577,7	933,4	238,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

50. Acidentes e sequelas

CID-10: V01-X59,Y85-Y86

Taxas brutas de mortalidade por acidentes e sequelas, para o Total, por sexo e grupos etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 2 601 mortes (2 548 óbitos de residentes e 53 óbitos de não residentes) devido a Acidentes e sequelas (V01-X59,Y85-Y86). Por sexo, verificaram-se 1 673 óbitos de homens e 928 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte abrangente a todos os grupos etários, com maior expressão a partir dos 15 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 2,4% da mortalidade no país, correspondendo a 3,1% do total de óbitos de homens e 1,7% no caso das mulheres. Na Região de Coimbra 3,5% do total de óbitos resultou destas causas, em cada uma destas regiões, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. A menor incidência ocorreu na região da Lezíria do Tejo (1,7%).

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se registou na Área Metropolitana de Lisboa (20,3%) e que as menores percentagens destes óbitos se verificaram nas regiões do Alto Tâmega (1,1%) e ainda na Beira Baixa e no Alentejo Litoral (1,2%, em cada uma).

A relação de masculinidade dos óbitos, para o Total, foi de 180,3 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país este indicador assume valores superiores a 100 com exceção da região do Alto Tâmega (86,7). O valor mais elevado verificou-se na região da Lezíria de Tejo (410,0).

A idade média ao óbito no país (Total) foi de 67,3 anos (62,2 para os homens e 76,5 para as mulheres). As idades médias mais elevadas foram observadas na região da Beira Baixa (75,4 para o total da população residente e 71,5 para os homens) enquanto para as mulheres a mais alta foi registada na região do Douro (83,7 anos).

No país (Total) a taxa bruta de mortalidade devido a Acidentes e sequelas, em 2015, foi de 25,1 óbitos por 100 000 habitantes (34,0 para os homens e 17,0 para as mulheres). Os valores mais elevados foram atingidos na região do Alto Alentejo (43,2% para o total da população residente e 34,3 para as mulheres), enquanto para os homens se registou na região de Terras de Trás-os-Montes (60,0%). Os valores mais baixos foram observados na Área Metropolitana de Lisboa (18,7% para o total da população residente e 24,2% para os homens), sendo que para as mulheres se registou na Lezíria do Tejo (7,9%).

Para o total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades foi de 16,7 óbitos por 100 000 habitantes (26,1 para os homens e 8,5 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região do Baixo Alentejo tanto para o total de residentes (28,5) como para os homens (45,8) enquanto para as mulheres, o valor mais elevado se observou na região do Alto Alentejo (14,0).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi de 65,2 por 100 000 habitantes (87,3 para os homens e 49,6 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na Região de Leiria, tanto para o total de residentes (95,9) como para os homens (130,3), sendo que para as mulheres se observaram na Região de Coimbra (87,2). Os menores valores verificaram-se na região da Lezíria do Tejo (31,4 para o total residentes e para as mulheres, 12,5) enquanto para os homens se verificou na região do Alto Tâmega (56,2).

Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 10,7 por 100 000 habitantes (18,5 para os homens e 3,4 para as mulheres).

Para este conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas foram observadas na Região de Coimbra (150,6 para o total de residentes, 171,5 para os homens e 164,5 para as mulheres). Os valores mais baixos foram registados na Área Metropolitana de Lisboa, para o total da população residente (78,3). Para os homens a mais baixa observou-se no Alto Tâmega (72,1) e nas mulheres na região da Lezíria do Tejo (42,1).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas causas foi de 26 152 (21 747 para os homens e 4 405 para as mulheres). Os maiores valores foram registados nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (5 241) e do Porto (3 134 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país, no ano em análise, foi de 296,3 por 100 000 habitantes (505,7 para os homens e 97,3 para as mulheres). O valor mais elevado foi encontrado na região do Baixo Alentejo (745,0) e o mais reduzido na região do Cávado (164,8).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos por estas causas, em 2015, foi de 305,2 por 100 000 habitantes (510,2 para os homens e 108,6 para as mulheres). O valor mais baixo registou-se na região do Cávado (151,3) e o mais elevado na região do Baixo Alentejo (803,5).

Também para o Total, e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos por estas causas foi de 23,3 (23,6 para os homens e 22,2 para as mulheres). Este indicador apresentou o valor mais elevado deste indicador na região da Beira Baixa (32,5) e o valor mais baixo na região do Cávado (18,1 anos).

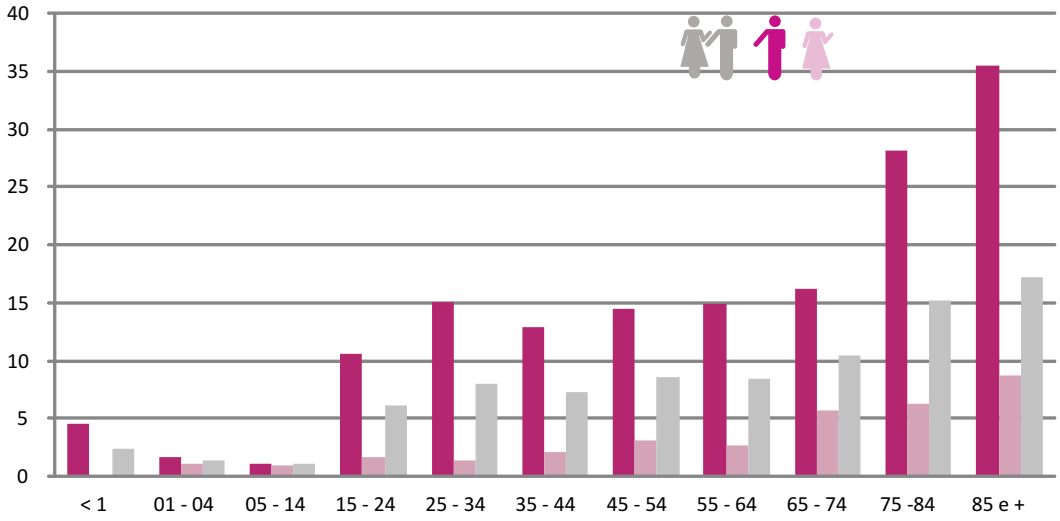
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Acidentes e sequelas (CID-10: V01-X59,Y85-Y86)			
Total de óbitos (N.º)	2.601	1.673	928
Idade média à morte (N.º de anos)	67,3	62,2	76,5
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	2,4	3,1	1,7
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	976	820	156
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	1.623	851	772
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	1.121	923	198
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	1.267	615	652
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	16,7	26,1	8,5
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	10,7	18,5	3,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	65,2	87,3	49,6
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	25,1	34,0	17,0
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	26.152	21.747	4.405
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	296,3	505,7	97,3
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	23,3	23,6	22,2
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	305,2	510,2	108,6

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

51. Acidentes de transporte e sequelas

CID-10: V01-V99,Y85

Taxas brutas de mortalidade por acidentes de transporte e sequelas (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo e grupo etários – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 818 mortes (796 óbitos de residentes e 22 óbitos de não residentes) devido a Acidentes de transporte e sequelas (V01-V99,Y85). Por sexo, verificaram-se 655 óbitos de homens e 163 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte que abrangeu todos os grupos etários, com maior expressão a partir dos 15 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 0,8% da mortalidade no país, correspondendo a 1,2% do total de óbitos de homens e 0,3% no caso das mulheres. Na região do Algarve 1,3% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país. A região do Douro apresentou o valor mais baixo, 0,4%.

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (17,7%) e do Porto (9,8%). Por outro lado, as menores percentagens de óbitos registaram-se na região do Alto Tâmega (1,0%), nas regiões do Douro e da Beira Baixa, cada uma com 1,1%.

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 401,8 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país este indicador assumiu um valor superior a 100, e os valores mais elevados registaram-se na Região Autónoma dos Açores (2 100,0) e na região de Terras de Trás-os-Montes (1 000,0). Por outro lado, a relação mais baixa verificou-se na região de Tâmega e Sousa (166,7).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 53,5 anos (52,2 para os homens de 58,9 para as mulheres). As idades médias mais elevadas foram observadas nas regiões da Beira Baixa (68,4 anos) e do Ave (59,6). Os valores mais baixos deste indicador foram registados na Região Autónoma da Madeira (38,6) e no Alentejo Central (45,7).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Acidentes de transporte e sequelas, em 2015, foi de 7,9 óbitos por 100 000 habitantes (13,3 para os homens e 3,0 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram atingidas na região do Baixo Alentejo, quer para o total da população residente (19,8), quer para os homens (30,6) quer para as mulheres (9,6). As taxas brutas de mortalidade mais baixas situaram-se na região do Tâmega e Sousa, para o total da população residente (3,8), para os homens (4,9).

A taxa de mortalidade padronizada por esta causa, em 2015, foi de 6,8 óbitos por 100 000 habitantes (11,7 para os homens e 2,3 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região do Baixo Alentejo, para o total da população residente (19,1), assim como para os homens (29,8) e para as mulheres (8,1).

A taxa de mortalidade padronizada por esta causa para as idades de 65 anos e mais anos foi de 12,3 por 100 000 habitantes (21,2 para os homens e 6,2 para as mulheres). A maior taxa de mortalidade padronizada para as idades de 65 e mais anos foi registada na região do Oeste (26,2 por 100 000 habitantes) e por outro lado, a menor foi observada na região do Tâmega e Sousa (4,3 por 100 000 habitantes).

Este indicador apresentou valores mais reduzidos para as idades inferiores a 65 anos, de 6,1 (10,5 para os homens e 1,8 para as mulheres).

Para este conjunto de causas as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas, em 2015, foram observadas na região do Baixo Alentejo (246,2) para o total de residentes bem como para os homens (225,5) e para as mulheres (304,0). Os valores mais baixos verificaram-se na região Tâmega e Sousa (51,6 para o total dos residentes e 39,2 para os homens).

Para o Total, número de anos potenciais de vida perdidos por esta causa, no ano em estudo, foi de 15 612 anos (13 173 para os homens e 2 439 para as mulheres). O valor mais alto deste indicador foi observado na Área Metropolitana de Lisboa (2 585) e o mais reduzido na região da Beira Baixa (90 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, em 2015, para o Total, foi de 176,9 (306,3 para os homens e 53,9 para as mulheres). Regionalmente, a taxa mais elevada foi registada na região do Baixo Alentejo (584,7) e a menor taxa na região do Tâmega e Sousa (89,0).

A taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos por esta causa de morte, no ano em análise, foi de 182,5 por 100 000 habitantes (311,9 para os homens e 57,2 para as mulheres). A taxa mais elevada foi registada na região do Baixo Alentejo (668,2) e a taxa mais reduzida na região do Tâmega e Sousa (84,6).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos foi de 26,5 anos (27,0 para os homens e 23,9 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi observado na região da Beira Baixa (45,0) e o mais reduzido na região de Viseu Dão Lafões (19,2 anos).

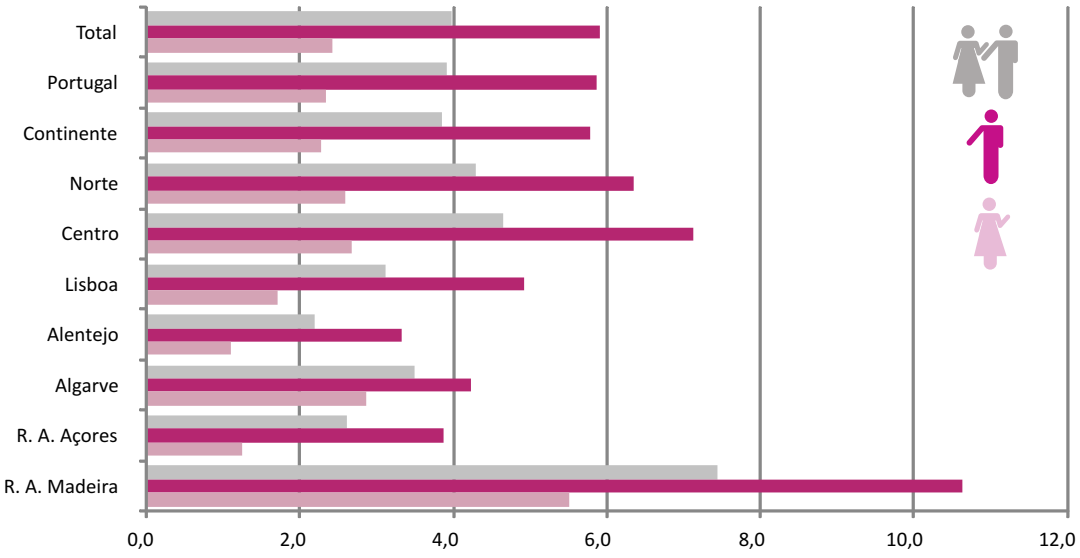
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Acidentes de transporte e sequelas (CID-10: V01-V99,Y85)			
Total de óbitos (N.º)	818	655	163
Idade média à morte (N.º de anos)	53,5	52,2	58,9
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,8	1,2	0,3
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	541	457	84
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	276	197	79
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	590	488	102
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	163	118	45
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	6,8	11,7	2,3
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	6,1	10,5	1,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	12,3	21,2	6,2
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	7,9	13,3	3,0
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	15.612	13.173	2.439
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	176,9	306,3	53,9
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	26,5	27,0	23,9
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	182,5	311,9	57,2

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

52. Quedas acidentais
e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda

CID-10: W00-W20

Taxas de mortalidade padronizadas por quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 754 mortes (745 óbitos de residentes e 9 óbitos de não residentes) devido a Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (W00-W20). Por sexo observaram-se 445 óbitos de homens e 309 de mulheres. Este grupo de causas de morte abrangeu os óbitos a partir de um ano de idade, com maior expressão a partir dos 25 anos de idade.

As mortes motivadas por esta causa representaram 0,7% da mortalidade no país, correspondendo a 0,8% do total de óbitos de homens e 0,6% no caso das mulheres. Na Região de Coimbra a mortalidade por esta causa constituiu 1,3% do total de mortes, em cada uma destas regiões, valor mais elevado verificado no país. O valor mais baixo foi observado na região da Lezíria do Tejo (0,1%).

O maior número de óbitos por estas causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (20,7%) e do Porto (14,6%). Por outro lado, nas regiões da Lezíria do Tejo (0,5%) e da Beira Baixa (0,7%) registaram-se as menores percentagens de óbitos por esta causa.

A relação de masculinidade neste tipo de óbitos, para o Total, foi de 144,0 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Em todas as regiões do país o valor deste indicador foi igual ou superior ao valor 100, com exceção das regiões da Beira Baixa (66,7), do Baixo Alentejo (80,0) e do Cávado (92,3) com valores que correspondem aos mais baixos do país. O valor mais elevado situou-se na região das Beiras e Serra da Estrela (600,0).

A idade média ao óbito em 2015 foi de 75,8 anos (72,1 para os homens e 81,0 para as mulheres). A idade média mais elevada foi observada na região da Beira Baixa (86,4) e ainda do Alentejo Central (83,3). As mais baixas foram registadas na região de Terras de Trás-os-Montes (65,4) e na região da Lezíria do Tejo (66,6 anos).

No país (Total) a taxa bruta de mortalidade devido a acidentes fatais, em 2015, foi de 7,3 óbitos por 100 000 habitantes (9,1 para os homens e 5,7 para as mulheres). As taxas mais elevadas deste indicador foram atingidas na Região de Coimbra (15,3 para o total da população residente e 14,5 para as mulheres. Para os homens a mais elevada observou-se na região de Viseu Dão Lafões (19,6). Os valores mais baixos registaram-se na região da Lezíria do Tejo, para o total da população residente (1,6), bem como para os homens (2,6) e para as mulheres (0,8).

A taxa de mortalidade padronizada por esta causa para todas as idades, para o país (Total) foi de 4,0 óbitos por 100 000 habitantes (5,9 para os homens e 2,4 para as mulheres). As taxas mais elevadas foram registadas na Região Autónoma da Madeira, 7,4 para o total de residentes e 10,6 para os homens. Para as mulheres, a taxa mais elevada foi observada na região do Alto Tâmega (6,2).

A taxa de mortalidade padronizada por esta causa para as idades de 65 e mais anos foi superior à referente às idades de menos de 65 anos. Assim, ao nível do país, a taxa relativa às idades de menos de 65 anos foi de 1,5 (2,6 para os homens e 0,4 para as mulheres), enquanto para as idades de 65 e mais anos foi de 24,2 (32,5 para os homens e 18,5 para as mulheres).

As maiores taxas de mortalidade padronizadas por esta causa para as idades de 65 e mais anos foram observadas na Região de Coimbra tanto para o total de residentes (45,4) como para as mulheres (41,9), enquanto para os homens a mais elevada se registou na região de Viseu Dão Lafões (67,9).

Para este conjunto de causas, a razão de mortalidade padronizadas mais elevada foi registada na Região de Coimbra, 181,5 para o total da população residente e 216,7 para as mulheres enquanto na região de Dão Lafões se registou o valor mais elevado para os homens (188,5). Por outro lado, para o total da população residente, a razão mais reduzida foi observada na região da Lezíria do Tejo (20,5).

Para o Total, no ano em análise, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 3 117 (2 620 para os homens e 497 para as mulheres). Os maiores valores ocorreram nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (658) e do Porto (510 anos).

Para o Total, a taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 35,3 por 100 000 habitantes (60,9 para os homens e 11,0 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi observado na região do Alto Tâmega (93,1).

Para o Total, em 2015, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foram de 33,1 por 100 000 habitantes (56,5 para os homens e 11,3 para as mulheres). O valor mais alto deste indicador registou-se na Região Autónoma da Madeira (87,8).

Também para o Total e no mesmo ano, o número médio de anos potenciais de vida perdidos por esta causa foi de 16,8 anos (17,2 para os homens e 15,1 para as mulheres). Este indicador apresentou o valor mais elevado na região do Douro (37,5) e o mais baixo na região do Oeste com 7,5 anos.

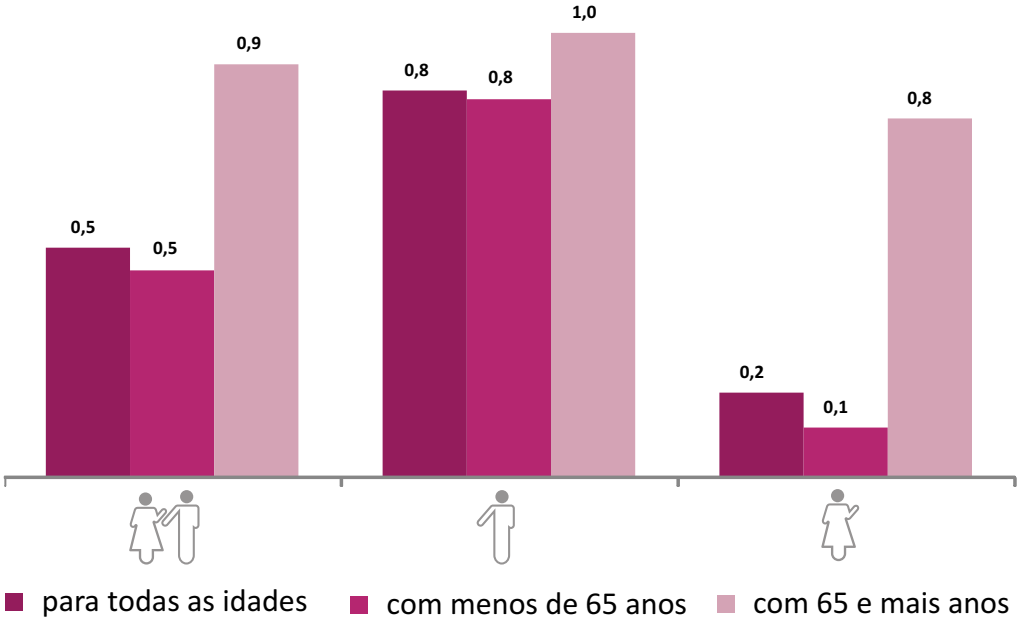
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (CID-10: W00-W20)			
Total de óbitos (N.º)	754	445	309
Idade média à morte (N.º de anos)	75,8	72,1	81,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,7	0,8	0,6
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	143	122	21
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	611	323	288
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	185	152	33
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	492	248	244
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	4,0	5,9	2,4
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	1,5	2,6	0,4
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	24,2	32,5	18,5
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	7,3	9,1	5,7
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	3.117	2.620	497
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	35,3	60,9	11,0
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	16,8	17,2	15,1
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	33,1	56,5	11,3

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

53. Envenenamento acidental

CID-10: X40-X49

Taxas de mortalidade padronizadas por envenenamento acidental (por 100 000 habitantes), para o Total, por sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 66 mortes (64 óbitos de residentes e 2 óbitos de não residentes) devido a Envenenamento acidental (X40-X49). Por sexo observaram-se 47 óbitos de homens e 19 de mulheres. Este grupo de causas de morte, no ano em análise abrangeu as idades a partir dos 25 anos de idade.

As mortes provocadas por este conjunto de causas representaram 0,1% da mortalidade no país, correspondendo a 0,1% do total de óbitos de homens e a 0,03% de óbitos de mulheres.

Verificou-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se observa nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (34,8%) e do Porto (18,2%).

A relação de masculinidade neste tipo de óbitos, em 2015, para o Total, foi de 247,4 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Os valores mais elevados registaram-se nas Áreas Metropolitanas do Porto (300,0) e de Lisboa (228,6)

A idade média ao óbito no país (Total) foi de 57,1 anos. Nos homens a idade média ao óbito foi de 51,3 anos e nas mulheres de 71,3. As idades médias mais elevadas observaram-se nas regiões do Alentejo Central (85,8) e das Beiras e Serra da Estrela (75,0) e a mais baixa ocorreu na região do Douro (32,5).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Envenenamento acidental, em 2015, foi de 0,6 óbitos por 100 000 habitantes (1,0 para os homens e 0,3 para as mulheres). A taxa bruta mais elevada foi atingida na região do Alentejo Central (1,3).

Para o Total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada por estas causas para todas as idades foi de 0,5 óbitos por 100 000 habitantes (0,8 para os homens e 0,2 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região do Alentejo Litoral para o total dos residentes (1,1) e para os homens (2,2). Para as mulheres o valor mais elevado verificou-se na região do Alentejo Central (0,6).

A taxa de mortalidade padronizada por esta causa para as idades de 65 e mais anos foi de 0,9 por 100 000 habitantes (1,0 para os homens e 0,8 para as mulheres). A taxa relativa às idades de menos de 65 anos foi de 0,5 (0,8 para os homens e 0,1 para as mulheres).

As maiores taxas de mortalidade padronizadas por esta causa para as idades de 65 e mais anos foram registadas na região da Beira Baixa (6,4), para o total de residentes e para os homens (14,2). Para as mulheres o valor mais elevado verificou-se na região do Alentejo Central (6,3).

Em 2015, para o Total, a mais elevada taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi registada na região do Alentejo Litoral com 1,2 por 100 000 habitantes para o total da população residente bem como para os homens com 2,5. Para as mulheres, o valor mais alto deste indicador for registado na região do Ave e Tâmega e Sousa, 0,5 em cada.

Para este conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizada mais elevadas observaram-se nas regiões do Alentejo Central (190,1) e da Beira Baixa (170,1). Nas mesmas regiões foram verificadas as mais elevadas taxas, quer para as mulheres (na região do Alentejo Central, com 584,8) quer para os homens (na região da Beira Baixa, com 261,7).

Para o país (total), em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos foi de 1 048 anos (903 para os homens e 145 para as mulheres), tendo sido na região da Área Metropolitana de Lisboa que se observou o maior valor (405 anos), seguindo-se a Área Metropolitana do Porto (170 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, foi de 11,9 por 100 000 habitantes (21,0 para os homens e 3,2 para as mulheres). O valor mais elevado correspondeu à região do Alentejo Litoral (29,0).

Para o Total, as taxas padronizadas dos anos potenciais de vida perdidos foram, em 2015, de 10,4 por 100 000 habitantes (18,8 para os homens e 2,7 para as mulheres). O valor mais alto foi registado na região do Alentejo Litoral, com uma taxa de 28,6.

Em 2015, no país (Total), o número médio de anos potenciais de vida perdidos por esta causa de morte foi de 21,4 anos (21,0 para os homens e 24,2 para as mulheres). O valor mais elevado foi observado na região do Douro bem como na região da Lezíria do Tejo, com 37,5 anos, em cada uma.

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015

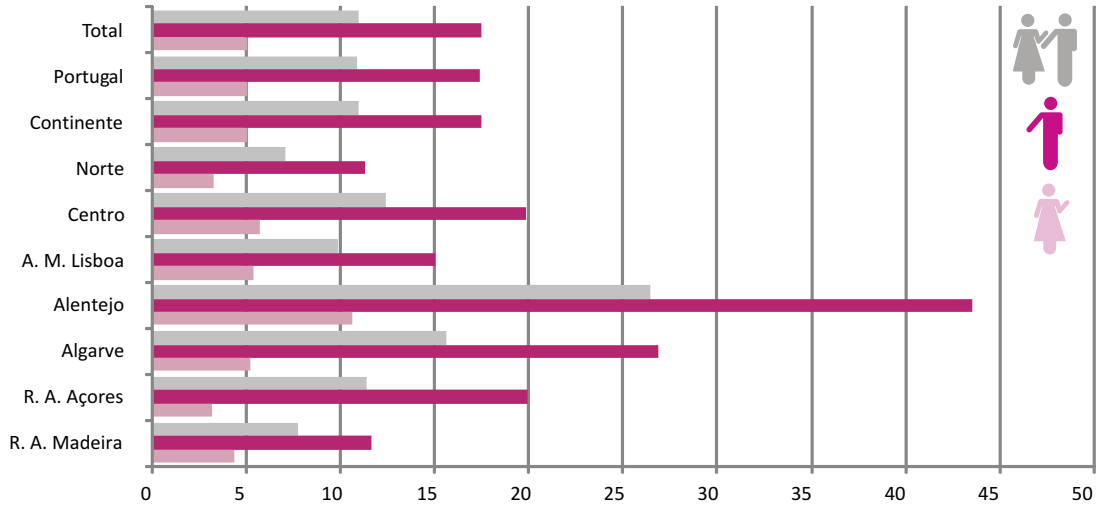
Causa de morte: Envenenamento acidental (CID-10: X40-X49)			
Total de óbitos (N.º)	66	47	19
Idade média à morte (N.º de anos)	57,1	51,3	71,3
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,06	0,09	0,03
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	45	39	6
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	21	8	13
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	49	43	6
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	14	2	12
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	0,5	0,8	0,2
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,5	0,8	0,1
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	0,9	1,0	0,8
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	0,6	1,0	0,3
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	1.048	903	145
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	11,9	21,0	3,2
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	21,4	21,0	24,2
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	10,4	18,8	2,7

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

54. Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas

CID-10: X60-X84,Y87.0

Taxas brutas de mortalidade por lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, registaram-se no país (Total) 1 132 mortes (1 127 óbitos de residentes e 5 óbitos de não residentes) devido a Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (X60-X84,Y87.0). Por sexo estas mortes atingiram principalmente os homens, à qual correspondeu a 76,0% do total de mortes (860 homens e 272 mulheres). Este grupo de causas de morte, no ano em análise abrangeu as idades superiores aos 5 anos, com maior expressão a partir dos 15 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 1,0% da mortalidade no país, correspondendo a 1,6 % do total de homens e a 0,5% nas mulheres. Na região do Alentejo Litoral a mortalidade por esta causa alcançou 2,3% do total de mortes nessa região, (3,4% no Alentejo Litoral e no Alentejo Central, para os homens; 1,0% no Alentejo Central, para as mulheres) sendo os valores mais elevados verificados no país.

O maior número de óbitos por este conjunto de causas observa-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (24,6%) e do Porto (9,9%).

A relação de masculinidade dos óbitos, em 2015, para o Total, foi de 316,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Este indicador foi sempre superior a 100 em todas as regiões do país, exceto no Alto Tâmega onde não foram registados óbitos por esta causa. O valor mais elevado deste indicador registou-se na região do Tâmega e Sousa (1000,0) e a relação mais baixa verificou-se na região do Alto Minho e ainda na Região de Coimbra (cada uma com 200,0).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 60,7 anos (60,3 para os homens e 61,9 para as mulheres). A idade média mais elevada observou-se na região do Alentejo Litoral (73,8) e as mais baixas nas regiões do Tâmega e Sousa (49,2) e do Ave (51,3 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas, em 2015, foi de 10,9 óbitos por 100 000 habitantes (17,5 para os homens e 5,0 para as mulheres). A taxa bruta mais elevada foi atingida na região do Alentejo Litoral (32,5).

Para o Total, em 2015, a taxa de mortalidade padronizada por estas causas para todas as idades foi de 8,2 óbitos por 100 000 habitantes (13,7 para os homens e 3,6 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região do Baixo Alentejo tanto para o total dos residentes (18,0), como para as mulheres (9,3). Para os homens os valores mais elevados verificaram-se na região do Alentejo Litoral (31,3).

A taxa de mortalidade padronizada para as idades inferiores a 65 anos foi de 6,5 por 100 000 habitantes (10,6 para os homens e 2,8 para as mulheres).

No país as taxas padronizadas para as idades de 65 e mais anos foram 21,9 por 100 000 habitantes (39,1para os homens e 10,0 para as mulheres). As taxas mais elevadas registaram-se na região do Alentejo Litoral, tanto para o total de residentes (77,0) como para os homens (150,0). Para as mulheres a mais elevada verificou-se no Alentejo Central (31,9).

Para este conjunto de causas, os valores da razão de mortalidade padronizada mais elevados observaram-se na região do Alentejo Litoral, tanto para o total de residentes (270,9), como para os homens (280,4). Para as mulheres o valor mais elevado foi observado na região do Alentejo Central (240,3).

Para o Total, o número de anos potenciais de vida perdidos por estas causas foi de 14 760 (11 453 para os homens e 3 308 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi observado na Área Metropolitana de Lisboa (3 763 anos).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos ao nível do país foi de 167,2 por 100 000 habitantes (266,3 para os homens e 73,1 para as mulheres). A taxa mais elevada foi obtida na região do Baixo Alentejo (353,6).

Para o Total, a taxa padronizada dos anos potenciais de vida perdidos foi de 156,1 anos por 100 000 habitantes (250,5 para os homens e 67,0 para as mulheres). A taxa mais alta observou-se na região do Baixo Alentejo (341,0).

Em 2015, para o Total, o número médio de anos potenciais de vida perdidos por estas causas de morte foi de 20,3 anos (20,3 para os homens e 20,0 para as mulheres) O valor mais elevado deste indicador foi observado na região do Tâmega e Sousa (26,9) e o mais baixo (13,6 anos) na região de Beiras e Serra da Estrela.

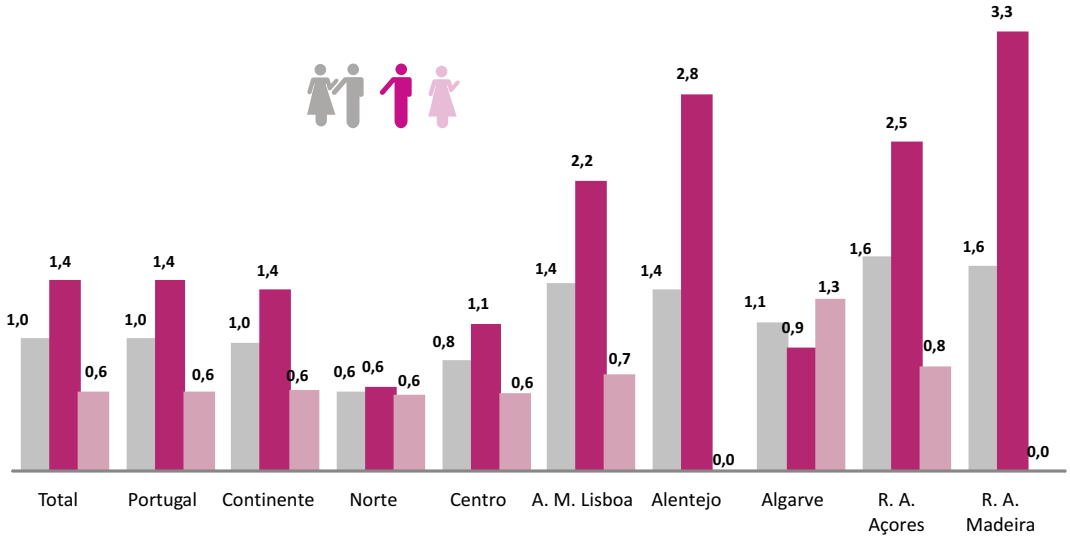
Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015			
Causa de morte: Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (CID-10: X60-X84,Y87.0)			
Total de óbitos (N.º)	1.132	860	272
Idade média à morte (N.º de anos)	60,7	60,3	61,9
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	1,0	1,6	0,5
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	627	488	139
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	503	370	133
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	728	563	165
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	321	237	84
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	8,2	13,7	3,6
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	6,5	10,6	2,8
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	21,9	39,1	10,0
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	10,9	17,5	5,0
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	14.760	11.453	3.308
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	167,2	266,3	73,1
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	20,3	20,3	20,0
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	156,1	250,5	67,0

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

55. Agressões e sequelas

CID-10: X85-Y09, Y87.1

Taxas brutas de mortalidade por agressões e sequelas (por 100 000 habitantes), por NUTS II e sexo – 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2015, verificaram-se no país (Total) 104 mortes (todos os óbitos foram de residentes em Portugal) devido a Agressões e sequelas (X85-Y09, Y87.1). Por sexo registaram-se 71 óbitos de homens e 33 de mulheres. Trata-se de um grupo de causas de morte que no ano em análise abrangeu todas as idades, principalmente a partir dos 25 anos de idade.

As mortes provocadas por estas causas representaram 0,1% da mortalidade no país, correspondendo a igual proporção tanto para os homens como para as mulheres. Na região do Alentejo Litoral, 0,4% do total de mortes resultou destas causas, correspondendo ao valor mais elevado verificado no país.

Verifica-se que o maior número de óbitos por este conjunto de causas se observou na Área Metropolitana de Lisboa (38,5%).

A relação de masculinidade neste tipo de óbitos, para o Total, foi de 215,2 óbitos masculinos por cada 100 femininos. O valor mais elevado deste indicador registou-se na Região Autónoma dos Açores (300,0).

A idade média ao óbito em 2015 no país (Total) foi de 49,6 anos (47,5 para os homens e 54,0 para as mulheres). A idade média mais elevada foi observada na região do Baixo Alentejo (89,0 anos) e as mais baixas na região do Médio Tejo (32,5) e na Região Autónoma dos Açores (32,6 anos).

No país (Total), a taxa bruta de mortalidade devido a Agressões e sequelas, em 2015, foi de 1,0 óbitos por 100 000 habitantes (1,4 para homens e 0,6 para as mulheres).

Para o Total, a taxa de mortalidade padronizada para todas as idades, em 2015, foi de 0,9 por 100 000 habitantes para o total de habitantes (1,4 para homens e 0,6 para as mulheres). Os valores mais elevados foram registados na região do Alentejo Litoral (4,2 para o total dos residentes e 8,5 para os homens). Para as mulheres, o valor mais elevado foi observado na região do Douro (4,7).

A taxa de mortalidade padronizada por esta causa para as idades de menos de 65 anos foi de 0,9, enquanto a taxa referente às idades de 65 e mais anos foi de 1,4.

As maiores taxas de mortalidade padronizadas por esta causa para as idades de 65 e mais anos foram registadas na região do Alentejo Litoral (11,5 para o total de residentes e 24,6 para os homens). Para as mulheres, o valor mais elevado deste indicador foi observado simultaneamente nas regiões do Douro e do Algarve (cada uma com 5,3).

Em 2015, para o Total, as mais elevadas taxas de mortalidade padronizadas para as idades inferiores a 65 anos foram registadas na região do Alentejo Litoral (3,3 por 100 000 habitantes para o total da população e 6,5 para os homens). Para as mulheres, o valor mais alto deste indicador situou-se na região do Douro (4,6).

Para o conjunto de causas, as razões de mortalidade padronizadas mais elevadas verificaram-se nas regiões do Alentejo Litoral (512,8) e do Douro (300,2).

Para o Total, em 2015, o número de anos potenciais de vida perdidos por esta causa foi de 2 241 (1 677 para os homens e 565 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador foi atingido na Área Metropolitana de Lisboa (1 057).

A taxa de anos potenciais de vida perdidos, para o Total, foi de 25,4 por 100 000 habitantes (39,0 para os homens e 12,5 para as mulheres). O valor mais elevado deste indicador verificou-se na região Alentejo Litoral (80,7).

As taxas padronizadas dos anos potenciais de vida perdidos por esta causa, foi de 27,2 por 100 000 habitantes (41,8 para os homens e 12,8 para as mulheres). O valor mais alto deste indicador registou-se na Região Autónoma dos Açores (79,5).

Em 2015, no país, o número médio de anos potenciais de vida perdidos por esta causa morte foi de 26,1 anos (27,9 para os homens e 21,7 para as mulheres). Os valores mais elevados deste indicador foram registados na região da Lezíria do Tejo (39,2) e na Região de Aveiro (38,8) e o mais baixo número médio de anos na região do Tâmega e Sousa e na Região de Coimbra (cada uma com 2,5 anos).

Dados e indicadores de mortalidade, Total, 2015 Causa de morte: Agressões e sequelas (CID-10: X85-Y09, Y87.1)			
Total de óbitos (N.º)	104	71	33
Idade média à morte (N.º de anos)	49,6	47,5	54,0
Proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa para o Total)	0,1	0,1	0,1
Óbitos (N.º) com menos de 65 anos	77	56	21
Óbitos (N.º) com 65 e mais anos	27	15	12
Óbitos (N.º) com menos de 70 anos	86	60	26
Óbitos (N.º) com 75 e mais anos	8	5	3
Taxas de mortalidade padronizadas para todas as idades (por 100 000 habitantes)	0,9	1,4	0,5
Taxas de mortalidade padronizadas com menos de 65 anos (por 100 000 habitantes)	0,9	1,3	0,5
Taxas de mortalidade padronizadas com 65 e mais anos (por 100 000 habitantes)	1,4	1,8	1,1
Taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes)	1,0	1,4	0,6
Anos potenciais de vida perdidos (N.º)	2.241	1.677	565
Taxa de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	25,4	39,0	12,5
Número médio de anos potenciais de vida perdidos (N.º)	26,1	27,9	21,7
Taxas padronizadas de anos potenciais de vida perdidos (por 100 000 habitantes)	27,2	41,8	12,8

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Métodos de cálculo dos indicadores de saúde

Enquadramento

A informação sobre os óbitos encontra-se sediada no INE, em bases anuais de microdados, em que cada registo de óbito ocorrido em Portugal dispõe de um vasto conjunto de informação, ao nível do sexo, idade, nacionalidade, data de nascimento, data de óbito, local de residência, causas de morte, etc.

Os dados que serviram para o cálculo dos indicadores resultam de contagens de óbitos por sexo, grupos etários e local de residência, com desagregação para o Total do país, bem como para os níveis das NUTS I, II e III da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS – 2013).

Assinala-se que na contagem dos óbitos para Portugal apenas se consideraram os óbitos de residentes no país, enquanto na contagem do Total se tiveram em conta os óbitos de residentes e de não residentes. No caso das taxas relativas ao Total utilizou-se a «população média residente», dado que a «população presente» só está disponível em anos de recenseamento da população.

Os resultados apresentados podem permitir determinar caraterísticas por vezes invariáveis no tempo e definir tendências. No entanto, a interpretação dos resultados deve ser cuidadosa, na medida em que algumas causas de morte têm um reduzido número de óbitos. Para ultrapassar esta questão, nas causas de morte com poucas ocorrências a análise analítica não é efetuada para os indicadores associados a taxas de mortalidade. Assim, algumas causas de morte apresentaram, em 2015, um reduzido número de óbitos, quer para o total, quer quando desagregados por NUTS I, II e III, sexo e escalões etários. Neste caso, a análise dos indicadores foi abreviada tendo em conta apenas alguns indicadores. As taxas de mortalidade calculadas com base num número de óbitos inferiores a 25 casos devem ser alvo de uma análise e interpretação mais cuidadosa. Esta indicação segue as recomendações e estudos nesta matéria, na medida que indicam que as taxas de mortalidade baseadas em menos 25 casos são consideradas pouco fiáveis por não cumprirem a exigência de um grau mínimo de precisão.A exigência de precisão mede-se através do erro padrão relativo e corresponde ao quociente do desvio padrão pela taxa de mortalidade, ou seja, ao inverso da raiz quadrada do número de óbitos ocorridos para a causa específica o que significa que o erro padrão relativo aumenta particularmente para valores reduzidos do número de óbitos.

Para o cálculo de algumas estatísticas derivadas foi utilizada a população média anual residente de 2015 (fonte de informação: INE, Estimativas Anuais da População Residente), sendo que a população com menos de um ano foi substituída pelo número de nados vidos, de modo a que os indicadores possam refletir a mortalidade infantil. Nas taxas padronizadas também foi utilizada a população padrão europeia (IARC – International Agency for Research on Cancer, Lyon, 1976) definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A codificação das causas de morte de 2015 tem por base a Classificação Internacional de Doenças, 10.ª revisão (CID-10), em vigor.

População padrão europeia

Grupos etários	População padrão
<1	1 600
1-4	6 400
5-14	14 000
15-24	14 000
25-34	14 000
35-44	14 000
45-54	14 000
55-64	11 000
65-74	7 000
>=75 anos	4 000
Total	100 000

Conceitos, designações e fórmulas de cálculo

proporção de óbitos (% em relação ao total de óbitos pela causa no país) (PO_total): quociente entre o número de óbitos pela causa de morte específica e o total de óbitos pelo total de causas de morte, por 100.

fórmula de cálculo: PO_total = (Óbitos pela causas de morte específica ÷ Número total de óbitos por todas as causas de morte) × 100

proporção de óbitos pela causa de morte (% em relação ao total de óbitos na localização geográfica) (PO_CM): quociente entre o número de óbitos pela causa de morte específica e o total de óbitos da causa respetiva, por 100.

fórmula de cálculo: PO_CM = (Óbitos pela causas de morte específica ÷ Número total da causa de morte específica) × 100

relação de masculinidade ao óbito (RM): quociente entre os óbitos do sexo masculino e os do sexo feminino, por 100 mulheres.

fórmula de cálculo: RM = (Óbitos masculinos ÷ Óbitos femininos) × 100

idade média ao óbito (IM): quociente entre a soma do produto do cada ponto médio do escalão etário pelo número de observações, em cada escalão etário, e o número total de observações.

fórmula de cálculo: IM = (Soma do produto entre o ponto médio de cada escalão etário e o número de observações em cada escalão etário) ÷ Número total de observações

taxa bruta de mortalidade (TBM): número de óbitos observado durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, por uma determinada causa de morte, referido à população média desse período (expressa em número de óbitos por 100 000 habitantes).

fórmula de cálculo: TBM = (Óbitos por uma determinada causa de morte ÷ População média anual residente com 1 mais anos de idade e nados-vivos) × 100 000

taxa de mortalidade padronizada (todas as idades) (TMP): resulta da aplicação das taxas brutas de mortalidade por idades, a uma população padrão cuja composição etária é fixa e se distribui pelos mesmos grupos etários das taxas brutas de mortalidade (expressa em número de óbitos por 100 000 habitantes). Cálculo com base na população padrão europeia (IARC, Lyon, 1976) definida pela OMS.

fórmula de cálculo: TMP = (Total de óbitos esperados ÷ População padrão) × 100 000

taxa de mortalidade padronizada (menos de 65 anos) (TMP < 65 anos): taxa que resulta da aplicação das taxas brutas de mortalidade com idades inferiores a 65 anos, a uma população padrão (com idades inferiores a 65 anos) cuja composição etária é fixa e se distribui pelos mesmos grupos etários das taxas brutas de mortalidade (expressa em número de óbitos por 100 000 habitantes). Cálculo com base na população padrão europeia (IARC, Lyon, 1976) definida pela OMS.

fórmula de cálculo: TMP (< 65 anos) = Total de óbitos esperados (idade < 65 anos) ÷ População padrão (idade < 65 anos) × 100 000

taxa de mortalidade padronizada (65 e mais anos) (TMP 65 e + anos): taxa que resulta da aplicação das taxas brutas de mortalidade com idades superiores a 65 anos, a uma população padrão (com idades superiores a 65 anos) cuja composição etária é fixa e se distribui pelos mesmos grupos etários das taxas brutas de mortalidade (expressa em número de óbitos por 100 000 habitantes). Cálculo com base na população padrão europeia (IARC, Lyon, 1976) definida pela OMS.

fórmula de cálculo: TMP (65 e + anos) = Total de óbitos esperados (idade 65 e mais anos) ÷ População padrão (idade 65 e mais anos) × 100 000

óbitos esperados (OE): número de óbitos que ocorreria na população padrão se estivesse sujeita à mortalidade específica por idades (que correspondem às taxas brutas de mortalidade).

fórmula de cálculo: OE = Óbitos ÷ População média × População padrão europeia

óbitos observados (OO): número de óbitos que se registaram na população.

razão padronizada de mortalidade (RMP): quociente entre os óbitos observados e os óbitos esperados, por 100. Os óbitos esperados resultam da aplicação das taxas brutas da população de Portugal (estas taxas servem de padrão ou de referência) à população média de cada região. O número total de óbitos esperados para cada região é obtido pelo somatório dos óbitos esperados em cada grupo etário.

fórmula de cálculo: RMP = Óbitos observados ÷ Óbitos esperados × 100

anos potenciais de vida perdidos (APVP): número de anos que teoricamente uma determinada população deixa de viver, se morrer prematuramente (antes dos 70 anos). Resulta da soma dos produtos do número de óbitos ocorridos em cada grupo etário pela diferença entre o limite superior considerado e o ponto médio do intervalo de classe correspondente a cada grupo etário.

fórmula de cálculo: APVP = Σi (Oi × Ai), em que Oi é o número de óbitos no grupo etário i e Ai é o número de anos de vida entre a idade média do grupo etário em que ocorreu o óbito e os 70 anos.

taxa de anos potenciais de vida perdidos (TAPVP): número de anos potenciais de vida perdidos em cada 100 000 habitantes. Obtém-se através do quociente entre os anos potenciais de vida perdidos e a População média (com menos de 70 anos), num determinado período de tempo, normalmente o ano civil.

fórmula de cálculo: Tx APVP = APVP / População média anual residente com idade entre 1 e 69 anos e nados-vivos) × 100 000

número médio de anos potenciais de vida perdidos : quociente entre o número de anos potenciais de vida perdidos e o número de óbitos com menos de 70 anos.

fórmula de cálculo: Tx APVP = APVP / Número de óbitos com menos de 70 anos

taxa padronizada de anos potenciais de vida perdidos (Tx PAPVP): quociente do resultado da soma dos produtos entre as taxas de anos potenciais de vida perdidos e a população padrão) pelo total da população padrão europeia até 70 anos, por 100 000 habitantes.

fórmula de cálculo: Tx APVP = Σi (Tx APVP × População padrão) / Total da população padrão europeia com menos de 70 anos × 100 000

qui-quadrado e p-value (X2): quociente entre o quadrado da diferença entre os óbitos observados e os óbitos esperados. P-value é o nível de significância da distribuição do qui-quadrado que permite verificar o ajustamento entre os óbitos observados e os óbitos esperados.

fórmula de cálculo: X2 = (Óbitos observados - Óbitos esperados) 2 ÷ Óbitos esperados

Anexo 1 – Lista de causas de morte

N.º	Causas de morte	CID-10
1	Total de causas	A00-Y89
2	Algumas doenças infeciosas e parasitárias	A00-B99
3	Tuberculose	A15-A19, B90
4	VIH/SIDA (Infeção por vírus da imunodeficiência humana)	B20-B24
5	Tumores	C00-D48
6	Tumores malignos	C00-C97
7	Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão	C33-C34
8	Tumor maligno do cólon, reto e ânus	C18-C21
9	Tumor maligno da mama	C50
10	Tumor maligno do estômago	C16
11	Tumor maligno do pâncreas	C25
12	Tumor maligno da próstata	C61
13	Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas	C22
14	Tumor maligno do colo do útero	C53
15	Tumor maligno do ovário	C56
16	Doença de Hodgkin	C81
17	Leucemia	C91-C95
18	Tumor maligno da bexiga	C67
19	Melanoma maligno da pele	C43
20	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	D50-D89
21	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	E00-E90
22	Diabetes mellitus	E10-E14
23	Perturbações mentais e do comportamento	F00-F99
24	Demência	F00-F03
25	Abuso de álcool	F10
26	Dependência de drogas, toxicomania	F11-F16,F18-F19
27	Doenças do sistema nervoso e dos órgãos dos sentidos	G00-H95
28	Doença de Parkinson	G20-G21
29	Doença de Alzheimer	G30
30	Doenças do aparelho circulatório	I00-I99
31	Doença isquémica do coração	I20-I25
32	Enfarte agudo do miocárdio	I21-I22
33	Doenças cerebrovasculares	I60-I69
34	Doenças do aparelho respiratório	J00-J99
35	Influenza [Gripe]	J10-J11
36	Pneumonia	J12-J18
37	Doença pulmonar obstrutiva crónica	J40-J44

N.º	Causas de morte	CID-10
38	Asma	J45-J46
39	Doenças do aparelho digestivo	K00-K93
40	Úlcera péptica	K25-K27
41	Doença crónica do fígado e cirrose	K70, K73-K74
42	Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo	L00-L99
43	Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	M00-M99
44	Doenças do aparelho geniturinário	N00-N99
45	Complicações da gravidez, parto e puerpério	O00-O99
46	Algumas afeções originadas no período perinatal	P00-P96
47	Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas	Q00-Q99
48	Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas	R00-R99
49	Causas externas de lesão e envenenamento	V01-Y89
50	Acidentes e sequelas	V01-X59,Y85-Y86
51	Acidentes de transporte e sequelas	V01-V99,Y85
52	Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda	W00-W20
53	Envenenamento acidental	X40-X49
54	Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas	X60-X84,Y87.0
55	Agressões e sequelas	X85-Y09,Y87.1

Anexo 2 – Lista de quadros de resultados

Quadro 1 - Total de causas (CID-10: A00-Y89) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 2 - Total de causas (CID-10: A00-Y89) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 3 - Total de causas (CID-10: A00-Y89) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 4 - Total de causas (CID-10: A00-Y89) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 5 - Total de causas (CID-10: A00-Y89) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 6 - Total de causas (CID-10: A00-Y89) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 7 - Algumas doenças infeciosas e parasitárias (CID-10: A00-B99) - Óbitos por Local de residência (NUTS-2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 8 - Algumas doenças infeciosas e parasitárias (CID-10: A00-B99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 9 - Algumas doenças infeciosas e parasitárias (CID-10: A00-B99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 10 - Algumas doenças infeciosas e parasitárias (CID-10: A00-B99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 11 - Algumas doenças infeciosas e parasitárias (CID-10: A00-B99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 12 - Algumas doenças infeciosas e parasitárias (CID-10: A00-B99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 13 - Tuberculose (CID-10: A15-A19, B90) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 14 - Tuberculose (CID-10: A15-A19, B90) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 15 - Tuberculose (CID-10: A15-A19, B90) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 16 - Tuberculose (CID-10: A15-A19, B90) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 17 - Tuberculose (CID-10: A15-A19, B90) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 18 - Tuberculose (CID-10: A15-A19, B90) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 19 - VIH/SIDA - Infeção por vírus da imunodeficiência humana (CID-10: B20-B24) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 20 - VIH/SIDA - Infeção por vírus da imunodeficiência humana (CID-10: B20-B24) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 21 - VIH/SIDA - Infeção por vírus da imunodeficiência humana (CID-10: B20-B24) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 22 - VIH/SIDA - Infeção por vírus da imunodeficiência humana (CID-10: B20-B24) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 23 - VIH/SIDA - Infeção por vírus da imunodeficiência humana (CID-10: B20-B24) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 24 - VIH/SIDA - Infeção por vírus da imunodeficiência humana (CID-10: B20-B24) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 25 - Tumores (CID-10: C00-D48) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 26 - Tumores (CID-10: C00-D48) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 27 - Tumores (CID-10: C00-D48) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 28 - Tumores (CID-10: C00-D48) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 29 - Tumores (CID-10: C00-D48) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 30 - Tumores (CID-10: C00-D48) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 31 - Tumores malignos (CID-10: C00-C97) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 32 - Tumores malignos (CID-10: C00-C97) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 33 - Tumores malignos (CID-10: C00-C97) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 34 - Tumores malignos (CID-10: C00-C97) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 35 - Tumores malignos (CID-10: C00-C97) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 36 - Tumores malignos (CID-10: C00-C97) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 37 - Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (CID-10: C33-C34) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 38 - Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (CID-10: C33-C34) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 39 -Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (CID-10: C33-C34) -Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 40 - Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (CID-10: C33-C34) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 41 - Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (CID-10: C33-C34) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 42 - Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão (CID-10: C33-C34) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 43 - Tumor maligno do cólon, reto e ânus (CID-10: C18-C21) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 44 - Tumor maligno do cólon, reto e ânus (CID-10: C18-C21) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 45 - Tumor maligno do cólon, reto e ânus (CID-10: C18-C21) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 46 - Tumor maligno do cólon, reto e ânus (CID-10: C18-C21) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 47 - Tumor maligno do cólon, reto e ânus (CID-10: C18-C21) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 48 - Tumor maligno do cólon, reto e ânus (CID-10: C18-C21) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 49 - Tumor maligno da mama (CID-10: C50) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 50 - Tumor maligno da mama (CID-10: C50) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 51 - Tumor maligno da mama (CID-10: C50) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 52 - Tumor maligno da mama (CID-10: C50) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 53 - Tumor maligno da mama (CID-10: C50) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 54 - Tumor maligno da mama (CID-10: C50) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 55 - Tumor maligno do estômago (CID-10: C16) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 56 - Tumor maligno do estômago (CID-10: C16) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 57 - Tumor maligno do estômago (CID-10: C16) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 58 - Tumor maligno do estômago (CID-10: C16) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 59 - Tumor maligno do estômago (CID-10: C16) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 60 - Tumor maligno do estômago (CID-10: C16) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 61 - Tumor maligno do pâncreas (CID-10: C25) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 62 - Tumor maligno do pâncreas (CID-10: C25) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 63 - Tumor maligno do pâncreas (CID-10: C25) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 64 - Tumor maligno do pâncreas (CID-10: C25) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 65 - Tumor maligno do pâncreas (CID-10: C25) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 66 - Tumor maligno do pâncreas (CID-10: C25) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 67 - Tumor maligno da próstata (CID-10: C61) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 68 - Tumor maligno da próstata (CID-10: C61) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 69 - Tumor maligno da próstata (CID-10: C61) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 70 - Tumor maligno da próstata (CID-10: C61) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 71 - Tumor maligno da próstata (CID-10: C61) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 72 - Tumor maligno da próstata (CID-10: C61) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 73 - Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (CID-10: C22) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 74 - Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (CID-10: C22) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 75 - Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (CID-10: C22) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 76 - Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (CID-10: C22) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 77 - Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (CID-10: C22) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 78 - Tumor maligno do fígado e das vias biliares intra-hepáticas (CID-10: C22) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 79 - Tumor maligno do colo do útero (CID-10: C53) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 80 - Tumor maligno do colo do útero (CID-10: C53) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 81 - Tumor maligno do colo do útero (CID-10: C53) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 82 - Tumor maligno do colo do útero (CID-10: C53) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 83 - Tumor maligno do colo do útero (CID-10: C53) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 84 - Tumor maligno do colo do útero (CID-10: C53) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 85 - Tumor maligno do ovário (CID-10: C56) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 86 - Tumor maligno do ovário (CID-10: C56) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 87 - Tumor maligno do ovário (CID-10: C56) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 88 - Tumor maligno do ovário (CID-10: C56) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 89 - Tumor maligno do ovário (CID-10: C56) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 90 - Tumor maligno do ovário (CID-10: C56) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 91 - Doença de Hodgkin (CID-10: C81) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 92 - Doença de Hodgkin (CID-10: C81) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 93 - Doença de Hodgkin (CID-10: C81) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 94 - Doença de Hodgkin (CID-10: C81) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 95 - Doença de Hodgkin (CID-10: C81) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 96 - Doença de Hodgkin (CID-10: C81) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 97 - Leucemia (CID-10: C91-C95) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 98 - Leucemia (CID-10: C91-C95) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 99 - Leucemia (CID-10: C91-C95) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 100 - Leucemia (CID-10: C91-C95) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 101 - Leucemia (CID-10: C91-C95) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 102 - Leucemia (CID-10: C91-C95) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 103 - Tumor maligno da bexiga (CID-10: C67) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 104 - Tumor maligno da bexiga (CID-10: C67) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 105 - Tumor maligno da bexiga (CID-10: C67) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 106 - Tumor maligno da bexiga (CID-10: C67) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 107 - Tumor maligno da bexiga (CID-10: C67) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 108 - Tumor maligno da bexiga (CID-10: C67) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 109 - Melanoma maligno da pele (CID-10: C43) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 110 - Melanoma maligno da pele (CID-10: C43) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 111 - Melanoma maligno da pele (CID-10: C43) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 112 - Melanoma maligno da pele (CID-10: C43) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 113 - Melanoma maligno da pele (CID-10: C43) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 114 - Melanoma maligno da pele (CID-10: C43) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 115 - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (CID-10: D50-D89) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 116 - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (CID-10: D50-D89) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 117 - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (CID-10: D50-D89) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 118 - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (CID-10: D50-D89) - Óbitos e taxas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 119 - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (CID-10: D50-D89) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade, por Local de residência (NUTS-2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 120 - Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários (CID-10: D50-D89) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 121 - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (CID-10: E00-E90) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 122 - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (CID-10: E00-E90) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 123 - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (CID 10: E00-E90) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 124 - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (CID-10: E00-E90) - Óbitos e taxas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 125 - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (CID-10: E00-E90) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade, por Local de residência (NUTS-2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 126 - Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (CID-10: E00-E90) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), por sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 127 - Diabetes mellitus (CID-10: E10-E14) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 128 - Diabetes mellitus (CID-10: E10-E14) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 129 - Diabetes mellitus (CID-10: E10-E14) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 130 - Diabetes mellitus (CID-10: E10-E14) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 131 - Diabetes mellitus (CID-10: E10-E14) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 132 - Diabetes mellitus (CID-10: E10-E14) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 133 - Perturbações mentais e do comportamento (CID-10: F00-F99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 134 - Perturbações mentais e do comportamento (CID-10: F00-F99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 135 - Perturbações mentais e do comportamento (CID-10: F00-F99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 136 - Perturbações mentais e do comportamento (CID-10: F00-F99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 137 - Perturbações mentais e do comportamento (CID-10: F00-F99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 138 - Perturbações mentais e do comportamento (CID-10: F00-F99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 139 - Demência (CID-10: F00-F03) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 140 - Demência (CID-10: F00-F03) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 141 - Demência (CID-10: F00-F03) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 142 - Demência (CID-10: F00-F03) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 143 - Demência (CID-10: F00-F03) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 144 - Demência (CID-10: F00-F03) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 145 - Abuso de álcool (CID-10: F10) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 146 - Abuso de álcool (CID-10: F10) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 147 - Abuso de álcool (CID-10: F10) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 148 - Abuso de álcool (CID-10: F10) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 149 - Abuso de álcool (CID-10: F10) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 150 - Abuso de álcool (CID-10: F10) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 151 - Dependência de drogas, toxicomania (CID-10: F11-F16, F18-F19) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 152 - Dependência de drogas, toxicomania (CID-10: F11-F16, F18-F19) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 153 - Dependência de drogas, toxicomania (CID-10: F11-F16, F18-F19) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 154 - Dependência de drogas, toxicomania (CID-10: F11-F16, F18-F19) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 155 - Dependência de drogas, toxicomania (CID-10: F11-F16, F18-F19) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 156 - Dependência de drogas, toxicomania (CID-10: F11-F16, F18-F19) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 157 - Doenças do sistema nervoso e dos orgãos dos sentidos (CID-10: G00-H95) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 158 - Doenças do sistema nervoso e dos orgãos dos sentidos (CID-10: G00-H95) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 159 - Doenças do sistema nervoso e dos orgãos dos sentidos (CID-10: G00-H95) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 160 - Doenças do sistema nervoso e dos orgãos dos sentidos (CID-10: G00-H95) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 161 - Doenças do sistema nervoso e dos orgãos dos sentidos (CID-10: G00-H95) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 162 - Doenças do sistema nervoso e dos orgãos dos sentidos (CID-10: G00-H95) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 163 - Doença de Parkinson (CID-10: G20--G21) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 164 - Doença de Parkinson (CID-10: G20-G21) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 165 - Doença de Parkinson (CID-10: G20--G21) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 166 - Doença de Parkinson (CID-10: G20--G21) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 167 - Doença de Parkinson (CID-10: G20--G21) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 168 - Doença de Parkinson (CID-10: G20--G21) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 169 - Doença de Alzheimer (CID-10: G30) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 170 - Doença de Alzheimer (CID-10: G30) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 171 - Doença de Alzheimer (CID-10: G30) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 172 - Doença de Alzheimer (CID-10: G30) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 173 - Doença de Alzheimer (CID-10: G30) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 174 - Doença de Alzheimer (CID-10: G30) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 175 - Doenças do aparelho circulatório (CID-10: I00-I99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 176 - Doenças do aparelho circulatório (CID-10: I00-I99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 177 - Doenças do aparelho circulatório (CID-10: I00-I99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 178 - Doenças do aparelho circulatório (CID-10: I00-I99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 179 - Doenças do aparelho circulatório (CID-10: I00-I99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 180 - Doenças do aparelho circulatório (CID-10: I00-I99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 181 - Doença isquémica do coração (CID-10: I20-I25) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 182 - Doença isquémica do coração (CID-10: I20-I25) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 183 - Doença isquémica do coração (CID-10: I20-I25) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 184 - Doença isquémica do coração (CID-10: I20-I25) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 185 - Doença isquémica do coração (CID-10: I20-I25) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013

Quadro 186 - Doença isquémica do coração (CID-10: I20-I25) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 187 - Enfarte agudo do miocárdio (CID-10: I21-I22) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 188 - Enfarte agudo do miocárdio (CID-10: I21-I22) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 189 - Enfarte agudo do miocárdio (CID-10: I21-I22) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 190 - Enfarte agudo do miocárdio (CID-10: I21-I22) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 191 - Enfarte agudo do miocárdio (CID-10: I21-I22) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 192 - Enfarte agudo do miocárdio (CID-10: I21-I22) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 193 - Doenças cerebrovasculares (CID-10: I60-I69) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 194 - Doenças cerebrovasculares (CID-10: I60-I69) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 195 - Doenças cerebrovasculares (CID-10: I60-I69) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 196 - Doenças cerebrovasculares (CID-10: I60-I69) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 197 - Doenças cerebrovasculares (CID-10: I60-I69) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 198 - Doenças cerebrovasculares (CID-10: I60-I69) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 199 - Doenças do aparelho respiratório (CID-10: J00-J99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 200 - Doenças do aparelho respiratório (CID-10: J00-J99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 201 - Doenças do aparelho respiratório (CID-10: J00-J99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 202 - Doenças do aparelho respiratório (CID-10: J00-J99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 203 - Doenças do aparelho respiratório (CID-10: J00-J99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 204 - Doenças do aparelho respiratório (CID-10: J00-J99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 205 - Influenza [Gripe] (CID-10: J10-J11) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 206 - Influenza [Gripe] (CID-10: J10-J11) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 207 - Influenza [Gripe] (CID-10: J10-J11) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 208 - Influenza [Gripe] (CID-10: J10--J11) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 209 - Influenza [Gripe] (CID-10: J10-J11) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 210 - Influenza [Gripe] (CID-10: J10-J11) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 211 - Pneumonia (CID-10: J12-J18) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 212 - Pneumonia (CID-10: J12-J18) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 213 - Pneumonia (CID-10: J12-J18) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 214 - Pneumonia (CID-10: J12-J18) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 215 - Pneumonia (CID-10: J12-J18) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 216 - Pneumonia (CID-10: J12-J18) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 217 - Doença pulmonar obstrutiva crónica (CID-10: J40-J44) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 218 - Doença pulmonar obstrutiva crónica (CID-10: J40-J44) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 219 - Doença pulmonar obstrutiva crónica (CID-10: J40-J44) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 220 - Doença pulmonar obstrutiva crónica (CID-10: J40-J44)- Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 221 - Doença pulmonar obstrutiva crónica (CID-10: J40-J44) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 222 - Doença pulmonar obstrutiva crónica (CID-10: J40-J44) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 223 - Asma e estado de mal asmático (CID-10: J45-J46) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 224 - Asma e estado de mal asmático (CID-10: J45-J46) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 225 - Asma e estado de mal asmático (CID-10: J45-J46) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 226 - Asma e estado de mal asmático (CID-10: J45-J46) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 227 - Asma e estado de mal asmático (CID-10: J45-J46) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Localização geográfica - NUTS 2013
Quadro 228 - Asma e estado de mal asmático (CID-10: J45-J46) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 229 - Doenças do aparelho digestivo (CID-10: K00-K93) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 230 - Doenças do aparelho digestivo (CID-10: K00-K93) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 231 - Doenças do aparelho digestivo (CID-10: K00-K93) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 232 - Doenças do aparelho digestivo (CID-10: K00-K93) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 233 - Doenças do aparelho digestivo (CID-10: K00-K93) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 234 - Doenças do aparelho digestivo (CID-10: K00-K93) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 235 - Úlcera péptica (CID-10: K25-K27) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 236 - Úlcera péptica (CID-10: K25-K27) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 237 - Úlcera péptica (CID-10: K25-K27) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 238 - Úlcera péptica (CID-10: K25-K27) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 239 - Úlcera péptica (CID-10: K25-K27) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 240 - Úlcera péptica (CID-10: K25-K27) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 241 - Doença crónica do fígado e cirrose (CID-10: K70, K73-K74) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 242 - Doença crónica do fígado e cirrose (CID-10: K70, K73-K74) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 243 - Doença crónica do fígado e cirrose (CID-10: K70, K73-K74) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 244 - Doença crónica do fígado e cirrose (CID-10: K70, K73-K74) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS – 2013)
Quadro 245 - Doença crónica do fígado e cirrose (CID-10: K70, K73-K74) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS – 2013), segundo o Sexo – 2015 - Local de residência (NUTS – 2013)
Quadro 246 - Doença crónica do fígado e cirrose (CID-10: K70, K73-K74) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS – 2013), segundo o Sexo – 2015 - Local de residência (NUTS – 2013)

Quadro 247 - Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (CID-10: L00-L99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 248 - Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (CID-10: L00-L99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 249 - Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (CID-10: L00-L99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 250 - Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (CID-10: L00-L99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 251 - Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (CID-10: L00-L99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 252 - Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo (CID-10: L00-L99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 253 - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (CID-10: M00-M99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 254 - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (CID-10: M00-M99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 255 - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (CID-10: M00-M99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 256 - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (CID-10: M00-M99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 257 - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (CID-10: M00-M99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 258 - Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (CID-10: M00-M99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 259 - Doenças do aparelho geniturinário (CID-10: N00-N99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 260 - Doenças do aparelho geniturinário (CID-10: N00-N99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 261 - Doenças do aparelho geniturinário (CID-10: N00-N99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 262 - Doenças do aparelho geniturinário (CID-10: N00-N99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 263 - Doenças do aparelho geniturinário (CID-10: N00-N99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 264 - Doenças do aparelho geniturinário (CID-10: N00-N99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 265 - Complicações da gravidez, parto e puerpério (CID-10: O00-O99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 266 - Complicações da gravidez, parto e puerpério (CID-10: O00-O99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 267 - Complicações da gravidez, parto e puerpério (CID-10: O00-O99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 268 - Complicações da gravidez, parto e puerpério (CID-10: O00-O99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 269 - Complicações da gravidez, parto e puerpério (CID-10: O00-O99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 270 - Complicações da gravidez, parto e puerpério (CID-10: O00-O99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 271 - Algumas afeções originadas no período perinatal (CID-10: P00-P96) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 272 - Algumas afeções originadas no período perinatal (CID-10: P00-P96) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 273 - Algumas afeções originadas no período perinatal (CID-10: P00-P96) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 274 - Algumas afeções originadas no período perinatal (CID-10: P00-P96) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 275 - Algumas afeções originadas no período perinatal (CID-10: P00-P96) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 276 - Algumas afeções originadas no período perinatal (CID-10: P00-P96) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 277 - Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (CID-10: Q00-Q99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 278 - Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (CID-10: Q00-Q99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 279 - Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (CID-10: Q00-Q99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 280 - Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (CID-10: Q00-Q99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 281 - Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (CID-10: Q00-Q99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 282 - Malformações congénitas, deformidades e anomalias cromossómicas (CID-10: Q00-Q99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 283 - Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (CID-10: R00-R99) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 284 - Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (CID-10: R00-R99) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 285 - Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (CID-10: R00-R99) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 286 - Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (CID-10: R00-R99) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 287 - Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (CID-10: R00-R99) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 288 - Sintomas, sinais, exames anormais, causas mal definidas (CID-10: R00-R99) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 289 - Causas externas de lesão e envenenamento (CID-10: V01-Y89) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 290 - Causas externas de lesão e envenenamento (CID-10: V01-Y89) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 291 - Causas externas de lesão e envenenamento (CID-10: V01-Y89) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 292 - Causas externas de lesão e envenenamento (CID-10: V01-Y89) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 293 - Causas externas de lesão e envenenamento (CID-10: V01-Y89) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 294 - Causas externas de lesão e envenenamento (CID-10: V01-Y89) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 295 - Acidentes e sequelas (CID-10: V01-X59,Y85-Y86) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 296 - Acidentes e sequelas (CID-10: V01-X59,Y85-Y86) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 297 - Acidentes e sequelas (CID-10: V01-X59,Y85-Y86) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 298 - Acidentes e sequelas (CID-10: V01-X59,Y85-Y86) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 299 - Acidentes e sequelas (CID-10: V01-X59,Y85-Y86) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 300 - Acidentes e sequelas (CID-10: V01-X59,Y85-Y86) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 301 - Acidentes de transporte e sequelas (CID-10: V01-V99,Y85) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 302 - Acidentes de transporte e sequelas (CID-10: V01-V99,Y85) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 303 - Acidentes de transporte e sequelas (CID-10: V01-V99,Y85) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 304 - Acidentes de transporte e sequelas (CID-10: V01-V99,Y85) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 305 - Acidentes de transporte e sequelas (CID-10: V01-V99,Y85) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 306 - Acidentes de transporte e sequelas (CID-10: V01-V99,Y85) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 307 - Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (CID-10: W00-W20) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 308 - Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (CID-10: W00-W20) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 309 - Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (CID-10: W00-W20) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 310 - Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (CID-10: W00-W20) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 311 - Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (CID-10: W00-W20) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 312 - Quedas acidentais e impactos causados por objetos lançados, projetados ou em queda (CID-10: W00-W20) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 313 - Envenenamento acidental (CID-10: X40-X49) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 314 - Envenenamento acidental (CID-10: X40-X49) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 315 - Envenenamento acidental (CID-10: X40-X49) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 316 - Envenenamento acidental (CID-10: X40-X49) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 317 - Envenenamento acidental (CID-10: X40-X49) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 318 - Envenenamento acidental (CID-10: X40-X49) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 319 - Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (CID-10: X60-X84,Y87.0) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 320 - Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (CID-10: X60-X84,Y87.0) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 321 - Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (CID 10: X60-X84,Y87.0) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 322 - Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (CID-10: X60-X84,Y87.0) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 323 - Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (CID-10: X60-X84,Y87.0) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 324 - Lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (CID-10: X60-X84,Y87.0) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

Quadro 325 - Agressões e sequelas (CID-10: X85-Y09, Y87.1) - Óbitos por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo – 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 326 - Agressões e sequelas (CID-10: X85-Y09, Y87.1) - Mortalidade proporcional por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 327 - Agressões e sequelas (CID-10: X85-Y09, Y87.1) - Taxas de mortalidade padronizadas (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 328 - Agressões e sequelas (CID-10: X85-Y09, Y87.1) - Óbitos e taxas brutas de mortalidade (por 100 000 habitantes), por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o grupo etário e sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 329 - Agressões e sequelas (CID-10: X85-Y09, Y87.1) - Óbitos e razões padronizadas de mortalidade por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)
Quadro 330 - Agressões e sequelas (CID-10: X85-Y09, Y87.1) - Anos potenciais de vida perdidos e taxas, por Local de residência (NUTS - 2013), segundo o sexo - 2015 - Local de residência (NUTS - 2013)

www.ine.pt